Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Fernanda Neiva Moura

Corpos Plurais na Educação Física: Conversas com Professora(e)s sobre Gênero e Sexualidades

Duque de Caxias
2024

Fernanda Neiva Moura

Corpos Plurais na Educação Física: Conversas com Professora(e)s sobre Gênero e Sexualidades

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias

.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Amaro

Duque de Caxias

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

M929 Moura, Fernanda Neiva
Tese Corpos Plurais na Educação Física: Conversas com Professora(e)s sobre Gênero e Sexualidades. / Fernanda Neiva Moura; orientação Prof. Dr. Ivan Amaro. - 2024.

155 f.

Orientador(a): Ivan Amaro.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Pluralidade de corpos - Teses. 2. Educação Física Escolar - Teses. 3. Gênero – Teses. 4. Sexualidade – Teses. I. Amaro, Ivan. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 37: 613.71

Bibliotecária: Ana Paola Araujo – CRB7/6387

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---------- ----------

Assinatura Data

Fernanda Neiva Moura

Corpos Plurais na Educação Física: Conversas com Professora(e)s sobre Gênero e Sexualidades

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias.

Aprovada em 21 de outubro de 2024.

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Ivan Amaro (Orientador)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

_____
Prof.ª Dra. Flávia Faissal de Souza
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

_____
Prof. Dr. Leandro Teófilo de Brito
Universidade Federal do Rio de Janeiro

_____
Profª Drª Adrianne Ogêda Guedes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2024

DEDICATÓRIA

Pode parecer egocêntrica essa dedicatória, mas nesse espaço no qual posso dedicar a alguém esse processo acadêmico e criativo, dedico a pessoa que esteve 24 horas comigo, sorrindo, chorando, surtando, crescendo, vivendo… Dedico a Fernanda Neiva Moura.

Dedico a Fernanda, que aos 11 anos teve coragem de pedir a sua avó para jogar futebol. A Fernanda de 17 anos, que entrou em uma Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com o sonho de fazer a diferença.

A Fernanda de 20 anos, que conheceu o amor romântico e começou a experienciar a dor e a delícia de não estar dentro do que a sociedade considera padrão, que começou a sofrer repressões pelo o que é e pelo o que ama.

Dedico a Fernanda de 22 anos, que perdeu sua avó e ficou sem chão, sem rumo, mas seguiu e segue fazendo o possível para não parar.

Dedico a Fernanda de hoje, de 25 anos, que ao mesmo tempo não se reconhece como nenhuma dessas Fernandas anteriores, mas tenta resgatá-las sempre que surgem os questionamentos “Por que eu estudo o que estudo? O que me fez chegar aqui?”, no intuito de fazer os olhos brilharem novamente com o que faz.

O caminho não foi e nunca vai ser fácil para esse corpo condenado a não ser dócil, mas eu te dedico, Fernanda, essa dissertação para quando o tempo passar você poder ver que “É tudo no seu tempado”. E que você, menina chorona, consiga perceber que a melhor companhia que pode ter é a sua, com essas várias versões que te compõe e que te fazem única.

Quando você, menina dos olhos de Oyá, perceber sua força, que o mundo se prepare, porque arreda homem que lá vem mulher!

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo à Iansã, minha mãe, e a todos os Orixás que me protegem, que me guiam nessa passagem pela terra. Agradeço ao Pai Joaquim que sempre tem uma palavra de conforto, um colo pra deitar e carinho para dar aos seus filhos. Agradeço ao meu Terreiro Ife de Oxum Ilê de Exu, e aos meus irmãos de santo que por meio da Umbanda me fortaleceram mesmo sem nem terem noção da grandiosidade que fazem ao me aceitarem nesse corpo mediúnico.

Agradeço a minha avó Nanci (in memorian), que mesmo não estando mais nesse plano, segue se fazendo presente nos momentos em que mais preciso. Seu colo faz falta, seu carinho também e saber que herdei de você o que de mais puro você carregava é uma honra para mim. Espero continuar te dando orgulho por toda a minha vida.

A minha família carnal, Simone, Rodney, Thales, Eliana e Márcio, eu agradeço por fazerem o possível para que tudo desse certo, por me ensinarem a ser forte, mesmo que eu não acredite nessa força. Agradeço por me motivarem, nem sempre da melhor forma, a estar onde estou e a sempre querer mais.

A família que escolhi, os meus amigos Lucas Simão e Emanuelle Coelho, eu agradeço pela paciência, eu sei que não sou fácil, obrigada pelo companheirismo e carinho. É impossível pensar nessa produção ou em qualquer conquista minha sem agradecer quem estava aqui desde o início, o mundo está sempre o contrário para a gente e é nessa percepção do caos e dançando em meio a tempestade que seguimos, mesmo que não mais perto fisicamente.

A quem faz meu coração bater mais forte, Yasmin Rodrigues, eu agradeço por acalmá-lo, mesmo que eu não consiga explicar em palavras como isso é feito, só nós sabemos o que temos. Obrigada por estar comigo durante essa reta final, a entrega dele não seria possível sem a sua ajuda, companheirismo e paciência. Obrigada por me permitir ventar no seu mar, que mesmo revolto, não deixa de ser belo e desperta em mim o que ninguém antes fez. Te amo, minha Sereia.

Não posso deixar de agradecer a Lainara Santana que está nessa caminhada comigo desde 2017, sendo meu ponto de equilíbrio diário dentro desse mundo

acadêmico, experienciando a batalha que é conciliar vida profissional, acadêmica e pessoal.

Obrigada a minha psicóloga Juliana, por me ajudar nos meus processos e por ser um componente primordial nessa minha luta interna, contra todas as minhas ansiedades, meus medos e angústias.

Ao meu orientador, Ivan Amaro, eu agradeço a confiança por apostar na menina de 22 anos recém formada que estava sonhando com uma oportunidade de poder se aprofundar e crescer dentro do meio acadêmico. Obrigada por me tirar da pesquisa tradicional, por me fazer colocar em prática, ou ao menos tentar, desconstruir tudo o que está implementado nesse meio.

Agradeço a minha banca examinadora, Flávia Faissal, Leandro Teófilo e Adrianne Ogêda, o prazer de ter vocês como contribuidores dessa produção acadêmica, me sinto honrada de tê-los nesse momento de conclusão nesta etapa da minha formação. São profissionais como vocês que me inspiram e que almejo me tornar.

Aos componentes do Grupo de Pesquisa NuDES (Núcleo de Estudos e Pesquisas: Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidade), agradeço pelas tardes e viagens potentes com trocas de experiências, pesquisas e perspectivas de vida que fizeram o ato de pesquisar mais leve e gostoso.

À Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), à Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e ao Programa de Pós Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC), a minha eterna gratidão por ser meu lar durante essa etapa da minha vida, muitos estudos, horas de trânsito, mas também muito aprendizado e potência dentro da nossa Baixada Fluminense.

Não posso deixar de agradecer às/aos professoras/es que aceitaram participar desta pesquisa. Sem vocês, não seria possível procurar levar a frente essas inquietações com o intuito de desconstruir os estigmas dentro da Educação Física e da Educação de uma forma geral. Obrigada pela troca e por contribuir para este momento formativo.

Obrigada a todas/os que participaram direta ou indiretamente da minha dissertação. Obrigada aos que escreveram sobre corpo, gênero e sexualidade antes de mim, obrigada a todas/os que lutam todos os dias para que um dia essa temática

não seja um tabu no meio acadêmico e nem no meio social, que seja nossa realidade e que sejamos finalmente livres.

Ventania é reboliço
Que se faz dentro do peito
Liberdade para amar
Coração ardente sem medo.

A coragem de amar
Nas costas um búfalo faz levar
Para o outro sem peso voar
Na leveza de uma borboleta.

Amor é calor de fogueira
Aquece mas não queima
É raio em tempestades
Às vezes assusta
Mas ilumina a caminhada.

O amor de Oyá
É ponto e contraponto
Ama feito brisa
Protege feito fogo
Eparrey!

Lucas Roniery da Silva, 2024

RESUMO

MOURA, Fernanda Neiva. **Corpos Plurais na Educação Física:** Conversas com Professora(e)s sobre Gênero e Sexualidades. 2024.153 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

Essa dissertação se encontra dentro da abordagem das teorias pós-críticas e pós-estruturais, se colocando contra os essencialismos e binarismos enraizados na sociedade e, principalmente, ainda muito presentes nas aulas de Educação Física escolar, entendendo que pesquisar é um ato político. Esta pesquisa tem como foco a pluralidade das corporeidades presentes no espaço escolar. Assim, o objetivo é investigar as percepções de professoras/es de Educação Física que atuam no Ensino Básico, sobre os corpos da(o)s aluna(o)s, buscando identificar que relações estabelecem com as questões de gênero e sexualidades no cotidiano de suas aulas, bem identificar quais as noções com as quais operam. A metodologia se pautou nos princípios da cartografia, entendendo que toda pesquisa é processo e se constrói nos emaranhados do próprio caminhar, utilizando da conversa como principal procedimento para ter acesso às experiências das/os docentes da Educação Básica e que atuam no Rio de Janeiro. Para isso, foram utilizados de três (03) pontos de inquietações na tentativa de identificar como as concepções de gênero e sexualidades são evidenciadas nas aulas e quais indícios de práticas não-estigmatizantes dos movimentos e gestos corporais foram encontrados. Foram eles: Como as/os professoras/es fazem ou não a divisão das/os alunas/os em suas aulas, se tiveram ou não acesso ao anúncio da Copa do Mundo Feminina de Futebol em 2027, sediada no Brasil e como as/os professoras/es pretendiam ou não abordar a temática dos Jogos Olímpicos de 2024 em Paris, na França**.** Considerando o método utilizado que pauta a não linearidade dos procedimentos, foi possível notar que a formação continuada não é a solução para superar o despreparo docente para abordar a temática, mas é um caminho possível, a formação docente necessita de uma grade curricular que forme professoras/es que tenham o contato com os conceitos vinculados às pluralidades relacionadas à corporeidades, gêneros e sexualidades.

Palavras-chave: Pluralidade de corpos. Educação Física Escolar. Gênero. Sexualidades

RESUMEN

MOURA, Fernanda Neiva. **Cuerpos plurales en educación física:** conversaciones con docentes sobre género y sexualidades. 2024. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2024.

Esta disertación se inscribe en el abordaje de las teorías poscríticas y posestructurales, ubicándose en contra de esencialismos y binarismos arraigados en la sociedad y, principalmente, aún muy presentes en las clases de Educación Física escolar, entendiendo que la investigación es un acto político. Esta investigación se centra en la pluralidad de corporeidades presentes en el espacio escolar. Así, el objetivo es investigar las percepciones de los docentes de Educación Física que trabajan en la Educación Básica, sobre el cuerpo de sus estudiantes, buscando identificar qué relaciones establecen con las cuestiones de género y sexualidades en el cotidiano de sus clases, así como identificar. con qué nociones operan. La metodología se basó en los principios de la cartografía, entendiendo que toda investigación es un proceso y se construye sobre los enredos del caminar mismo, utilizando la conversación como procedimiento principal para acceder a las experiencias de los profesores de Educación Básica que actúan en Río de Janeiro. Para ello, se utilizaron tres (03) puntos de preocupación en el intento de identificar cómo se resaltan las concepciones de género y sexualidades en las clases y qué signos de prácticas no estigmatizantes de movimientos y gestos corporales se encontraron. Ellos eran: ¿Cómo dividen o no los profesores a los estudiantes en sus clases, si tuvieron acceso o no al anuncio del Mundial de Fútbol Femenino de 2027, celebrado en Brasil, y cómo lo hacen los profesores si tenían o no la intención de abordar el tema del 2024? Juegos Olímpicos en París, Francia. Considerando el método utilizado que orienta la no linealidad de los procedimientos, se pudo notar que la formación continua no es la solución para superar la despreparación docente para abordar el tema, pero es un camino posible, la formación docente requiere de un currículo que capacite a los docentes. /es que tienen contacto con conceptos ligados a pluralidades relacionadas con la corporalidad, los géneros y las sexualidades.

Palabras-clave: Pluralidad de cuerpos. Educación Física Escolar. Género. Sexualidad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Representação do artista Thales Neiva da composição da Família Fontão 18
Figura 2 – Performance no Futsal e na Dança..... 20
Figura 3 - Meme disparador da 1ª etapa da conversação..... 51
Figura 4 - Postagem disparadora da 2ª etapa da conversação..... 53
Figura 5 - 1ª Etapa de contato com as/os participantes pelo Google Forms..... 55
Figura 6 - 2ª Etapa de contato com as/os participantes pelo Google Forms..... 56
Figura 7 - Escopo Final de Participantes da Pesquisa..... 57
Figura 8 - Busca na BDTD/IBICT..... 66
Figura 9 - 1ª Fase do processo de construção do Estado do Conhecimento..... 67
Figura 10 - 2ª Fase do processo de construção do Estado do Conhecimento..... 68

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BTD	Biblioteca de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLAM	Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos
CNE	Conselho Nacional de Educação
CP	Conselho Pleno
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FEBF	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
GDE	Projeto Gênero e Diversidade na Escola
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEGESEX	Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, IntersexuaisAssexuais, Aliados, Pansexuais….+
MEC	Ministério da Educação
NuDES	Núcleo de Estudos em Gênero e Sexualidade

PPGECC	Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAB	Sistema Universidade Aberta do Brasil
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

DA QUADRA AO PALCO: PRIMEIRO PASSO PARA O (RE)CONHECIMENTO DA PESQUISADORA..... 17

1 **DO PASSE AO PASSÉ: PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA DAR MOVIMENTO AOS CORPOS**..... 36

1.1 **Desvendando o método Cartográfico: Um caminho em construção**. 39

1.2 **"É conversando que a gente se entende": A conversa como metodologia**..... 44

1.3. **Quem vem para a Conversa? As/os professoras/es participantes da pesquisa**..... 48

1.4. **Perfil das/dos participantes no processo cartográfico**..... 54

2 **DO SINGULAR ÀS PLURALIDADES: FORMAÇÃO DOCENTE, GÊNERO, SEXUALIDADES E CORPORALIDADES**..... 61

2.1 **Aproximação com o campo: O Estado do Conhecimento sobre Gênero, Sexualidades e Corpos**..... 62

2.1.1 Apresentando o processo e os achados do Estado do Conhecimento.....65

2.2 **Gênero e Sexualidades na Escola: Concepções em disputa e suas relações com a Educação Física Escolar**..... 71

2.3 **Corporeidades na Escola: Corpos e Sujeitos na/da Educação Física** 77

3 **DA TEORIA À PRÁTICA: AFINIDADES E AFASTAMENTOS PRESENTES NAS FALAS DOCENTES**..... 81

3.1 **A relação de saber/poder das/os docentes com as concepções de Gênero e Sexualidades**..... 85

3.2 **(In)Existência de Gênero e Sexualidades na Formação Docente em Educação Física**..... 94

3.3 **Prática docente como (não)perpetuadora da estigmatização das pluralidades**..... 101

3.3.1 Práticas de organização das/os alunas/os nas aulas: Meninos de um lado, meninas de outro?.....102

3.3.2 Copa do Mundo Feminina de Futebol no Brasil em 2027: Protagonismo feminino em pauta..... 106

3.3.3 Jogos Olímpicos 2024: Explorando novas possibilidades?.....110

CONSIDERAÇÕES SEM FIM…..... 115

REFERÊNCIAS..... 119

APÊNDICE A - Modelo de Termo de Consentimento de Livre Esclarecido 140

APÊNDICE B - Formulário de participação da pesquisa..... 142

APÊNDICE C - Tabela de Teses consultadas.....144

APÊNDICE D - Tabela de dissertações consultadas..... 146

APÊNDICE E - Tabela do Estado de conhecimento..... 154

DA QUADRA AO PALCO: PRIMEIRO PASSO PARA O (RE)CONHECIMENTO DA PESQUISADORA

Os pequenos contatos são a Revolução.
Marisa Montrucchio

Com a fala de Marisa Montrucchio[1], durante uma de suas palestras que pude presenciar em ambiente virtual, inicio minha escrita ressaltando como os pequenos contatos com práticas corporais de futsal/futebol e dança me fizeram chegar à realização desta pesquisa. As questões de gênero e sexualidades me inquietam e despertam minha curiosidade desde que comecei a praticar esportes quando era uma pré-adolescente de 11 anos.

O esporte que mais me interessava era o futebol, esporte conhecido como paixão nacional (Ribeiro, 2012). Principalmente entre o público masculino, sendo estimulada desde a infância pelos familiares, instituições de ensino e toda a sociedade, porém, para o público feminino, a prática não era/é incentivada na mesma proporção.

Pertencer a uma família que rompia com os padrões de gênero impostos pela sociedade de forma tão livre e natural iniciou meu percurso por essa área temática, sem mesmo ter noção do que tal conjuntura significava. Minha família é composta majoritariamente por mulheres: Tendo minha avó Nanci, a matriarca da casa, minha mãe Simone e minha madrinha Eliana, como alicerces de sustentação. Meu pai Rodney sempre foi um sujeito que não expressa o modelo clássico de liderança na tomada de decisões, pautada no desempenho de uma masculinidade hegemônica, como desenvolvido por Raewyn Connell[2] (2013).

Foi nessa realidade que cresci junto ao meu irmão Thales, tendo o referencial da instituição “Família”, diferente dos padrões clássicos de uma visão

---

[1] Marisa Montrucchio é graduada em Historia - Universidad Nacional del Litoral, Argentina (1992), Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000) e Doutora em Letras (Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-americana) pela Universidade de São Paulo (2005). Atua como professora visitante na UFPA, vinculada ao PPGEDUC (programa de pós-graduação em educação e cultura).

[2] Raewyn Connell (*R.W. Connell),* é uma mulher trans, cientista social australiana, conhecida por seu trabalho nos campos da sociologia, educação, estudos de gênero, ciência política e história.

cisheteronormativa, abalando, em alguma medida, os papéis de gênero e sexualidades, bem como as relações de poder.

Figura 1 – Representação do artista Thales Neiva da composição da Família Fontão

Fonte: Acervo da autora, 2021.

A figura acima é uma arte digital feita por meu irmão Thales Neiva[3], ele é formado em Licenciatura em Belas Artes pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e segue a vertente de animação digital, com criação de efeitos e modelagem de personagens. Essa arte foi um presente de natal feito por ele e entregue para toda a família, e retrata bem a sua visão de como é a nossa conformação familiar, tendo minha avó Nanci como centro, minha mãe Simone e madrinha Eliana como sustentação e eu e meu irmão Thales como os aprendizes dos ensinamentos dessa estrutura.

Questionei a não retratação do meu pai Rodney nessa arte, a resposta que tive do autor foi que era um desenho para mostrar a estrutura de poder da família e nela, nosso pai não se encaixava. Reforçando essa ideia de desconstrução do referencial de masculinidade hegemônica (Connell, 2013).

Apesar do apoio de forma contundente que recebia de minha família para seguir me desenvolvendo no esporte, nos ambientes onde ocorriam os treinos, os locais de jogos e até dentro da instituição escolar, o mesmo não acontecia. Ser a única menina no meio de todos os outros meninos nesses ambientes fez com que fossem atribuídos à minha imagem vários estereótipos como “sapatão”, “mulher macho”, além de ouvir comentários recorrentes como: *“O que ela está fazendo aqui?”*; “*Isso não é coisa de menina*”; ”*Não quero meu filho no time dela*”.

Toda essa experiência até a adolescência fez com que eu escolhesse a Educação Física como área de atuação profissional, para que pudesse ser uma professora que meus alunos e alunas se sentissem confortáveis em praticar o esporte ou a atividade física que sentissem interesse, sem a pressão de serem rotulados pelas suas escolhas. Iniciei a graduação em 2017 na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) no campus de Seropédica, passando a morar na cidade universitária, já que minha cidade natal era Mesquita, cidade do Rio de Janeiro, localizado na Baixada Fluminense, e o tempo gasto em condução acrescia

[3] Thales Neiva é licenciado em Belas Artes pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e formado no curso de animação Estúdio Escola de Animação nas edições de 2020 e 2021. Atuou como artista freelancer nas áreas de animação de personagem 2D e de efeitos visuais 2D, já tendo trabalhado em séries, filmes e curta-metragens animados. Em projetos pessoais teve experiência como roteirista; artista de storyboard; artista conceitual; quadrinista; ilustrador de livro e de cenários; e designer de personagem, vestuário e props. Link: https://www.youtube.com/channel/UCuA8tQV1k0oLL24J_cGGRmg (YouTube); instagram.com/t_desenha (Instagram).

no desgaste físico e mental que não compensava, tendo mais tempo para praticar atividades pós horário de aula que oscilava entre às 8 horas da manhã até às 17 horas da tarde.

No ambiente universitário, permaneci praticando o futsal/futebol e notando as dificuldades de investimento, em todas as suas manifestações, desde patrocínio para uniforme, transporte para os jogos, até horário destinado aos treinos das equipes universitárias femininas. Enquanto isso, as equipes masculinas contavam com maiores vantagens, como patrocínio, tempo de quadra e torcida para apoiá-los. Ao me inserir no espaço da prática da dança no ambiente universitário, ampliei, mais ainda, a minha percepção de como a dicotomia entre práticas ditas femininas e masculinas tinham um espaço bem demarcado, mesmo dentro de um ambiente que, supostamente, tinha como o pressuposto de buscar a desconstrução dos pensamentos padronizados e estigmatizados.

Tendo essa percepção não só dos ambientes relacionados à prática de atividades físicas por consequência na Educação Física, mas também obtendo uma visão do ambiente universitário. Esses fatores começaram a despertar meu interesse em outro aspecto que não só o social e então comecei a pesquisar sobre a temática de gênero e sexualidades, ganhando um arcabouço teórico que me ajudou a chegar até aqui.

Figura 2 – Performance no Futsal e na Dança

Fonte: Acervo da autora, 2019.

Na dança, apesar de estar teoricamente em uma prática considerada feminina, como mulher que se enquadra no referencial de cisgeneridade e bissexualidade, sendo o primeiro entendido como aquele indivíduo, como afirma Ana Paula Hining e Maria Toneli (2023) “cujo sentimento de ser um gênero coincide com o sexo designado ao nascer” e o segundo definido como um termo “guarda-chuva” para se referir à sexualidade de pessoas que sentem atração por mais de um gênero, incluindo outras identidades, como dito por Corey Flanders (2017). O fato de não performar o padrão de feminilidade que a sociedade espera, fez com que eu experienciasse o mesmo desafio do tempo em que praticava o futebol/futsal.

O corpo que eu representava, tanto na prática desportiva, quanto na dança, era de um “corpo condenado”, como bem definido por Michel Foucault (1987), um corpo ajustado, adequado às normas sociais, culturais. Um corpo julgado a todos os momentos, o primeiro por estar em uma prática rotulada como masculina, que é o futsal/futebol, e o segundo por iniciar na dança depois de adulta, não representar esteticamente a ideia padronizada de feminilidade que o ambiente da dança espera de um corpo feminino e também por ter interesse na chamada Danças Urbanas, que majoritariamente são praticadas por corpos masculinos, por conter movimentos mais acrobáticos que exigem maior força física, como afirma Lara Jacoby e Silvana Goellner (2020).

Pesquisando sobre a temática, pude compreender a amplitude que envolve as questões de gênero e sexualidades e como estão relacionadas às aulas de Educação Física. Procuro acreditar que a Educação Física, como área de conhecimento, contribua para o desenvolvimento do senso crítico das/os alunas/os e, com isso, ajudar na ruptura com os estereótipos ligados a qualquer minoria (Simões; Carrara, 2012). Como professora de Educação Física, esse ponto vai além, temos o contato com os corpos em movimento a todo momento e os julgamentos na mesma intensidade, por isso, trabalhar essa temática dentro e fora do espaço escolar se mostra relevante como questão que atravessa a realidade dos indivíduos (Seffner, 2011).

Minha primeira graduação foi concluída de forma remota, por conta da pandemia da COVID-19 e, dessa forma, o distanciamento social físico foi a medida de prevenção acionada pelos governos como forma de conter a contaminação do coronavírus (Lima, 2020). Nesse processo, não só as aulas foram transferidas para

a modalidade remota, mas também outras tantas atividades de interação como conhecíamos antes: eventos, congressos, cursos e palestras foram ajustando-se a esse novo modelo. Foi nesse processo que conheci o grupo de pesquisa chamado LEGESEX[4] (Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades), do qual participei como ouvinte de inúmeras palestras envolvendo a temática de gênero e sexualidades.

Em 2021, participei do curso de extensão "Gênero e Sexualidade na Educação Física Escolar", idealizado pela Professora Drª Joyce Alves[5] como ministrante de atividades e foi um momento em que consegui pertencer a um local de produção e compartilhamento de conhecimento sobre a temática que estava me debruçando a um certo tempo, além de estar em um outro lugar, já que durante o período pandêmico, eu participava como ouvinte desses projetos desenvolvidos pelo LEGESEX.

Durante a realização deste curso, conheci meu orientador, o Professor Dr. Ivan Amaro[6], que participou deste curso como palestrante na *"Aula 2: Gênero e sexualidade e as relações com a BNCC"*. Fiquei encantada com a perspectiva apresentada e de acordo com o pensar pedagógico por ele apresentado, o que despertou meu interesse por suas pesquisas e me instigou a participar da Seleção

---

[4] O LEGESEX (Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades – CNPq/UFRRJ) existe desde 2018, sob a coordenação do Profª. Joyce Alves da Silva Junior. As temáticas gênero e sexualidades na Educação são discutidas e problematizadas, no intuito de tentar, por meio de pesquisas e atividades de extensão, desconstruir preconceitos, ressignificar representações sexistas e LGBTIfóbicas e, assim, possibilitar práticas balizadas nos direitos humanos e em princípios democráticos. Link da CNPq dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5479277656369725

[5] Joyce Alves possui graduação em Letras (USP) e em Pedagogia (Uninove); Mestrado em Letras pela USP; especialização em Arte-educação pela UnB e Doutorado e Pós-doutorado em Educação pela USP. Professora do Departamento de Educação e Sociedade (DES) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atualmente é Pró-Reitora Adjunta de Assuntos Estudantis. É líder do LEGESEX – Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades (UFRRJ/CNPq). Suas investigações versam sobre corpos, sexualidades e gênero na escola, na perspectiva da Educação em Direitos Humanos. Link do lattes http://lattes.cnpq.br/8739436055461717

[6] Ivan Amaro, procientista FAPERJ/UERJ. Professor Associado da UERJ, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense- FEBF, Duque de Caxias-RJ. Professor do PPGECC (Mestrado) em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas. Professor da Graduação em Pedagogia da FEBF/UERJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).Link do Lattes http://lattes.cnpq.br/5227626565074890

de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias (PPGECC/UERJ), no ano de 2021. Neste sentido, seguir pesquisando sobre gênero e sexualidades se deu na minha aprovação e inserção na linha de pesquisa “Educação, Movimentos Sociais e Diferenças”, orientada pelo Professor Dr. Ivan Amaro.

Assim, inicio minha participação no grupo de pesquisa NuDES[7] (Núcleo de Estudos e Pesquisas Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades), que concentra suas pesquisas e projetos desde 2015 para a temática de gênero e sexualidade. Além disso, minha pesquisa se articula à pesquisa guarda-chuva do meu orientador: “Gênero, sexualidades e cotidianos escolares: atravessamentos entre as políticas públicas, a produção acadêmica em educação e as práticas pedagógicas”, financiada pelo Programa Prociência/FAPERJ/UERJ. Vinculados a este projeto estão quatro (04) orientandos de Doutorado, cinco (05) orientandos de Mestrado e quatro (04) Bolsistas de orientandas de Graduação[8].

A afinidade com a temática desenvolvida pelo meu orientador se dá, por entendermos a Educação Física como componente curricular presente na área das linguagens e considerando o atual cenário educacional, a Educação Física emerge com a tarefa de envolver e comprometer as/os alunas/os, de diferentes contextos socioculturais, em suas intervenções de forma a reduzir atitudes negativas e de desinteresse discente.

A Educação Física escolar tem como um de seus objetivos a formação de seres críticos e emancipados que tenham a capacidade de compreender e transformar a cultura corporal (Daolio, 1996; Bracht, 1996). Posto isso, Elisabete dos Santos Freire, Rita Verenguer e Marise da Costa Reis (2009) corroboram que

---

[7] O NuDES tem, desde 2015, formado pesquisadoras e pesquisadores que investigam as temáticas de gênero e sexualidade, articuladas ao campo da educação. O grupo está vinculado a dois programas de pós-graduação em Educação: o Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias, UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e Programa de Pós-Graduação em Educação, UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) . A participação em grandes eventos nacionais e internacionais e a produção de artigos tem sido prioridade do grupo, bem como atividades de estudo e aprofundamento teórico-metodológico. No grupo, há bolsistas da CAPES e do CNPq (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC UERJ/CNPq. Link doCNPq dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2861357598212115

[8] Em julho de 2024, o grupo contava com uma Bolsista de Iniciação Científica (CNPq/UERJ), uma Bolsistas de Extensão (DEPEXT/UERJ), uma Bolsista de Iniciação à Docência (ID/CETREINA) e um Bolsista de Estágio Interno Complementar (EIC/CETREINA).

pode-se perceber o papel vital da intervenção do professor de Educação Física, pois ele pode agir diretamente na instância do planejamento, da orientação e avaliação de programas de Educação Física voltados à sociedade.

Os estudos de gênero abrangem essas inquietudes apresentadas até aqui, possibilitando a discussão de como os corpos começam a se tornar indóceis aos padrões sociais (Foucault, 1987) de forma mais contundente, indo contra a ideia apresentada por Flávia Biroli (2018) de que certos corpos precisam estar em lugares e realizando tarefas específicas, só por terem características biológicas pré-estabelecidas.

Nesse sentido, o desenvolvimento de pesquisas sobre essa temática vem se reformulando a todo momento, construindo e desconstruindo perspectivas de acordo com o espaço-tempo em que se encontra, mas o foco deve se centrar em dar oportunidade de os indivíduos serem como são, sem a preocupação de serem discriminados por determinado gesto ou movimento, não relacionada aos estigmas de gênero e sexualidades e sim respeitando o indivíduo como ele é, buscando assim proporcionar um ambiente com trato social mais respeitoso, saudável e digno (Mesquita *et al*, 2018).

Como dito por Marcos Neira e Mário Nunes (2011) parafraseando Tomaz Tadeu da Silva (2007, p.672): “Toda decisão curricular é uma decisão política e que o currículo pode ser visto como um território de disputa em que diversos grupos atuam para validar conhecimentos”, portanto, a Educação Física se torna também um local em que se deve criticar as conformações sociais, os padrões políticos e os ideais teóricos baseados nas questões biologicistas. Abordar a temática de gênero e sexualidades nas aulas, é inserir a pluralidade de corpos no ambiente escolar, para a Educação Física que debruça seus estudos sobre os corpos em movimentos, isso se torna ainda mais importante.

Para isso ser feito, como elucidado por Leandro Brito e Miriam Leite (2017), é importante que os professores e profissionais de Educação Física tenham conhecimento sobre a temática de gênero e sexualidades, com o intuito de que suas aulas não se tornem ambientes generificados e sexualizados. Porém, para que isso aconteça é preciso que desde a graduação, essas/es professoras/es tenham contato com a temática, desenvolvendo abordagens e métodos de utilização.

Apesar da escola ser atravessada por gêneros como dito por Guacira Louro [9](2014), esse processo se dá de forma dicotômica, já que a presença do corpo feminino está vinculado ao cuidado, afeto e ensinamento, portanto, a imagem de professor nos anos iniciais é feminina, principalmente se tratando da educação infantil, porém, quando se trata da Educação Física, a imagem de um corpo masculino no ato de lecionar se faz maioritário, já que está relacionado a uma área de saber a qual as identidades masculinas são mais acolhidas como dito por Silvia Maria Ludorf (2009).

Sendo assim, as questões de gênero estão imbricadas não somente na aplicação dos conteúdos, mas também nos corpos que compõem os espaços escolares e vinculados a certas disciplinas. Mostrando assim, a necessidade urgente de ser abordada a temática em questão durante o processo de formação de professoras/es.

Considerando que na ensino básico os corpos masculinos são o foco das aulas de Educação Física, são esses que experienciam as práticas corporais, tendendo a serem mais desenvolvidos nesse aspecto que os corpos femininos, já que apresentam memórias diferentes durante esse período, uma das consequências desse processo são que alunos ingressam no ensino superior focalizando a Educação Física.

Elucidando como Zenólia Figueiredo (2007) discorre em seu artigo, as memórias ou experiências são um fator primordial para a escolha da Educação Física como carreira profissional. Minha própria experiência relatada no início dessa dissertação comprova que tal fala apresenta grau de veracidade, e busco aqui a preocupação de trazer essa memória com a prática de atividade física como um direito que deve ser garantido a todos os corpos, independente de suas conformações.

---

[9] Guacira Louro é graduada em História (1969) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ingressou pouco depois como professora concursada na Faculdade de Educação desta mesma universidade, onde fez o mestrado em Educação (1976). Doutorou-se em Educação na UNICAMP (1986) retornando à Faculdade de Educação da UFRGS, atuando, então, como professora da graduação e da Pós-graduação daquela instituição. Em 1990, junto com um grupo de estudantes da pós-graduação, fundou o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero), coordenando este grupo de pesquisa até 2000).

Dessa forma, se torna relevante investigar a relação do gênero com o processo de formação docente, não apenas como essa temática vem sendo desenvolvida, mas também por quais corpos. Ao longo das décadas, como pesquisado por Diniz-Pereira (2000) *apud* Amaro (2020), os eixos temáticos desenvolvidos em pesquisas sobre o campo docente foram: Década de 1970: foco no treinamento docente e na formação técnica; Década de 1980: foco na visão formativa do educador; Década de 1990: atenção voltada para formação do professor-pesquisador.

Dando foco a discussão sobre os docentes, iniciando uma preocupação sobre que corpos são esses que estão lecionando. Como já citado anteriormente, “as mulheres são maioria no ambiente escolar, mas quando se trata de currículo ele é masculino” (Louro, 2014, p.93), porque sua organização é feita por uma ótica masculina de produção de conhecimento.

Segundo o levantamento feito por Ivan Amaro (2020), no Parecer CNE/CP nº 9, de 08 de maio de 2001, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, “há várias problemáticas envolvendo a qualidade da educação pública, focalizando no despreparo das/os docentes para lecionar” (p.7). Apontando a formação docente para o desenvolvimento de capacidades cognitivas, distanciando-se dos âmbitos sociais e culturais.

No Parecer CNE/CP nº 1/2001, nas discussões sobre o campo da formação docente, os vocábulos gênero, sexualidade, identidade de gênero ou sexual, orientação sexual não aparecem nos escritos (Amaro, 2020). Nele, o foco recai sobre quais seriam “os instrumentos de avaliação educacional e em como mobilizar o conhecimento em ação” (Brasil, 2001, p. 29). Ou seja, ainda apresentava de forma pragmática, se distanciando das questões socioculturais.

No Parecer CNE/CP nº 5/2005, na seção sobre o curso de Pedagogia, ainda segundo Amaro (2020), aparecem dois trechos “demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras” (Brasil, 2005, p.8) e “educação das relações de gênero” (Brasil, 2005, p. 10). Apesar de ter esses termos presentes no documento ainda ficam restritos para os pedagogos, sendo desconsiderados para os demais cursos.

De acordo com Amaro (2020), apenas no Parecer CNE/CP nº 2/2015, são feitas menções às questões de gênero. As/os professoras/es formadas/os devem estar amparadas/os para abordar a temática de gênero e diversidade sexual com as/os alunas/os, como demonstra o trecho abaixo:

> VII - identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras; VIII - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental ecológica, étnico-racial, de gêneros, de faixas geracionais, de classes sociais, religiosas, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras (Brasil, 2015, p. 27).

No documento, “as referências aos termos gênero, sexualidade, identidade de gênero emergem com força relevante para a formação de docentes que sejam capazes de enfrentar assuntos contemporâneos e tão presentes no cotidiano das pessoas’’ (Amaro, 2020, p.4). Tal fato ocorreu pela demanda apresentada pelos movimentos sociais se tornaram mais evidentes nessa faixa temporal.

Maria das Dores Machado (2018) aponta o quão recente é a inserção dessa área temática nas diretrizes curriculares, para além disso, a onda conservadora política em que o país viveu, principalmente, nos últimos quatros anos, fragilizou a inserção desses conteúdos, seja na formação de professores, seja no ensino básico.

Gabriela Araújo e Andréa da Silva (2019) corroboram com o fato de que grande parte das instituições de ensino superior não apresentam em sua ementa disciplinas que abordem a temática de forma orgânica e central. Mas, também é necessário elucidar que há um aumento da presença de grupos de pesquisas que tratam dos estudos de gênero, bem como da atuação dos centros acadêmicos que reivindicam a discussão sobre os temas.

Percebe-se, também que, mesmo sem a presença de disciplinas específicas sobre gênero em seus currículos, alguns cursos vêm buscando aprofundar esses conteúdos sobre gênero e sexualidades de forma transversal. Exemplos que pude experienciar durante a graduação foram as seguintes disciplinas: Nepe - Corpo, Cultura e Sociedade, Didática e Ensino da Educação Física II.

Na disciplina Nepe - Corpo Cultura e Sociedade, ministrada pela Professora Drª Valéria Lebeis Pires[10], foi o primeiro contato em que tínhamos que produzir um artigo, como método avaliativo. Houve algumas aulas sobre a construção de um resumo expandido, as diferenças entre os tipos de revisão de literatura e a partir disso, tínhamos que escolher um tema dentro do espectro “Corpo, Cultura e Sociedade”, para elaborarmos o artigo.

Partia, estritamente das/os alunas/os abordarem sobre gênero e sexualidades, como eu fiz na época, produzindo um escrito intitulado *“Representações de Gênero no Ambiente Escolar: Um Foco nas Aulas de Educação Física”* (Moura, 2019). Além dessa produção, apenas mais uma dupla, Lainara Nascimento e Izabela Barcellos (2019), elaborou uma escrita envolvendo a temática de gênero, intitulada *“A Desvalorização da mulher no esporte: questões de gênero”*.

Na disciplina “Didática”, ministrada pela Professora Drª Roberta Coube[11], foram desenvolvidas as abordagens educacionais, não tendo foco completo nas questões de gênero e sexualidade, mas a professora trazia essa temática como forma de demonstrar como as questões socioculturais e o momento histórico atravessam nossas abordagens educacionais.

Na disciplina “Ensino da Educação Física II”, ministrada novamente pela Professora Drª Roberta Coube e pelo Professor Dr Rodrigo Lema Del Rio[12], já

---

[10] Valéria Lebeis Pires Graduação em Licenciatura Plena Em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Especialização em Performance Humana em Academia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Mestrado em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco e Doutorado em Epidemiologia em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública- Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. Experiência na área da Saúde e da Educação, com ênfase na Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: Dança em Educação; Corpo, Cultura e Sociedade; Ética em Pesquisa; Atividade Física, Imagem e Consciência Corporal; Saúde e Bem estar. Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/0935439503269817

[11] Roberta Coube é licenciada em Educação Física (UFRRJ/2013); licenciada em Letras (UFF, 2006); pós-graduada em Psicomotricidade (UERJ, 2009); mestra em Educação (UFRRJ, 2012) e doutora em Educação (UFF, 2018).Atua nos seguintes temas: intercorporeidade na filosofia da linguagem de Bakhtin em diálogos com a escola pública; o tripé linguagem-cultura-processos formativos na pesquisa em educação a partir das narrativas das histórias de vida; a práxis docente em Educação Física escolar na escola pública, buscando dialogar com os estudantes e professores a perspectiva da educação como obra de arte, compreendendo a escola como lugar de ampliação de (nossa) experiência estética. Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/3063999649415453

[12] Rodrigo Lema Del Rio, Doutor e Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialista em Gestão Escolar (UFES). Licenciado Pleno em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).Atualmente, o foco das pesquisas são: Educação Infantil, Formação inicial e continuada, Políticas públicas em Educação e em Educação

estávamos em Pandemia, por isso as aulas ocorreram de forma remota. As aulas apresentavam situações da rotina escolar e formas que poderíamos lidar com elas, como desenvolver conteúdos de acordo com o nosso plano de ensino. Seguindo esse viés foi proposto para que cada discente apresentasse um plano de aula, envolvendo questões sociais que já vinham sendo abordadas nas aulas, como gênero, sexualidades, religiosidades, questões étnico-raciais, inclusão aos indivíduos com deficiências físicas e mentais.

Apenas nesses três (03) componentes curriculares foram desenvolvidos conteúdos sobre gênero e sexualidades, em grande parte, por um esforço do corpo discente que trazia essa demanda. Uma forma de comprovar a escassez de abordagem da temática é que foram exatamente essas/es professoras/es que senti liberdade de desenvolver meu trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre a temática, sendo orientada pela Professora Drª Valéria Lebeis Pires e tendo como banca examinadora a Professora Drª Roberta Coube e o Professor Dr Rodrigo Lema del Rio.

No Mestrado na FEBF/UERJ, no desenvolvimento do Estágio Docente, disciplina obrigatória do Currículo do PPGECC, foi possível acompanhar, no período 2023.2 (Terceiro período), o desenvolvimento da disciplina obrigatória "Educação Inclusiva", para o curso de Pedagogia. A disciplina era ministrada pelo Professor Dr Ivan Amaro, tendo como base o livro *"Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais"* de Maria Elizabete Pereira e colaboradores (2009).

As aulas acompanhavam os módulos contidos no livro, sendo divididos em: Módulo I: Diversidade; Módulo II: Gênero; Módulo III: Sexualidade e orientação Sexual; Módulo IV: Raça e Etnia. E como proposta para o fechamento da disciplina foi organizado um evento denominado "Orgulho de ser quem é! Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+" no dia 28 de junho de 2023, no pátio da FEBF/UERJ.

O evento foi coordenado por mim e por minha parceira de mestrado, Lainara Nascimento, onde organizamos a turma em cinco (05) grupos que desenvolveram pesquisas sobre o tema e produziram um material para apresentação no evento. Os temas abordados foram: História do Movimento LGBTQIA+ no Brasil e no Mundo;

Física, Currículo, Práticas pedagógicas transversalizando os temas da violência, relações étnico-raciais, aventuras, esportes e saúde. Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/9215131825606115

Desenvolvimento das siglas do Movimento LGBTQIA+; Significado das bandeiras do Movimento LGBTQIA+; Violências, estigmas e estereótipos ligadas às corporeidades LGBTQIA+; Personalidades LGBTQIA+ .

Tivemos a produção de cartazes, banners, apresentação cultural, mesa de conferência denominada *"Políticas LGBTQIA+ no Estado do Rio de Janeiro"*, liderada por Ernane Alexandre Pereira[13]. O evento teve uma boa adesão de alunas/os e comunidade acadêmica, considerando o tempo de produção do evento. As/os convidadas/os foram bem recebidas/os e bem elogiadas/os pelo público, a turma teve mais dificuldade no evento na pré-produção do que no dia, de fato.

A única observação a se fazer é sobre algumas falas das/os alunas/os durante a apresentação dos trabalhos, como uso do pronome inadequado relacionado às pessoas trans, referenciando o nome morto. Mas, de forma geral, foi um ótimo momento de aprendizagem para todas/os. Finalizando com a mesa composta por especialistas da área dando o tom de aperfeiçoamento e acolhimento que a sociedade acadêmica e docente necessita.

O que foi desenvolvido nessa experiência de Estágio Docente, teve como base o Projeto Gênero e Diversidade na Escola (GDE) que é um exemplo de como pode ser ofertada a formação continuada destinada às temáticas aqui tomadas como foco de nossa pesquisa. Mas é importante ressaltar que o projeto foi aplicado na formação inicial de professores, mesmo que sua proposta seja para a formação continuada. Se torna relevante termos projetos que pensem durante a formação inicial de professoras/es e que perpassam todas as áreas de formação, para que de fato seja inserida no ensino básico.

O GDE teve sua primeira oferta entre os anos de 2006 e 2007, como curso de extensão em versão piloto em seis (06) municípios (Porto Velho, Salvador, Maringá, Dourados, Niterói e Nova Iguaçu) com um total de 1.200 vagas, priorizando professores e professoras das disciplinas de ensino fundamental, de 5ª a 8ª séries. Com o intuito de fortalecer o conhecimento de professores do ensino básico sobre

[13] Ernane Alexandre Pereira graduado em Direito, Superintendente de Políticas Públicas LGBTI+ da SEDSDH - Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos - atuando na coordenação do Programa Rio Sem LGBTIfobia. Coordenação adjunta e preceptoria do Curso de Mestrado Profissional Direitos Humanos, Justiça e Saúde: Gênero e Sexualidade - DIHS - Direitos Humanos e Saúde da FIOCRUZ.

as temáticas de gênero, sexualidades e raça-etnia como elucidado por Priscila Dornelles e Ileana Wenetz (2019).

Mediante a avaliação daquela experiência passou-se para uma nova fase de realização desse projeto em dimensão mais ampliada. Desde 2008, o curso Gênero e Diversidade na Escola é oferecido por meio de edital da SECAD/MEC para todas as Instituições Públicas de Ensino Superior do país que queiram ofertar o curso pelo Sistema da Universidade Aberta do Brasil – UAB (Pereira *et al*, 2009).

Outra iniciativa de formação foi uma articulação entre diversos ministérios do governo federal, British Council[14] e o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humano (CLAM) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Segundo Fabíola Rohden (2009), no GDE, foi a formação à distância de profissionais de educação nas temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais, o curso ocorreu durante 5 meses no ano de 2006. Assim, muitas/os professoras/es têm que buscar na formação continuada o suporte para trabalhar com o tema, pois quando esse esforço da/o docente não ocorre, o despreparo com as questões de gênero e sexualidades se tornam evidentes como dito por Zilene Soares e Simone Monteiro (2019).

É importante ressaltar que não é apenas com formação continuada que vamos solucionar as fragilidades que a sociedade comporta, quando se trata de abordar de forma adequada os conteúdos de gênero e sexualidades. Mas é um meio no qual podemos fazer com que as/os profissionais sejam formadas/os com maior contato e consciência sobre as terminologias e uma maior consciência social quanto às diversidades e pluralidades.

Nesse contexto, é necessário ressaltar que gênero e sexualidades são apenas alguns dos atributos que formam a identidade do ser humano, não apresentando hierarquia entre os que são expostos nesta pesquisa e nem entre os que não aparecem aqui, esse fato se justifica pela abrangência e complexidade de atributos que são formadores de identidade como dito por Ederson Faria e Vera Lúcia de Souza (2011). Sendo assim, conceituaremos identidade como é feito por

[14] British Council está presente no Brasil desde 1945. Nosso escritório sede no país está localizado na cidade de São Paulo. Apoiam na construção de redes e na exploração de ideias criativas, no aprendizado do inglês, na obtenção de uma educação de alta qualidade e de qualificações reconhecidas internacionalmente. Link do site https://www.britishcouncil.org.br/

Letícia Fiorini (2018), como continuidades e descontinuidades, fixações e transformações que ocorrem com o tempo, pondo desta forma, a inexistência de identidade fixa e imutável.

Segundo Márcio Valente, Bárbara Sordi e Maria Lúcia Lima (2018) as identidades estão vinculadas aos corpos, que são marcados e formados por práticas discursivas. O corpo só ganha sentido socialmente (Louro, 2018), dessa forma, alinha-se ao pensamento de Foucault (1994) de que o corpo orgânico pode se rebelar com o corpo social, principalmente quando não se adequa aos padrões que lhe são estabelecidos. Portanto, nossos gestos e movimentos, dizem sobre nossa identidade, não aquela estereotipada repercutida no meio social, mas a fluida que diz respeito a cada ser, que é único, como dito por Vani Maria Costa (2011), formado por uma plenitude, com dimensões físicas, fisiológicas, sociais e culturais.

Esses corpos estão em constante movimento, e como pode ser definido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) “o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo” (Brasil, 2017, p.213). Entendendo assim que “O movimento é a dialética da realidade do corpo” (Lima, 1994, p.57), já que quando nos movimentamos, falamos algo com nossos gestos, mesmo que seja o ato de ficar parado.

Corpo e movimento são termos abordados constantemente na Educação Física. Segundo Vagner Prado e Arilda Miranda Ribeiro (2010), as aulas de Educação Física são vistas como “um espaço inseguro, instável, mutante e relacional onde as incertezas atuam como um grande recurso para problematizações sobre determinações culturais e padronizações sociais em torno da cultura corporal de movimento” (p.407). Portanto, local onde comumente são aplicados estereótipos ligados às questões de performance da identidade, tanto por discentes como pelas/os próprias/os docentes (Da Silva Júnior; Brito, 2018).

Como elucidado por Rosa Malena de Carvalho (2017), a Educação Física é componente curricular presente na área das linguagens, como definido na BNCC, é importante que a mesma busque o desenvolvimento pleno do ser humano. Dessa forma, abordar temáticas como gênero e sexualidade se tornam importantes para esse processo, porém, para tal é necessária capacitação dos profissionais de

Educação Física com relação a essas terminologias para que a estigmatização diminua e a desconstrução se eleve (Mesquita *et al*, 2018).

Com isso, essa pesquisa tem como cerne a seguinte questão central: ***Como professora(e)s de Educação Física, que atuam na Escola Básica, consideram os corpos e suas relações com as questões de gênero e sexualidades nas aulas?*** A partir desta questão, desdobramos outras:

- ➢ Como docentes consideram as pluralidades no desenvolvimento das aulas de Educação Física? O que consideram relevante nas relações corporais com as aulas? Como estes corpos são organizados nas aulas?
- ➢ Como os conteúdos/práticas articulam corporalidades, gênero e sexualidade na formação docente em Educação Física? Com que experiências essas/es docentes tiveram contato?
- ➢ Como as concepções de gênero e sexualidades são evidenciadas nas aulas? Há indícios de práticas não-estigmatizantes dos movimentos e gestos corporais?

Considerando as questões acima, esta pesquisa objetiva: **Investigar como professoras/es de Educação Física que atuam no Ensino Básico, consideram os corpos das/os alunas/os, buscando identificar as relações que estabelecem com as questões de gênero e sexualidades no cotidiano de suas aulas.** A partir das questões mais específicas, pensamos nos seguintes objetivos :

- Investigar que sentidos os docentes atribuem aos corpos no desenvolvimento das aulas de Educação Física, observando como consideram essas relações corporais no escopo da generificação e da sexualidade nestes corpos;
- Investigar como os conteúdos/práticas nas aulas articulam as corporeidades, gênero e sexualidades, identificando se esses conceitos foram desenvolvidos durante a formação dessas/es docentes;
- Investigar como as concepções de gênero e sexualidades são evidenciadas nas aulas e quais indícios de práticas não-estigmatizantes dos movimentos e gestos corporais.

A presente dissertação organiza-se em por três (03) capítulos, compostos por algumas algumas seções, como forma de melhor organizar as ideias e seu desenvolvimento. O primeiro capítulo, intitulado **DO PASSE AO PASSÉ: PERCURSO METODOLÓGICO PARA DAR MOVIMENTO AOS CORPOS,** compreende as justificativas consideradas para a pesquisa, suas questões teórico-metodológicas, descrevendo os caminhos percorridos para o desenvolvimento da mesma. Considerando o método cartográfico norteado pela leitura de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana Escóssia (2009), utilizando como um método de acompanhar processos, tomamos a conversa como procedimento primordial (Larrosa, 2015) com o intuito de produzir, junto com a(o)s professora(e)s, informações relevantes sobre suas experiências pedagógicas na escolar relacionadas às questões de gênero e sexualidade. Composto por quatro (04) seções, a seguir: *Desvendando o método Cartográfico: Um caminho em construção; É Conversando que a gente se entende": A Conversa como metodologia; Quem vem para a Conversa? As/os professoras/es participantes da pesquisa e Construção do escopo de participantes presentes no processo cartográfico.*

O segundo capítulo, denominado "**DO SINGULAR ÀS PLURALIDADES: FORMAÇÃO DOCENTE, GÊNERO, SEXUALIDADES E CORPORALIDADES"** apresenta o estado da arte que foi constituído sobre o tema, constituindo as teses e dissertações que foram produzidas e que abordam a articulação dos temas de gênero, sexualidades e Educação Física em ambiente escolar. Essa busca foi realizada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/Ibict). Além do arcabouço teórico, trabalhando os principais conceitos presentes na pesquisa. Composto pelas seguintes seções: *Aproximação com o campo: O Estado do Conhecimento sobre Gênero, Sexualidades e Corpos"; Gênero e Sexualidades na Escola: Concepções em disputa e suas relações com a Educação Física Escolar e Corporeidades na Escola: Corpos e sujeitos na/da Educação Física***.**

O terceiro capítulo, "**DA TEORIA À PRÁTICA: AFINIDADES E AFASTAMENTOS PRESENTES NAS FALAS DOCENTES,** é destinado para a análise das conversas realizadas com as/os professoras/es de Educação Física do ensino básico, expondo as afinidades e afastamentos relacionando suas

experiências no cotidiano escolar com seus processos de formação docente. A fim de apontar caminhos para que a prática docente seja cada vez mais inclusiva no ambiente escolar. Este capítulo organiza-se em três (03) seções, a saber: *A relação de saber/poder dos docentes com as concepções de Gênero e Sexualidade; (In)Existência de Gênero e Sexualidade na Formação em Educação Física e Prática docente como (não)perpetuadora da estigmatização das pluralidades.*

1 DO PASSE AO PASSÉ: PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA DAR MOVIMENTO AOS CORPOS

Se queres conversar comigo, define primeiro os termos que usas.
Voltaire

Neste capítulo, trataremos dos pressupostos teórico-metodológicos, bem como acerca dos caminhos percorridos para construir a pesquisa. Essa pesquisa dialoga com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado em 2021[15], na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), ampliando as preocupações já encaminhadas naquele momento.

No TCC, a escolha metodológica se deu pelo contexto em que o mundo estava passando, que foi a Pandemia COVID-19, no qual o contato era a principal forma de propagação da doença, sendo determinado, ao redor do mundo, o distanciamento social como atitude preventiva até que uma vacina fosse elaborada e aprovada (Saraiva *et al*, 2020). Sendo a revisão integrativa a escolhida, já que apresenta um caráter qualitativo, com uso de publicações anteriores, apropriadas para traçar uma análise sobre conhecimentos já construídos em pesquisas sobre determinada temática (Botelho; Cunha; Macedo, 2011). Portanto, foram investigadas as terminologias vinculadas a corpo, gênero e sexualidade com um olhar voltado para o âmbito educacional, principalmente nas aulas Educação Física, trabalhos publicados a partir da década de 2011 até junho de 2021, sendo estes trabalhos com métodos qualitativos e descritivos.

O ingresso no mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC/UERJ) e na linha de pesquisa intitulada “Educação, Movimentos Sociais e Diferenças” se deu com a proposta de levar a campo as propostas e inquietudes que foram percebidas durante a elaboração do TCC, ampliando seu escopo. Com a minha inserção como

[15] Apresentado como exigência de conclusão do Curso Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e que foi orientado pela Profª Drª Valéria Nascimento Lébeis (LInk do Lattes http://lattes.cnpq.br/0935439503269817). A pesquisa envolveu uma revisão integrativa intitulada “Corpo, Gênero e Sexualidade na Educação Física: Desconstrução em Movimento”.

pesquisadora do do NuDES (Núcleo de Estudos e Pesquisas Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades) e participando dos encontros de estudo e aprofundamento foi possível ampliar novas possibilidades teóricas e metodológicas como forma de repensar minha própria trajetória epistêmica. Nestes encontros, nos aproximamos das concepções de “experiência”, desenvolvidas por Jorge Larrosa (2015) que consideramos potentes para nosso estudo.

Além disso, neste anos, iniciamos os estudos sobre os referenciais que fundamentam o método cartográfico, pensado por Gilles Deleuze[16] e Félix Guattari[17], a partir das leituras feitas de Eduardo Passos, Víginia Kastrup e Liliana Escóssia (2009). Nossas leituras e estudos têm nos levado, também, na compreensão da relevância da conversa, como procedimento metodológico que contribui para acessar as informações que serão foco de nossas análises (Marcondes, 2020).

Assim, sintetizamos nosso movimento metodológico a partir da Cartografia, com a priorização da “conversa” como procedimento fundamental para a produção de informações oriundas das “experiências” das/os participantes da pesquisa e das relações que estabelecemos com elas/es. Nesse sentido, é trazida a fala de Voltaire[18] para iniciar o capítulo contemplando a ideia de que precisamos respeitar as identidades e performances de expressões de gênero que os indivíduos apresentam, como defendido por Judith Butler[19] (2001). Utilizar os pronomes adequados e que representem as/os sujeitas/os em uma conversa é o mínimo de respeito que devemos ter ao validar a existência de corpos plurais.

---

[16] Gilles Deleuze foi um filósofo francês, sendo um dos principais representantes da filosofia continental e do pós-estruturalismo, de modo que ocupa um lugar importante nos debates contemporâneos sobre sociedade, política e subjetividade, apesar de seu distanciamento das principais tendências filosóficas do século XX .

[17] Félix Guattari foi um filósofo, psicanalista, psiquiatra, semiólogo, roteirista e ativista revolucionário francês. Foi um dos fundadores dos campos da esquizoanálise e ecosofia.Guattari é conhecido por suas colaborações em obras com Gilles Deleuze, notavelmente em *O Anti-Édipo* (1972) e *Mil platôs* (1980), os dois volumes que formam a coleção *Capitalismo e esquizofrenia*.

[18] François-Marie Arouet foi um escritor, historiador e filósofo iluminista francês. Conhecido por seu pseudonimo de Voltaire, ele era famoso por sua sagacidade e suas críticas ao cristianismo — especialmente à Igreja Católica Romana — e à escravidão. Foi um dos mais importantes filósofos do iluminismo. Defensor das liberdades individuais e da tolerância, foi uma das principais inspirações da Revolução Francesa. Para Voltaire, deve ser garantido às pessoas o direito à liberdade de expressão, à liberdade religiosa e à liberdade política.

[19] Judith Butler filósofa pós-estruturalista e tem origem estadunidense, tendo composto umas das principais teorias contemporâneas do feminismo e teoria queer.

Essa citação também é posta nessa pesquisa no intuito de possibilitar um espaço confortável e tranquilo para que ocorra uma conversação, com troca de experiências sem a pressão de mascarar ou supervalorizar algum tipo de informação, já que “a comunicação é, no fundo, um tipo de experiência” (Mateus, 2014). Por isso, neste estudo se priveligia o uso da linguagem no feminino, em primeiro lugar, evidendenciando de que o ponto de partida é o referencial de um corpo cis feminino, representando esta identidade aos posicionamentos aqui apresentados. Além disso, todas as pesquisadoras/estudiosas/personalidades femininas aqui citadas pela primeira vez, serão postas com nome e sobrenome, pedindo licença a esta norma da ABNT[20], com o intuito de dar identidade a esses nomes apresentados de forma que rompa com o olhar pragmático e padronizado que tende a relacionar todas/os as/os autoras/es a figuras masculinas.

A partir dessas informações apresentadas, o capítulo está subdividido em quatro (04) seções: a seção “***1.1 Desvendando o método Cartográfico: Um caminho em construção***” tem por objetivo descrever o processo de escolha do método para desenvolver essa dissertação e os principais conceitos que constroem a utilização da cartografia. A seção ***“1.2 “É Conversando que a gente se entende”:A Conversa como metodologia”*** evidencia-se o processo da metodologia da conversa, apontando alguns elementos que orientaram nossos encontros e que retratam a riqueza das experiências narradas pelas/os participantes. A seção ***“1.3 Quem vem para a Conversa? As/os professoras/es participantes da pesquisa”*** é destinada à descrição do caminho percorrido até a definição de quais seriam as/os participantes da pesquisa e como seria feito o contato com elas/es e a abordagem utilizada. A última seção, ***“1.4. Construção do escopo de participantes presentes no processo cartográfico”,*** descreve o processo de construção do escopo de participantes para o desenrolar das conversas.

[20] Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é uma entidade privada sem fins lucrativos que tem por objetivo padronizar as técnicas de produção do Brasil. Embora seja muito associada a trabalhos acadêmicos, a ABNT também também define normas e técnicas para produtos industriais e prestação de serviços.

1.1 Desvendando o método Cartográfico: Um caminho em construção

Segundo Dagmar Meyer[21] e Marlucy Paraíso[22] (2012), a pesquisa não deve ter uma construção metodológica fechada, possibilitando que no decorrer do estudo, as/os pesquisadoras/es tenham a oportunidade de acompanhar os processos, construindo de forma singular o desenvolvimento de sua investigação. Já que consideramos que se trata de uma pesquisa inserida no campo pós-crítico[23], o qual se caracteriza nas correntes identificadas com o pós-modernismo e pós-estruturalismo[24], buscamos premissas divergentes das vertentes críticas e se consolida no sentido de superação da concepção curricular crítica (Ribeiro, 2016).

A perspectiva pós-crítica, no campo educacional “aponta para a abertura, a transgressão, a subversão, a multiplicação de sentidos e para a diferença” (Paraíso, 2004, p.284-285), e é nesse caráter de diferença que se centra esta pesquisa, pois a singularidade da elaboração metodológica garante a sua identidade.

Seguindo os apontamentos de Denize Sepulveda e José Antônio Sepulveda (2019), as pesquisas são elaboradas a partir do referencial, das inquietudes e proceder acadêmico das/os autoras/es, dessa forma, as pesquisas podem ser

---

[21] Dagmar Meyer tem pós-Doutorado no Departamento de Medicina Preventiva da USP (2005), Doutora (UFRGS - 1999) e Mestre em Educação (UFRGS - 1991) e Graduada em Enfermagem (PUCSP - 1979). Tem ampla experiência na gestão acadêmico-científica, tanto em cargos executivos quanto em cargos de representação em órgãos Colegiados e em Associações (como a ANPED) e Órgãos de Fomento (como o CNPq) bem como em Comitês e Conselhos Editoriais de periódicos científicos.

[22] Marlucy Paraíso é professora Titular (2018) da Faculdade de Educação da UFMG (onde atua desde 1995) e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG - PPGEdu - (desde 2003). Seus trabalhos têm como foco os currículos da educação básica, currículo e diferença, currículo e culturas, gênero e sexualidades.

[23] Perspectiva Pós-Crítica abordam como ênfase as preocupações com a diferença, com as relações saber-poder no âmbito escolar, o multiculturalismo, as diferentes culturas raciais, étnicas e de diversidade. O conhecimento não é exterior ao poder, o conhecimento não se opõe ao poder. O conhecimento não é aquilo que põe em xeque o poder: o conhecimento é parte inerente do poder (Silva; Dos Santos, 2020).

[24] Pós-Estruturalismo apresenta novas possibilidades de compreensão da realidade social, em especial no que se refere a produção dos sujeitos, por meio das relações de poder e da relação poder-saber, consolidada a partir de dispositivos institucionais que objetivam a fabricação dos sujeitos (Antes; Jacondino, 2020).

similares, mas não são iguais, assim como os resultados obtidos. O ponto de partida pode e deve ser bem estruturado, porém, no decorrer da pesquisa, não se deve esperar seguir um roteiro previamente definido e rígido, sem considerar a fluidez dos corpos que estão presentes na mesma.

Referenciando Marlucy Paraíso e Maria Carolina Caldeira (2014), a utilização da cartografia possibilita que essa fluidez metodológica aconteça, fazendo com que se tomem caminhos que não são engessados, sem a determinação de uma estrutura fixa durante seu planejamento. Além de proporcionar, em se tratando do campo educacional, a interpretação do que é dito sem a fala, mas sim como os corpos se comportam nos ambientes, relacionando a temática de gênero e sexualidades. Exemplo disso é quando na teoria é dito que essa temática é aplicada em suas aulas, mas na realidade, são tratados como temas ocultos em seus planejamentos curriculares.

Por meio do método cartográfico nos é permitido acompanhar os processos de forma sinuosa e não linear, como estamos acostumados com os métodos ditos tradicionais de pesquisa. A cartografia desliza sobre os acontecimentos pragmáticos e chega a pontos onde as significações, adaptações e resultados são relativos pelo caminho e processo trilhado pelas/os pesquisadoras/es (Oliveira; Paraíso, 2012).

A cartografia é o ato de acompanhar processos, não é a certeza, são as possibilidades, são as pistas de um caminho que o/a pesquisador/a vai direcionando seu estudo. Cartografar é deslizar, já que acessa as experiências e as memórias das/os participantes, fazendo com que o enredo da elaboração de um estudo não seja fixo e imutável (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009). A pesquisa cartográfica sempre busca a investigação da dimensão processual da realidade, dessa forma ela dialoga não só com a heterogeneidade das/os participantes ou dos conteúdos produzidos, mas também com a diversidade das interlocuções dos saberes acadêmicos do/a pesquisador/a (Kastrup; Passos, 2013).

Nesse sentido, Kastrup, Passos e Escóssia (2009) apresentam oito (08) pistas de como pode ser a experiência de cartografar, e essas pistas não contém poder hierárquico entre si, funcionam como um rizoma. Como dito por Kastrup (2013), de referência Deleuziana e de Guattari (1995), o método cartográfico tem várias entradas possíveis, por isso se apresenta como um mapa móvel, que não há um

centro de onde tudo parte ou para onde tudo termina, e sim é um concentrado de informações, saberes e elementos que ali estão.

As pistas[25] apresentadas por Passos, Kastrup e Escóssia (2009), não definem como se deve elaborar uma pesquisa cartográfica e sim, demarca alguns princípios que podem marcar o fazer cartográfico. De forma breve, apresentamos aqui cada um desses princípios e em que consistem.

A Pista 1 - "A cartografia como método de pesquisa-intervenção" conforme apresentada por Eduardo Passos e Regina Barros (2009), indica que a relação do conhecimento com a realidade se coloca de modo indissociável. Portanto, a experiência que o/a pesquisador/a tem sobre a área influência sobre a sua perspectiva com determinado assunto. Defendendo que "Toda pesquisa é uma pesquisa-intervenção", já que em todas as/os pesquisadoras/es se colocam de alguma forma na sua produção, através de suas experiências.

A Pista 2 - "O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo", Kastrup (2009) demonstra quatro (04) gestos da atenção cartográfica: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. Estes gestos formulam como o processo da atenção não fica restrito apenas a seleção de informação, mas também a produção de informação de outros atributos que está sendo observado pode apresentar.

A Pista 3 - "Cartografar é acompanhar processos", apresentada por Laura de Barros e Virgínia Kastrup (2009), aponta que a ideia é além de apresentar ideias, é também o ato de acompanhar processos. Cartografar se assemelha ao ato de caminhar, um passo é dado atrás de outro e eles podem nos levar a diversos caminhos, pois a cada passada faz com que tenhamos novas experiências, a todo momento a pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes.

A Pista 4 "Movimentos-funções do dispositivo no método da cartografia" o texto de Virgínia Kastrup e Regina Barros (2009), são propostos três (03) movimentos-funções: de referência, de explicitação e de produção e transformação da realidade. A referência requer que o processo cartográfico tenha um aspecto

[25] Os autores consideram as seguintes pistas: a cartografia como pesquisa-intervenção; funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo; cartografar é acompanhar processos; movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia; coletivo de forças como plano de experiência cartográfica; cartografia como dissolução do ponto de vista do observador; cartografar é habitar um território existencial e, por fim, a narratividade e o diário de bordo na viagem-intervenção.

mais ou menos regular, sendo um dispositivo que articula entre a repetição e a variação. Na explicitação, aponta a indissociação entre a pesquisa e a intervenção, já que se dá visibilidade e é explorado determinado conteúdo. Na produção e transformação da realidade, a prática da cartografia cria condições para a transformação das relações entre os elementos, acionando movimentos e sustentando processos de produção.

A Pista 5 "O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica" apresentada por Liliana da Escóssia e Silvia Tedesco (2009), trazem a ideia de que a cartografia, apesar de ter um caráter ímpar, deve ter um plano de coletividades no quesito de englobar várias experiências, portanto parte do subjetivo para chegar na coletividade.

A Pista 6 "Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador" de Eduardo Passos e André do Eirado (2009), aponta como a visão do/a observador/a se for focada em um único aspecto pode trazer prejuízos ao método, e o oposto também, manter um olhar extremamente subjetivo com a pesquisa faz com que não se tenha foco nos pontos latentes, o texto indica que o recomendado é o equilíbrio entre as duas visões.

A Pista 7 "Cartografar é habitar um território existencial" por Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2009), apresenta a importância da/o cartógrafa/o em ter um conhecimento prévio sobre a área que se está pesquisando, tendo o entendimento básico de conceitos, signos e territórios que o indivíduo pesquisado se encontra.

Por fim, a *Pista 8 "Por uma política de narratividade"*, de Eduardo Passos e Regina Barros (2009), aponta que o método cartográfico necessita de uma outra forma de narração do processo, não seguindo o tradicional como é direcionado em outras metodologias.

Tomando estas reflexões em diálogo com a nossa pesquisa, torna-se fundamental estarmos abertos para as várias possibilidades que as conversas podem nos trazer. Levando em consideração que a cartografia é acompanhar processos, se associa a esta pesquisa a ideia de que levaremos em consideração como as/os professoras/es dialogam com relação a temática não só refletindo sobre as informações dentro do espaço escolar, já que as concepções individuais sobre as pluralidades relacionadas a gênero e sexualidade perpassa o trato social.

Porém, é importante seguir minimamente as pistas listadas acima e evitar cometer excessos de querer responder todas as perguntas que vão surgindo durante o processo de conversação. É justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente (Barros, Kastrup, 2009).

Em uma revisão integrativa produzida por Amanda Mendes Cintra e colaboradores (2017), é feito um levantamento sobre como a cartografia está presente nas pesquisas científicas. Nele pode-se ter contato com os escritos de Deleuze e Guattari (1995), que coloca a cartografia como um rizoma “Trata-se de linhas e não de formas, o rizoma não se fecha sobre si, é aberto a experimentações, é sempre ultrapassado por outras linhas de intensidade que o atravessam” (n.p.), o que corrobora com as pistas apresentadas anteriormente por Passos, Kastrup e Escóssia (2009).

Dar outro sentido à rigidez metodológica faz com que a produção de conhecimento esteja aliada à produção de subjetividade que move as/os pesquisadoras/es (Cintra *et al*, 2017). O subjetivo não é a desordem ou a bagunça, por isso, é necessário o conhecimento prévio sobre o que se pretende desenvolver, um objetivo que se almeja alcançar e atenção para deslizar de forma que contribua para a realidade acadêmica e social.

Além disso, ao acessarmos as memórias por meio da conversa com as/os participantes sobre suas experiências, compreendemos que se coloca como forma de acessar a subjetividade da/o outra/o. Nesse sentido, a utilização deste método para o desenvolvimento da pesquisa se valida com o intuito de mostrar que o movimento de cartografar também está interposto dentro da sala de aula, já que se trata de ter conhecimento sobre determinada temática e fluir com o mesmo a partir das demandas que são levantadas dentro daquele contexto em que o docente está inserido.

1.2 **“É conversando que a gente se entende”: A conversa como metodologia**

Nas reuniões do NuDES, temos assumido alguns compromissos metodológicos. Dentre os quais, insere-se o procedimento da “conversa” como primordial. A utilização da conversa como procedimento se deu com o propósito de tornar o fazer pesquisa menos “impessoal”, distante dos dogmas positivistas, aproximando-nos mais das/os sujeitas/os que participam de nossas investigações, compreendendo que esta relação entre pesquisadoras/es e quem participa da pesquisa é, também, uma relação de mútua confiança e de (re) elaboração coletiva.

Por seu dinamismo, entendemos, assim com Cláudia Dias (2000) que a conversa pode estimular o pensamento do/a pesquisador/a e das/os participantes da pesquisa, pensando-as/os como co-partícipes. Além disso, compreendemos que a conversa estimula a aprendizagem em interação com o outro, percebendo como as/os participantes interpretam a realidade, quais são os seus conhecimentos e quais são suas experiências.

A conversa é uma forma de expressar de forma mais leve, sem o rigor da formalidade, o que faz com que a comunicação entre as partes ocorra de forma mais naturalizada. Segundo Tiago Ribeiro, Rafael de Souza e Carmen Sampaio (2018):

> O ato de conversar é comum, faz parte da vida das pessoas; não é algo rígido, mas fluido e aberto ao acaso. Pensando nessa ação espontânea, pesquisa por meio de conversação conduz a desconstrução e reconstrução da própria investigação, em que a busca por respostas não é o mais importante. Ao reconhecer e assumir a conversa como metodologia de pesquisa, significa assumir também que a investigação não tem objetivos fechados, mas sim interesses, o pensar e aprender juntos (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018, p.222).

Em vista disso, a escolha da conversa como procedimento de produção de informações nesta pesquisa se encaixa de forma apropriada já que o método utilizado é a cartografia, que segue diretrizes parecidas, já que a subjetividade, a fluidez e a espontaneidade entrelaçam os processos. Além disso, a cartografia é defendida por Passos, Kastrup e Escóssia (2009), que se caracteriza como um rizoma, com isso a conversa é uma das possibilidades de se desdobrar em caminhos diversos nessa rede, produzindo novos caminhos e novas compreensões.

A conversa, como metodologia, oferece caminhos possíveis para a justiça social e cognitiva, já que abre espaço e oportunidades aos corpos que historicamente foram silenciados, dando valor às suas experiências de vida e buscando uma sociedade mais democrática quanto ao pensar e fazer (Ribeiro; Souza e Sampaio, 2018). Tiago Ribeiro, Rafael de Souza e Carmen Sampaio (2018) com o capítulo intitulado *"É possível a conversa como metodologia de pesquisa?"* vem apresentar a importância do sentimento de pertencimento e de escuta nesse processo de conversação, dando voz aos corpos que estão ali dispostos a participar da produção de informações para uma pesquisa.

A conversação dá a possibilidade ao pesquisador/a de "estranhar e interrogar o já conhecido, o dado por certo, o óbvio (…) experienciar o conversar também enquanto e quando pesquisamos" (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018), esse compartilhamento de trajetórias, experiências e reflexões, faz com que o/a pesquisador/a e as/os participantes sejam as/os protagonistas infromações e relações com o mundo, como elucidado por Andréa Serpa (2018).

Um componente importante na conversa é a fala, uma das formas de uso da linguagem e que pode explicitar traços da subjetividade do ser, fazendo com que o mesmo, durante a conversação, exercite o filosofar, o pensar espiralado, com muitas voltas, idas e vindas, o que pode significar o ato de pensar sobre a prática (Larrosa, 2015). Nesse sentido, indo além da fala, a linguagem, como dito por Reinaldo Furlan e Josiane Bocchio (2003) está inserida no corpo, com seus gestos e movimentos, fazendo com que projete o ser para fora de si, o que, como pesquisadoras/es, nos permite aprofundar ou afunilar, por meio dessas percepções obtidas, determinado assunto durante a conversa.

Nesse aspecto, referenciando Flávia Silva (2009), nos deparamos mais uma vez com a subjetividade das/os indivíduos, entendendo esse termo como características que dão individualidade, personalidade e o tornam única/o dentro do ambiente social. Já que apesar de termos várias possibilidades de chegar ao mesmo tema, esses caminhos serão fluidos de acordo com cada docente participante da conversa, assim, essa pesquisa, a elaboração dos eixos norteadores e ainda mais dos disparadores das conversas precisam ser bem pensados.

Há uma objetividade dentro do subjetivo, o que reforça o que foi dito na seção anterior sobre a mediação de ações, o meio termo funciona como linha tênue

entre a total liberdade e a rigidez (Portelli, 1996). O desafio está em pensar, falar e potencialmente colocar em prática essas ações sociais que constroem de forma alternativa a articulação da metodologia, como dito por Denise Gastaldo (2012).

Mas além de ser uma forma fluida de produção de informações para uma pesquisa, por que a escolha da Conversa como procedimento? A resposta é simples, a conversa é um formato que permite o compartilhamento de experiências das/os participantes. Em um mundo onde o que era privado passa a ser público pela exposição nas redes sociais, principalmente, a intimidade ganha outro sentido, não sendo mais aquele restrito a casa e sim as experiências que os sujeitos escolhem não compartilhar, concordando com o que é dito por Paula Sibilia (2015).

As conversas que foram realizadas nesta dissertação apresentam o caráter online, e nele há suas individualidades. As conversas online ocorrem, geralmente, de forma rápida e dinâmica, podem ser realizadas em diversos suportes, dando uma maior mobilidade às/aos usuárias/os (Ruani; Couto Júnior; Amaro, 2020). Estamos mergulhadas/os nesse universo da cibercultura, como dito por Nilda Alves (2008), portanto, as/os pesquisadoras/es se encontram em um lugar de buscar possibilidades de como investigar e pensar metodologicamente, mediante as mudanças sociais, quanto a forma de comunicação e por consequência de conversação (Amaro, 2016).

Seguindo essa linha de pensamento, o ambiente de sala de aula se torna um espaço privado, já que nem sempre saem dali as informações do que ocorre, apesar da Educação Física ser rotulada como componente curricular que trabalha apenas com a prática, e portanto, com o ambiente fora da sala de aula. É necessário ressaltar que a disciplina aborda a cultura corporal do movimento que pode e deve ser desenvolvida não só na sua prática, mas também com a disseminação de informação (Betti; Zuliani, 2009).

Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2004) apontam que a conversa com professoras/es de Educação Física sobre o ambiente escolar vem falar da intimidade, do ambiente privado, que são suas aulas e como as temáticas de gênero e sexualidade se desdobram naquele espaço. Falar sobre essa experiência, com profissionais que têm afinidade com os pilares temáticos que são pesquisados, aparentemente se mostra como mais simples, já que não encaram como um tabu essa conversação.

A experiência é aquilo que nos atravessa e o que atravessamos, é o acontecimento e também o que fica marcado no ser (Larrosa, 2015), experiência é travessia, é o que nos toca, o ato de lecionar é tratar com a experiência a todo momento, lidar com os saberes que fluem de forma multidirecional, é considerar as experiências das/os alunas/os, suas próprias experiências e também dos outros componentes do ambiente instituição escolar.

Conversamos a todo momento, trocamos essas informações, essas experiências de forma automática no nosso dia a dia, então porque não podemos pesquisá-las? (Sampaio; Ribeiro; Souza, 2018). A experiência perpassa todo esse processo cartográfico, utilizando a conversa como forma de obter essas experiências e memórias que se tornam tão valiosas para a construção de novas ideias de existência de pesquisar e de se ver o mundo (Ganem, 2020).

Cartografar utilizando a conversa como procedimento é uma experiência de fazer pesquisa. A conversa é um procedimento que de forma mais intimista temos o contato com a/o participante, tendo assim o conhecimento de suas experiências, e como elas são únicas para cada indivíduo, mesmo que mais de um ser tenha experienciado tal ocorrido, suas percepções sobre o mesmo serão diferentes, como dito por Ribeiro, Sampaio e Souza (2018) “A conversa é um processo vivido”, por tanto apresenta continuidade, uma sequência, o ato de cartografar visto como acompanhar processos, contempla essa pesquisa entrelaçando esses conceitos aqui apresentados.

Sendo assim, todos os componentes, apesar de pontos de vista diferentes e buscando objetivos diferentes, estão ali compartilhando experiências. Essa dificuldade em incluir o/a pesquisador/a como componente que também dá experiência a temática, distanciando a discussão do corpo que deu início à problematização o que é uma dificuldade na área da pesquisa, e como já exposto por Kastrup (2009), a atenção ao local que pesquisador/a ocupa em sua pesquisa dita seus resultados.

O/A pesquisador/a, nesse contexto, tem o papel de possibilitar que a/o participante se sinta confortável para contar suas experiências, visto que esse caráter intimista faz com que os caminhos seguidos na conversa diga não somente sobre a/o participante, mas também do/a pesquisador/a, que vai sendo conduzido/a

pelos referenciais que traçou como objetivo na pesquisa, seja para reforçar, ou pontuar, ou contrapor o argumento (Ribeiro; Sampaio; Souza, 2018).

Por fim, a utilização da conversa nesta pesquisa é uma forma de ter acesso às experiências das professoras/es, possibilitando a reflexão daquelas/es que participam sobre suas atuações relacionados à pluralidade dos corpos relacionados a gênero e sexualidades na Educação Física escolar.

1.3. **Quem vem para a Conversa? As/os professoras/es participantes da pesquisa**

O grupo participante da pesquisa foi constituído com base em alguns critérios que se ajustam aos objetivos desta pesquisa. Inicialmente, foram elegíveis para a participação de professoras/es de Educação Física no exercício da docência no Ensino Básico (Ensino Fundamental e Ensino Médio), seja em escola privada ou pública. Como segundo critério, consideramos fundamental alguma experiência como docente. Assim, as/os participantes deveriam ter, no mínimo, um ano de atuação efetiva em turmas de Ensino Básico.

Inicialmente, foi disponibilizado um formulário pelo *Google Forms*[26], destinado às/aos professoras/es de Educação Física. O acesso a essas/es educadoras/es se deu pelo contato que tive como tutora de um grupo docente participante do *"Curso de extensão sobre Gênero e Sexualidades na Educação Física Escolar"*[27]. Contei com ajuda de professoras/es que já tinham um contato prévio para disponibilizar o formulário para outras/os docentes, e, além disso, utilizei as redes sociais

[26] O *Google Forms* é um serviço gratuito para criar formulários online. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções. Disponível em: https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/

[27] Curso de extensão sobre Gênero e Sexualidades na Educação Física Escolar foi organizado pelo LEGESEX, sob a direção da Professora Joyce Alves, destinado às/aos professoras/es de Educação Física da rede pública privada, com certificado expedido pela UFRRJ, tendo carga horária de 40 horas, ocorrendo de 30 de julho de 2021 até 25 de agosto de 2021, em formato online.

(*Instagram*[28] e *Facebook*[29]) para viabilizar o acesso a esse formulário por parte de outras/os professoras/es, atendendo, obviamente, os critérios pré-estabelecidos.

O formulário teve como finalidade obter informações das/os participantes que posteriormente foram utilizadas para o processo de conversação. Assim, buscamos informações preliminares sobre a caracterização das/dos participantes, bem como informações acerca de sua formação e atuação profissional no campo da Educação Física escolar. Ao final, convidamos às/aos professoras/es que assim desejassem para realização de conversas para ampliarmos e aprofundarmos as informações a partir de suas experiências sobre a presença dos corpos plurais na escola e suas relações com a temática de gênero e sexualidade na Educação Física escolar.

O intuito deste formulário era ter uma base do escopo do número de participantes que teriam esta pesquisa. Ao final, se encontram, as questões indicadas no formulário denominado *"Formulário Preliminar de Participantes da Pesquisa "Corpos Plurais na Educação Física: A Percepção de Professoras/es sobre Gênero e Sexualidades""*. Essas informações se encontram no Apêndice 2.

Deixando claro que as informações obtidas na pesquisa não foram vinculadas à identidade de nenhum/a dos/as participantes, mantendo o anonimato. Além disso, foi feita a assinatura de forma online do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra ao final desta dissertação (Apêndice 1). Assim, buscou-se assegurar a produção das informações, com os procedimentos vigentes, seguindo todos os parâmetros éticos de pesquisa com seres humanos, evidenciando que a participação na pesquisa não envolve qualquer remuneração para as/os participantes que compõem o escopo da pesquisa e que ela se dá de forma voluntária.

A relevância desse processo preliminar se dá pela importância de determinar como seriam elaboradas as conversas com as/os participantes. Esse primeiro contato teve como foco apresentar a pesquisa em questão, esclarecendo do que se trata a temática, expondo os objetivos e a intenção da realização dessa pesquisa.

---

[28] O *Instagram* é uma rede social *online* de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais. Disponível em: https://about.instagram.com/

[29] O *Facebook* é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias.Disponível em: https://www.facebook.com/

Dessa forma, as conversas com as/os participantes aconteceram de forma individualizada e online, considerando que esse formato se torna mais acessível e flexível de acordo com a disponibilidade das/os envolvidas/os para a conversa. Além disso, a dinâmica de conversação que a internet permite promove a interação com as/os participantes que geograficamente não estão próximas/os (Ruani; Couto Júnior; Amaro, 2020). A plataforma pensada para a realização da conversa foi, num primeiro momento, o *Google Meet*[30], com a gravação de imagem e som, as quais foram consentidas ao assinarem o termo de consentimento antes da realização da conversação, sendo modificada a plataforma para o *Whatsapp*[31] no decorrer do processo, como será esclarecido na seção que vem a seguir.

A decisão por conversas individualizadas se deu porque uma conversa com dois integrantes (participante e pesquisadora) tem o intuito de fazer com que os membros da conversação se sintam mais confortáveis em compartilhar suas experiências, já que suas informações não serão repassadas para outros indivíduos. É importante ressaltar que esse processo de comunicação entre as/os participantes também constitui um ambiente de aprendizagem, visto que o compartilhamento de experiências é uma maneira de obter conhecimento (Mateus, 2012).

Para que as/os professoras/es se sentissem confortáveis para compartilhar suas experiências com a docência, foi preciso propiciar um ambiente agradável entre a pesquisadora e as/os participantes na realização da conversa. Para isso, foi desenvolvido um roteiro básico para levar a conversa à produzir informações que interessam à pesquisa, sendo prevista a utilização de reportagens, memes, vídeos ou outros artifícios que pudessem aproximar a/o participante da pesquisadora e facilitar a desenvoltura da conversa. Os artifícios de aproximação utilizados pela pesquisadora foram: Um meme, na primeira etapa de conversação; e uma imagem obtida do Instagram da Seleção Feminina de Futebol, na segunda etapa de conversação.

---

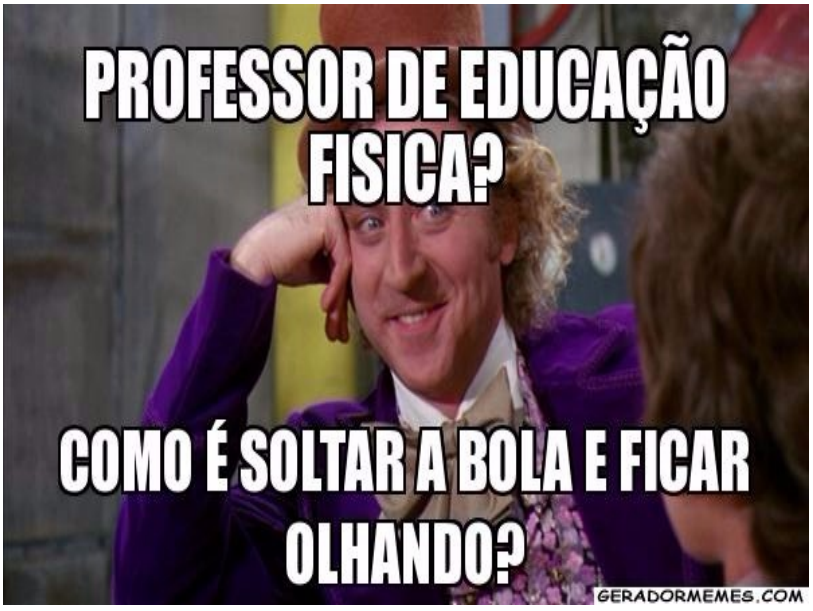
[30] A plataforma *Google Meet* é um meio digital para a realização de videoconferências e reuniões *on-line,* em que se adequa para diversos fins: pessoais, educacionais e profissionais. Disponível em: https://meet.google.com/

[31] O *WhatsApp* é um aplicativo que funciona como um serviço de mensagens instantâneas conectado à internet, disponível em multiplataformas. A possibilidade de compartilhar mensagens, fotos e até fazer chamadas de forma gratuita e ilimitada fez sua popularidade explodir desde que foi criado. Disponível em: https://www.whatsapp.com/

O meme foi retirado do *“Seminário de memes do Curso de Educação Física do UNIBH”*[32] e foi utilizado para dar a largada às conversas com as/os participantes, com o intuito de descontrair e dar início ao nosso foco. O meme apresenta um conteúdo sobre o estereótipo das/dos professoras/es de Educação Física, que trata-se de deixar as aulas serem apenas um local de aula livre, recreação, para as/os alunas/os, sem o desenvolvimento de uma perspectiva teórica ou prática da disciplina. , Tal “prática” é conhecida entre professoras/es de Educação física como “rola bola”, conforme indicam Lucas Rafael Nunes e Carlos Rogério Ladislau (2020).

Essa primeira etapa de conversa foi iniciada em 20 de abril de 2024 e se estendeu até 11 de maio de 2024. Na Figura 3, temos o meme disparador desta conversa, que foi utilizado como forma de quebrar a tensão nesse primeiro contato com as/os participantes e iniciar a conversa.

Figura 3 - Meme disparador da 1ª etapa da conversação



Fonte: Edfisicaunibh, 2016.

[32] *“Seminário de memes do Curso de Educação Física do UNIBH”* os alunos do LAI realizaram um Seminário sobre os problemas enfrentados pelos Profissionais de Educação Física no mercado de trabalho. Porém, a atividade foi além do tradicional e o que mobilizou as discussões foram os Memes elaborados por cada time, em 18 de abril de 2016. Link: https://unibheducacaofisica.wordpress.com/2016/04/19/seminario-de-memes/

A segunda etapa de conversação ocorreu no período de 29 ao dia 31 de maio de 2024. A escolha do uso desta postagem como disparador se deu pelo caráter inédito do anúncio de uma Copa do Mundo tendo o Brasil como país sede, em 2027, a divulgação desse feito ocorreu no dia 17 de maio de 2024 e se mostrou como um bom disparador para o retorno de conversa com as/os participantes.

Já que o Brasil é considerado o país do futebol (Ribeiro, 2012), como isso se apresenta quando se trata da modalidade feminina? Assim, considerei ser uma boa forma de entender como as/os participantes estão pensando e desenvolvendo em suas aulas as práticas esportivas, que se mostraram muito presentes no cotidiano docente.

Reportar as discussões aos esportes, seja a partir da Copa do Mundo ou dos Jogos Olímpicos, como será desenvolvido de forma mais aprofundada no capítulo 3, tem o intuito de elucidar que, mesmo dentro de uma Educação Física que segue o padrão do chamado “quadrado mágico”, como dito por Cibele Maria da Silva (2023) que é o desenvolvimento dos quatro (04) esportes: Futebol/Futsal; Vôlei; Basquete e Handebol; é possível desenvolver discussões sobre gênero e sexualidades, mesmo dentro dessa padronização, e essa é uma das inquietudes que a figura a seguir, apresentada às/aos participantes buscou desencadear.

Figura 4 - Postagem disparadora da 2ª etapa da conversação

Fonte: Instagram da Seleção Feminina de Futebol, 2024.

Na seção a seguir, está desenvolvida como foi a construção do escopo de participantes desta pesquisa e como foram reunidas as informações das/os professoras/os de Educação Física atuantes na Educação Básica em escolas no Rio de Janeiro sobre suas abordagens ou não da temática de gênero e sexualidades. Apresentamos, ainda, o andamento do processo cartográfico e como foi a construção do escopo de participantes, mostrando o passo a passo, com seus desvios e fluidez.

1.4. **Perfil das/dos participantes no processo cartográfico**

É preciso contextualizar quem foram as/os participantes das conversas que foram alvo das discussões nesta dissertação. Além disso, esta seção se faz necessária para contextualizar como foi construído o escopo deste processo cartográfico.

Na primeira etapa de adesão das/os participantes, que ocorreu por meio do Formulário *Google Forms*, conforme já indicado anteriormente, houve a divulgação do link para o formulário nas mídias sociais (*Instagram, Facebook e Whatsapp),* no dia 21 de agosto de 2023. Esta divulgação se deu, inicialmente, nas redes sociais pessoais da pesquisadora, sendo compartilhada, a posteriori, no perfil do NuDES, de parceiras/os docentes e de pessoas que têm algum tipo de relação com a pesquisadora e se disponibilizaram em compartilhar o formulário, mesmo que elas/es não pudessem participar da pesquisa, tendo o alcance restrito ao Estado do Rio de Janeiro, assim como definido nos critérios

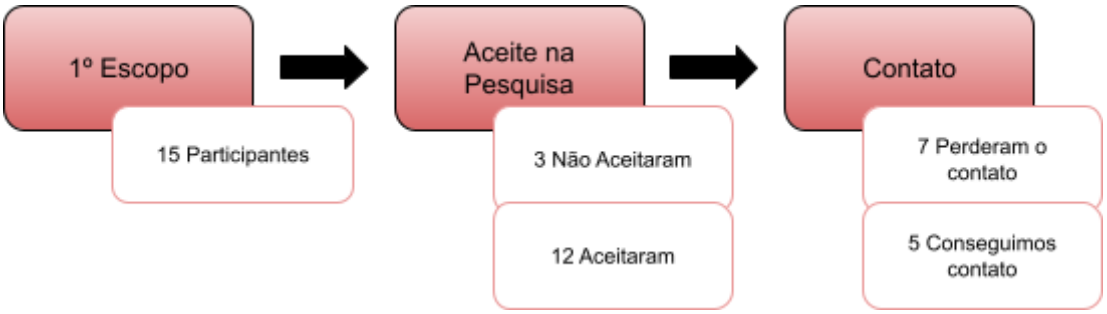
No primeiro momento, a resposta ao formulário foi de quinze (15) professoras/es, sendo que doze (12) professores aceitaram realizar a conversa. Lembrando que, a priori, a ideia era fazer a conversa *online* e individualizada pelo *Google Meet*. Assim, seria necessário estabelecer um dia e horário específico que fosse possível a participação de cada um/a deles/as.

No entanto, para agendar essas conversas foi planejada uma mensagem que seria enviada pelo e-mail, sendo essa a primeira tentativa de contato com as/os participantes, a segunda possibilidade seria por contato telefônico. Porém, com a primeira tentativa, apenas dois (02) participantes responderam sobre a disponibilidade.

Sendo assim, buscou-se a segunda forma de entrar em contato com as/os participantes, neste momento e foi notado um erro no preenchimento da plataforma *Google Forms.* Muitas/os das/os participantes repetiram o endereço de e-mail no espaço destinado ao número telefônico, o que resultou em uma perda de contato com a maioria das/os primeiras/os participantes. Assim, conseguimos o contato de apenas cinco (05) professores/as para desenvolver a conversa. Na figura a seguir,

está a representação dessa primeira etapa, apresentando este percurso, para uma melhor visualização.

Figura 5 - 1ª Etapa de contato com as/os participantes pelo *Google Forms*



Fonte: Acervo da autora, 2024.

Por considerarmos um grupo pequeno, insistimos e optamos por fazer circular, mais uma vez, o formulário, seguindo os mesmos princípios. Desta vez, ficando atenta ao contato telefônico que foi disponibilizado corretamente, e diante dos entraves e dificuldades encontrados durante o processo, optamos pelo uso do *Whatsapp* no lugar do *Google Meet*, como local para a realização das conversas.

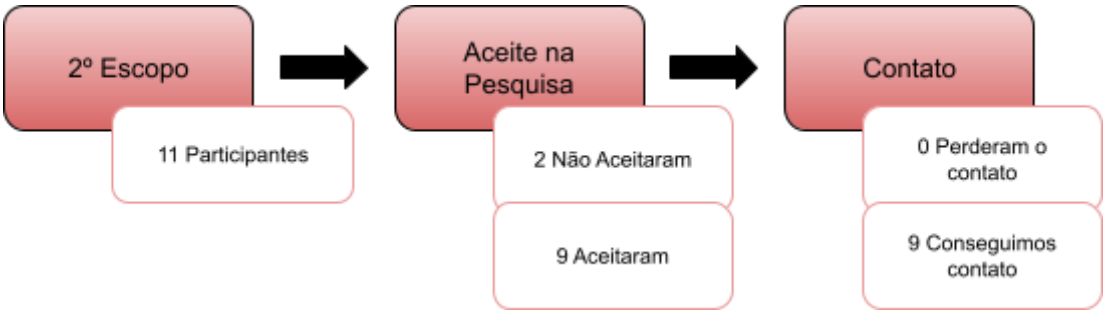
O *Whatsapp* tem sido, cada vez mais, utilizado para ampliar a comunicação entre as pessoas no dia a dia. Como dito por Rosemary Santos, Felipe Carvalho e Tânia Lúcia Maddalena (2017), as conversas que ocorrem no *Whatsapp* são chamadas de conversas ubíquas que “são as conversas que acontecem em diversos espaços-tempos mediadas por dispositivos móveis conectados em rede” (p.203) e isso faz com que se tenha contato com as/os participantes a qualquer momento, inclusive, durante o momento de lecionar.

A problemática que estávamos encontrando relacionada ao contato com as/os participantes foi sanada com essa modificação para esse aplicativo, tão presente no cotidiano das/os docentes. Trata-se de um aplicativo que vem se tornando uma forma mais acessível de entrar em contato com as/os participantes e conseguir realizar a conversa de uma forma mais fluida.

O formulário foi disparado em 23 de março de 2024. Dessa forma, conseguimos receber mais onze (11) respostas, e, entre elas, nove (09)

professoras/es aceitaram participar da conversa e dois (02) rejeitaram. Na Figura 6, representamos este processo.

Figura 6 - 2ª Etapa de contato com as/os participantes pelo *Google Forms*

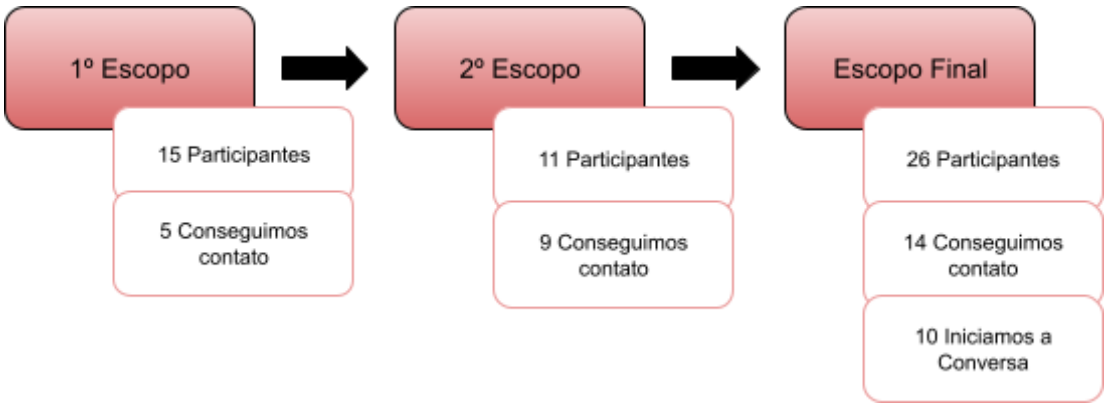


Fonte: Acervo da autora, 2024.

Ao total, somando as/os participantes que responderam o formulário na primeira etapa (15 participantes) e segunda etapa (11 participantes), temos como escopo total de 26 participantes. Porém, aceitaram conversar na primeira etapa (05 participantes) e na segunda etapa (09 participantes), somando, ao final, 14 participantes.

O processo de conversação, sendo caracterizado como primeira etapa de conversa, teve início no dia 20 de abril de 2024, com aqueles quatorze (14) participantes que até o momento haviam aceitado participar da pesquisa. Foi enviada uma mensagem padrão para iniciar a conversa, junto ao meme apresentado na seção anterior e a partir desse momento foram tendo os desdobramentos muito singulares com cada professor/a. O escopo final dessa pesquisa ficou com o total de dez (10) participantes, quatro (04) deles não retornaram o contato realizado no *Whatsapp, conforme* apresentamos na Figura 7:

Figura 7 - Escopo Final de Participantes da Pesquisa



Fonte: Acervo da autora, 2024.

É preciso ressaltar que, como se trata de uma pesquisa na perspectiva cartográfica, a fluidez na chegada de informações acontece de uma forma mais contundente, por isso tiveram algumas modificações nesse processo de conversação com as/os professoras/es. Essas modificações ocorreram após o momento de qualificação deste trabalho, 01 de dezembro de 2023, e optamos por manter as informações anteriores e notificar as mudanças com o intuito de dar maior solidez ao processo cartográfico.

Quatro (04) mudanças ocorreram nesse processo, sendo três (03) delas já relatadas anteriormente:

➢ Primeira mudança: O formulário foi distribuído nas redes sociais em dois momentos. O primeiro momento a partir do dia 21 de agosto de 2023, tendo 15 respostas e o segundo momento 23 de março de 2024, obtendo 11 respostas.

➢ Segunda mudança: Refere-se ao tempo de atuação como docente. A princípio, foi definido o mínimo de um (01) ano de experiência com o ensino básico. No entanto, avaliamos reduzir para seis (06) meses para que pudéssemos compreender melhor as motivações de um/a professor/a iniciante com a carreira docente.

➢ Terceira mudança: Diz respeito aos modos de como foram realizadas as conversas. Pelo contato prévio com as/os participantes que aceitaram conversar, os horários que elas/es tinham como disponíveis não se

encaixavam nos horários da pesquisadora e o inverso também acontecia. A solução dessa problemática foi realizar as conversas pelo *Whatsapp* e não pelo *Google Meet* como era o planejado.

➢ Quarta mudança: Foi a divisão da conversa em duas partes. A princípio, seria uma conversa em um único momento, até porque seria uma ligação por meio do *Google Meet*, mas tendo essa possibilidade de ser realizado pelo *Whatsapp*, optamos por realizar em dois momentos.

Com o escopo de dez (10) participantes nesta pesquisa, optou-se por utilizar nomes de atletas olímpicas/os, que se destacaram nos Jogos Olímpicos de Paris/França de 2024. Essa iniciativa se deu por valorizar essas personalidades que estão representando o Brasil nos jogos e também como uma forma de manter o anonimato das/os participantes desta dissertação.

A seguir, na Tabela 1, apresentamos uma síntese das informações que caracterizam as/os participantes. A organização seguiu as informações solicitadas no formulário respondido, quais sejam: Identidade de gênero; Orientação sexual; Idade; Ano de Formação Acadêmica; Tempo de Experiência Docente. A ordem que aparece na tabela está definida pelo tempo de experiência docente das/os participantes, sendo feita de forma decrescente, da/do participante com mais experiência até aquela/e que tem menos tempo de experiência. Os fatores identidade de gênero e idade se mostraram relevantes para o processo dessa discussão, sendo assim, as/os participantes serão referenciadas/os a partir desse momento da seguinte forma: “Caio Bonfim, 41 anos”, por exemplo.

Tabela 1 - Caracterização das/dos participantes da pesquisa

Participantes	Identidade de Gênero	Orientação Sexual	Idade	Formação Acadêmica (Ano)	Tempo de Experiência Docente
Beatriz Souza	Mulher Cis	Bissexual	42 anos	2003	17 anos
Caio Bonfim	Homem Cis	Hétero	41 anos	2005	16 anos
Willian Lima	Homem Cis	Hétero	43 anos	2014	9 anos
Isaquias Queiroz	Homem Cis	Hétero	29 anos	2017	4 anos
Rebeca Andrade	Mulher Cis	Bissexual	28 anos	2021	3 anos
Rayssa Leal	Mulher Cis	Hétero	26 anos	2022	2 anos
Gabriel Medina	Homem Cis	Gay	25 anos	2021	2 anos
Marta da Silva	Mulher Cis	Lésbica	25 anos	2023	1 ano
Alison dos Santos	Homem Cis	Hétero	32 anos	2013	1 ano
Ana Patrícia	Mulher Cis	Hétero	24 anos	2021	6 meses

Fonte: Acervo da autora, 2024.

Como apresentado na tabela acima, todas/os as/os participantes da pesquisa se entendem como pessoas cisgêneras, sendo cinco (05) delas se reconhecendo como mulheres e cinco (05) deles se reconhecendo como homens. Quanto à orientação sexual, seis (06) se identificam como pessoas heterossexuais, dois (02) se identificam como bissexuais, dois (02) como homossexuais, sendo um (01) gay e uma (01) lésbica.

A faixa etária vai de 24 anos até 43 anos. Grande parte composta por jovens[33] professores/as. Sendo 06 professoras/es, um (01) com 24 anos, um (01) com 25 anos, dois (02) com 26 anos, um (01) com 28 anos, um (01) com 29 anos configurando um total de seis (06) jovens docentes. O restante compõe o grupo de professores/as adultos/as: um (01) com 32 anos, um (01) com 41 anos, um (01) com 42 anos e um (01) com 43 anos.

Em relação ao ano de conclusão do Curso de Educação Física, há um (01) docente com mais de 20 anos de formação (2003). Três (03) docentes com tempo de formação entre 10 e 19 anos (2005, 2013, 2014). Um (01) com acima de cinco (05) anos de formação (2017) e os demais abaixo de cinco (05) anos de formação (2021, 2022, 2023).

O tempo de experiência na docência varia de 6 meses a 17 anos. Sendo um (01) com 6 meses, dois (02) com 1 ano, dois (02) com 2 anos, um (01) com 3 anos, um (01) com 4 anos, um (01) com 9 anos, um (01) com 16 anos, um (01) com 17 anos.

Neste capítulo, descrevemos as informações pertinentes ao perfil das/dos participantes da pesquisa. Apresentamos as principais dificuldades enfrentadas e quais foram as soluções que optamos para conseguir alcançar as/os participantes, constituindo um número relevante de docentes para fornecerem as informações para a pesquisa. Agora, avançamos no aprofundamento teórico sobre os principais constructos desta dissertação: Formação Docente, Gênero, Sexualidades e Corporeidades.

Com isso, o capítulo a seguir busca apresentar o “estado do conhecimento” com os principais conceitos que pautam essa dissertação, apontando os possíveis avanços e desafios contidos nas pesquisas desta área do conhecimento. Além disso, os principais constructos que conduzem essa dissertação são desenvolvidos por autoras/es expoentes sobre a temática, buscando adentrar como são pensados e desenvolvidos nas pesquisas esses conceitos que pautam a dissertação.

---

[33] Segundo a Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que institui o Estatuto da Juventude e dispões sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE, é considerado “jovem” todo indivíduo de 15 a 29 anos.

2 **DO SINGULAR ÀS PLURALIDADES: FORMAÇÃO DOCENTE, GÊNERO, SEXUALIDADES E CORPORALIDADES**

Sim, meu corpo fala.
E não sei falar baixo com os gestos.
Quando algo me aflige, meu corpo inteiro grita
num fluxo inquietante de movimentos
e inevitavelmente,
essa linguagem corporal sempre vai dizer a verdade!
Diogo Diedrich

Inicio este capítulo com as palavras de Diego Diedrich[34] sobre como o corpo anuncia o estado que o indivíduo se encontra no mundo, nossos gestos e movimentos dizem sobre nós, não numa visão de padrão cisheteronormatizada, mas aquela que mostra o inevitável, o ser na sua forma mais verdadeira. O problema é que nem sempre essa representação é acolhida no meio social. Nesse sentido, é importante que, na área da pesquisa voltada à Educação Física, sejam trabalhadas temáticas que incluam os corpos aos conceitos de gênero e sexualidades e demonstrem sua relação no âmbito da Educação Física escolar.

Neste capítulo, focaremos no desdobramento do estado do conhecimento relacionado à temática apresentada, como tem se dado as pesquisas sobre gênero, sexualidade, corpo e Educação Física, identificando tendências teóricas e metodológicas que orientam as investigações , bem como seus principais achados e contribuições para esta pesquisa.

Composto por três (03) seções e uma (01) subseção, a saber: Na seção ***"2.1 Aproximação com o campo: O Estado do Conhecimento sobre Gênero, Sexualidades e Corpos"***, objetivamos apresentar as pesquisas realizadas que estão relacionadas à temática aqui desenvolvida, com o objetivo de apresentar os estudos já publicados que estão relacionados à temática aqui desenvolvida, tendo

[34] Diogo Diedrich Mestre em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu campus de São Paulo (USJT), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Afirmativo campus de Cuiabá-MT (FAFI) e Didática e Metodologia do Ensino Superior pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci campus de Rondonópolis-MT (UNIASSELVI), possui graduação em Educação Física - Licenciatura pela Universidade de Cuiabá campus de Rondonópolis-MT (UNIC). Professor de Educação Física na Educação Básica da Rede Estadual de Mato Grosso. Link do Lattes http://lattes.cnpq.br/1141730321773729

como base a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). A subseção ***"2.1.1. Apresentando o processo e os achados do Estado do Conhecimento"***, demonstramos como se deu a busca na BDTD/IBICT e os processos percorridos para chegar nesses achados que contribuem, também, para o suporte teórico desta dissertação. ***"2.2. Gênero e Sexualidades na Escola: Concepções em disputa e suas relações com a Educação Física Escolar"***, busca-se apresentar os principais conceitos e desdobramentos sobre os constructos de gênero e sexualidades que pautam essa dissertação e como se relacionam no contexto da Educação Física escolar e que darão apoio para as análises a serem desenvolvidas no próximo capítulo. Na última seção ***"2.3 Corporeidades na Escola: corpos e sujeitos na/da Educação Física"***, fechamos o capítulo apontando os conceitos de corporeidades e seus atravessamentos na área de Educação Física.

2.1 **Aproximação com o campo: O Estado do Conhecimento sobre Gênero, Sexualidades e Corpos**

Para ter uma perspectiva na área acadêmica sobre o foco desta pesquisa, realizamos, preliminarmente, um processo de construção de um "estado do conhecimento" como conceituado por Norma Ferreira (2002) que pressupõe a realização de um mapeamento e discussão da produção acadêmica de um certo campo de estudo. O objetivo desse processo é conhecer o que já foi construído e produzido pelo campo, no caso, na área de Educação, para, então procurar estabelecer uma conversa com o que já foi produzido, identificando tendências e, também, as lacunas, ou seja, o que ainda não foi feito e necessita avançar.

A realização do estado do conhecimento nesta pesquisa dialoga com o processo cartográfico, já que utiliza de pistas e procedimentos para que um resultado seja encontrado, dando validade a como esse caminho foi percorrido, acompanhando o percurso e sendo flexível de acordo com a demanda encontrada, conforme afirmam Passos; Kastrup e Escóssia (2009).

Apesar de parecerem semelhantes, o “estado da arte” difere do “estado do conhecimento”, como dito por Anne Patrícia Silva, Roberta Souza e Vera Maria Vasconcellos (2020). Pode-se entender o estado da arte como mais amplo, alcança um universo mais vasto das produções e com a utilização de fontes diversas (teses, dissertações, revistas científicas, livros, eventos, etc.). Já o “estado do conhecimento" se limita a uma ou duas bases de informações, com as mesmas características. Assim, configura-se como um levantamento mais restrito.

O afunilamento de como essa busca foi realizada caracteriza tanto o direcionamento do estado do conhecimento, quanto com as pistas dentro de uma perspectiva cartográfica. Segundo Joana P. Romanowski e Romilda T. Ens (2006) para a realização do estado da arte/conhecimento é necessário alguns procedimentos:

> - Definição dos descritores para direcionar as buscas a serem realizadas;
> - localização dos bancos de pesquisas, teses e dissertações, catálogos e acervos de bibliotecas, biblioteca eletrônica que possam proporcionar acesso a coleções de periódicos, assim como aos textos completos dos artigos;
> - estabelecimento de critérios para a seleção do material que compõe o corpus do estado da arte;
> - levantamento de teses e dissertações catalogadas;
> - coleta do material de pesquisa, selecionado junto às bibliotecas de sistema COMUT ou disponibilizados eletronicamente;
> - leitura das publicações com elaboração de síntese preliminar, considerando o tema, os objetivos, as problemáticas, metodologias, conclusões, e a relação entre o pesquisador e a área;
> - organização do relatório do estudo compondo a sistematização das sínteses, identificando as tendências dos temas abordados e as relações indicadas nas teses e dissertações;
> - análise e elaboração das conclusões preliminares (Romanowski, Ens, 2006, p. 42-43)

Esses procedimentos dão pistas de como contribuir para o campo teórico, possibilitando “identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação” (Romanowski; Ens, 2006, p.39). O estado do conhecimento não se distancia muito dessas etapas.

Na pesquisa em questão, o presente levantamento se justifica para estabelecermos, além de um conhecimento do que se tem produzido atualmente nos programas de pós-graduação brasileiros, como também para dialogar com esta produção na perspectiva de fundamentar nossas produções de informações.

Foi considerada a utilização da plataforma do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, que funciona como forma de facilitar o acesso de informações consolidadas, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) tem como objetivo facilitar o acesso às informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país a partir de 2013. Atualmente, os dados nele apresentados são oriundos da Plataforma Sucupira[35].

Porém, como a base de dados da CAPES tem a restrição dos trabalhos defendidos antes do vínculo com a Plataforma Sucupira, optou-se por manter apenas a base de dados BDTD/IBICT. Se encaixando dentro do conceito do Estado do Conhecimento (Romanowski; Ens, 2006) e também, diante das mudanças de rumo nos encontramos dentro da própria metodologia cartográfica que indica que os caminhos são diversos, cheios de curvas e desvios, não são retos, exatos, conforme indicam (Passos, Kastrup e Escóssia, 2009).

A Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), vinculado ao Ministério da Ciências, Tecnologia e Inovação. Esta base de dados abriga 661.852[36] Dissertações e 248.181[37] Teses produzidas em 145[38] instituições nacionais credenciadas no IBICT, tendo como número total de 910.033[39] documentos registrados. De acordo com o site, a BDTD “integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico.” (BDTD/IBICT).

A base apresenta ferramentas de fácil manuseio que ajudam nas buscas. Nos locais devidos, são registrados os descritores para a busca e alguns filtros para a busca avançada: “área de conhecimento”, “ano”; “idioma”, dentre outros. O acesso

[35] Plataforma Sucupira é um sistema de coleta de informações, análises e avaliações a serem utilizadas como base padronizadora do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) brasileira. A Plataforma disponibiliza informações, processos e procedimentos que a CAPES realiza no SNPG para toda a comunidade acadêmica. Link do site: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/

[36] Conforme consulta em 04/08/2024.

[37] Conforme consulta em 04/08/2024.

[38] Conforme consulta em 04/08/2024.

[39] Conforme consulta em 04/08/2024.

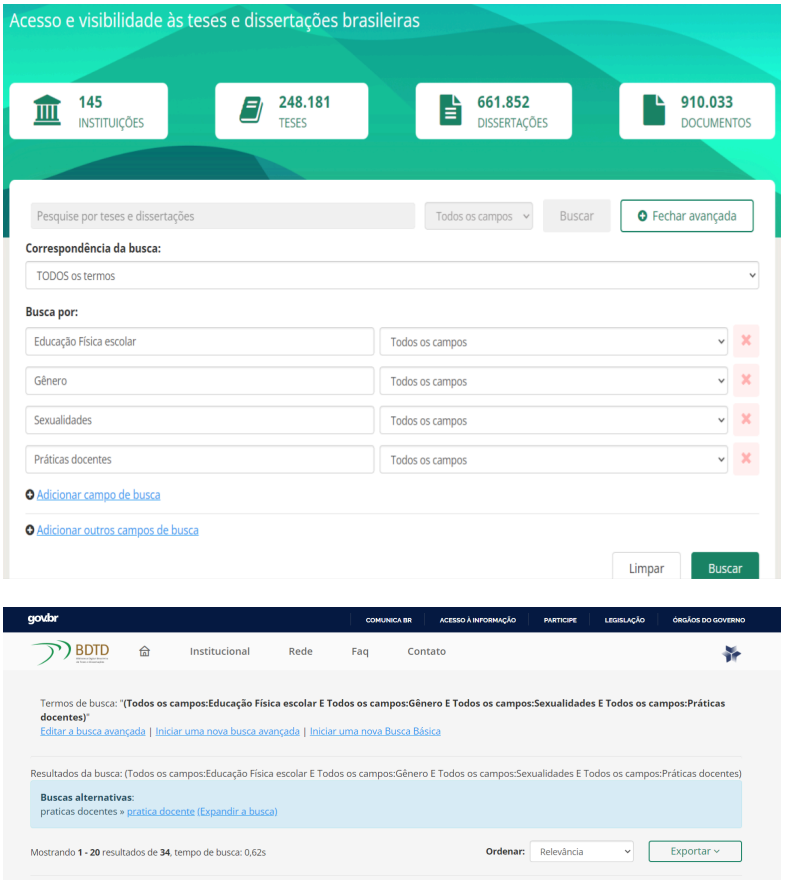
às bases como esta faz com que o/a pesquisador/a acadêmico/a tenha a oportunidade de ter aproximação com temas que têm afinidade, seja ele qual for, já que pelo escopo apresentado na BDTD,contém uma diversidade de conteúdos.

A busca na BDTD/IBICT foi realizada em sua versão final no dia 04 de agosto de 2024 com o intuito de englobar o máximo de estudos possíveis e de forma mais atualizada, para que contribuísse da melhor forma com essa dissertação. Na seção a seguir, será destrinchado como se deu esse processo de busca, registro e categorização das produções encontradas.

2.1.1. Apresentando o processo e os achados do Estado do Conhecimento

Inicialmente, definiram-se como descritores: “Educação Física escolar”, “Gênero”, “Sexualidades” e “Práticas Docentes” na base BDTD/IBICT, sem nenhum filtro, obtendo 34 resultados, sendo 6 teses e 28 dissertações. Esses estudos estão disponíveis no final desta dissertação nomeados como Apêndice 3 (Tabela 2 - Teses) e Apêndice 4 (Tabela 3 - Dissertações). O período das publicações foi de 2009 até 2024. Todas produções localizadas foram arquivadas e organizadas com a numeração de 1 a 34, para posterior análise. Os constructos são apresentados entre aspas, pela conformação que a plataforma apresenta na busca avançada adicionando os termos em cada espaço e direcionando onde eles podem ser encontrados, o que nessa pesquisa foram todos utilizados vinculados à busca em “Todos os campos”, como está representado na figura 8.

Figura 8 - Busca na BDTD/IBICT



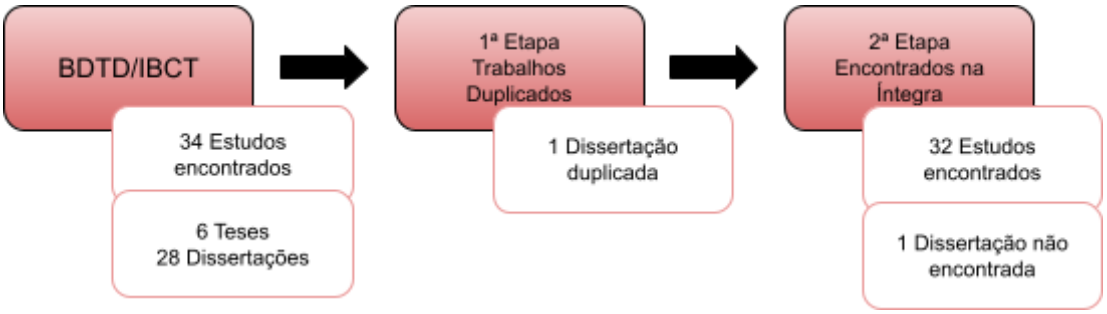
Fonte: Acervo da autora, 2024.

Considerando as informações anteriores, iniciou-se a verificação desses documentos, que ocorreu em algumas etapas. A primeira etapa foi para identificar se havia produções iguais na base escolhida, ou seja, se havia duplicidade. Apenas um estudo apareceu de forma duplicada, a dissertação de Ronald Lima da Silva (2017) intitulada *"NOVOS PANORAMAS PARA O ENSINO RELIGIOSO: Uma análise do modelo das Ciências da Religião para o Ensino Religioso nas escolas públicas, tendo em vista os aspectos da transdisciplinaridades, transreligiosidade e pluralismo religioso".* Sendo considerado apenas uma versão dessa dissertação, baixando nosso quantitativo para 33 estudos.

O segundo momento foi o descarte das pesquisas não encontradas na íntegra, ou seja, estudos que não estavam disponíveis para ter acesso ao documento completo. Nessa condição, apenas uma dissertação se enquadra, não apresentando acesso nem ao resumo da pesquisa, portanto, sendo descartado

desse processo de construção do estado do conhecimento. Por coincidência era a mesma dissertação que apresentou duplicata, portanto, reduzindo o escopo para 32 estudos. Na Figura 9, apresentamos como se deu a primeira fase de construção do Estado do conhecimento.

Figura 9 - 1ª Fase do processo de construção do Estado do Conhecimento



Fonte: Acervo da autora, 2024.

O terceiro passo foi a realização da leitura dos títulos e das palavras-chave de cada estudo. Foram descartados teses e dissertações que focalizavam a violência contra mulher; jovens LGBTQIA+; gravidez na adolescência; ensino religioso; obesidade; perspectiva discente; matrizes curriculares ligadas a veterinária, agricultura, geografia, ciências da natureza, biologia e pedagogia. Nesse processo de seleção foram descartados 4 teses e 10 dissertações, passando para a próxima etapa 2 teses e 16 dissertações, totalizando 18 estudos selecionados.

O quarto passo foi a leitura dos resumos destes 18 estudos remanescentes, descartando as pesquisas que divergem do foco temático desta pesquisa. Nessa quarta etapa foram descartados os estudos que apresentaram foco no aspecto psicológico de pessoas trans; nos discentes e não nos docentes; análise do plano de curso por meio do Portal do Professor - MEC; que não focam nas temáticas de gênero e sexualidades; na área educacional de forma ampla e não na Educação Física de forma específica. Dessa forma, foram descartadas 1 tese e 6 dissertações, passando para última etapa de seleção 1 tese e 10 dissertações, totalizando 11 estudos selecionados.

Finalizando, com a quinta etapa, foi realizada a leitura na íntegra dos estudos que passaram por esse processo de seleção, para serem utilizados baseando-se na

premissa de que foram consideradas as produções que focam na temática de gênero e sexualidades na Educação Física, compreendendo como vem sendo utilizadas. Sendo assim, foram descartados estudos que são revisão de literatura; discussão sobre a educação infantil; foco nas experiências do corpo discente escolar; relatos de docentes já publicados em outras produções; foco em docentes que atuam no Ensino Superior. Terminando, então , esse processo de seleção com 6 estudos para compor o estado de conhecimento, sendo 1 tese e 5 dissertações, como está representado na figura 10.

Figura 10 - 2ª Fase do processo de construção do Estado do Conhecimento

Fonte: Acervo da autora, 2024.

Os estudos selecionados foram aqueles que passaram pelo critério de conter a temática centrada na percepção e experiência de professores e professoras de Educação Física durante a prática de lecionar. O fator currículo e as vertentes utilizadas para desenvolver as pesquisas foram critérios secundários para a seleção. Para visualizar as produções selecionadas, verifique o Apêndice 5 (Tabela 4 - Estado de Conhecimento Final), no final desta dissertação.

Assim, apresentamos um resumo de cada uma das 06 (seis) produções que compõem o Estado do Conhecimento. A dissertação de Mateus Alves (2023) denominada ***"Um olhar para as questões de gênero nas aulas de educação física a partir das experiências de uma professora"***, realiza entrevistas (individual e coletiva), com quatro (04) professoras de Educação Física da Prefeitura Municipal de Seropédica/RJ, sobre como em suas aulas elas lidam com a dominação masculina, a divisão do espaço escolar.

Nesse estudo, a formação continuada é apresentada pelas participantes como possível solução para evolução na temática, além disso, como considerações transitórias como dito pelo autor, se torna cada dia mais necessário pesquisas no campo educacional e que vão a campo, que valorizem os saberes docentes e que estejam comprometidas com uma Educação Física democrática, que atenda aos princípios básicos da democracia, a justiça social, o diálogo e a inclusão.

Laís Campos (2021) em sua dissertação ***"Gênero na formação docente da UFRRJ e na Educação Física escolar do Ensino Médio: um debate sobre discriminações"*** entrevistou sete (07) professoras/es de Educação Física do Ensino Médio, sendo cinco (05) mulheres e dois (02) homens, que atuam nas escolas no Estado do Rio de Janeiro e que são egressos da UFRRJ, sobre o que eles entendem da terminologia "Gênero", a percepção de LGBTQIA+fobia dentro do espaço de sala de aula e se a formação na UFRRJ os preparou para a realidade docente. Como resultado, as/os entrevistados não consideram o curso de graduação como principal local onde tiveram acesso ao tema.

Nas considerações finais, a autora reconhece a abertura de espaços e avanços sobre os debates sobre gênero e sexualidades, ainda mais pelo momento conturbado político que se situa a escrita, mas ainda é necessário um longo caminhar, que exige um olhar cuidadoso e pertinente. Dentro das aulas de Educação Física as/os professoras/es participantes parecem não saber lidar com o tema gênero e sexualidades com suas/es alunas/os, sendo necessário o estímulo a uma educação voltada para a liberdade, autonomia e criticidade, para que consigamos conviver com mais respeito às diferenças.

A tese de Priscila Dornelles (2013) ***"A (hetero) normalização dos corpos em práticas pedagógicas da educação física escolar"*** discorre sobre o movimento pedagógico dos/as professoras/es de Educação Física no Vale de Jiquiriçá/BA de heteronormatização dentro de suas aulas, por meio de um grupo focal com sete (07) participantes e também realizando entrevistas individuais, tendo como considerações de que a binaridade se mostra muito presente na realidade escolar, pondo a heterosexualidade como o ponto de partida para conhecimento sobre sexo e sexualidade.

Como considerações finais, a autora indica os desejos de reverberar as análises das práticas pedagógicas na Educação Física escolar em articulação com os modos de regulação dos corpos na escola, reconhecendo que os estudos de gênero é um “caminho difícil”, mas que é necessário esse comprometimento como área de estudos e desenvolvimento, entendendo como uma “linha que nunca termina”, para que as/os sujeitas/os se reconheçam e se empoderem.

“Professores de Educação Física em questão – corpo, relações de gênero e sexualidades” é a dissertação escrita por Denis Mauro de Souza (2013), que problematiza as questões de gênero e sexualidades dentro da formação de professoras/es de Educação Física e suas ações pedagógicas, sendo feita por meio de observação e relatórios de diários de campo, por meio da disciplina Estágio. Tem como considerações as problematizações quanto a formação docente, evidenciada nessa experiência com o contato com professoras/es e o anseio da construção/formação de profissionais plurais.

A dissertação de Gabriela Ribeiro (2012), intitulada ***“Corpo, gênero e sexualidade na Educação Física Escolar. Uma cartografia das práticas discursivas em escolas do Paraná”*** é uma cartografia das narrativas de quatro (04) professoras de Educação Física da Rede Estadual do Paraná, sobre questões curriculares e de formação continuada da Educação Física escolar relacionadas às temáticas de corpo, gênero, sexualidade e diversidade sexual. Como conclusão, se mostrou um deslocamento quanto à tolerância e respeito sobre os sujeitos LGBTQIA+, e a problematização destas questões nas instituições escolares e instituições de formação docente.

“Currículo, educação física e diversidade de gênero” é a dissertação escrita por Fábio Pereira (2009), que teve como objetivo analisar as experiências docentes focalizadas em futebol e dança, com o intuito de demonstrar as questões de gênero que atravessam as aulas de Educação Física. O desfecho deste estudo foi que quando a/o docente se apresenta como um/a intelectual transformador/a por meio do diálogo, conscientização e intervenção pedagódica, as aulas se tornam equiparadas para meninos e meninas, e quando não, a discriminação e preconceito prevalecem.

As metodologias desenvolvidas nos estudos presentes no estado do conhecimento, se assemelham com a que é trabalhada nesta dissertação. Utilizando a cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), o contato com as experiências (Meyer; Soares, 2004) dessas/es professoras/es de Educação Física na sua rotina escolar. O que se apresenta de forma variada são os meios que essas experiências são captadas pelas/os pesquisadoras/es, seja pela forma de entrevista, questionários, observação, relatórios de diários de campo e conversas. Sendo a conversa um meio utilizada por esta dissertação (Larrosa, 2015).

Os estudos têm como foco as questões de corporeidades, gênero e sexualidades de forma ampla. Mantendo, assim, um viés de abordagem relacionado ao binarismo, cisheteronormatividade e as práticas generificadas e sexualizadas (Jacoby; Goellner, 2020).

Os resultados e conclusões dos trabalhos selecionados têm em comum a constatação que a formação docente não tem sido capaz de abrigar todas as demandas relacionadas a corpo, gênero e sexualidades. Na maioria, as/os docentes não se sentem preparadas/os para desenvolver os conteúdos relacionados à temática de forma mais adequada e buscam a formação continuada com uma possível forma de mudar esse cenário, construindo professoras/es preparadas/os para lidar com as pluralidades dos discentes.

Na seção a seguir, buscou-se aprofundar as concepções que configuram os conceitos de gênero e sexualidades ligadas à Educação Física escolar, apresentando desdobramentos e movimentos que ocorrem com a definição desses conceitos que pautam esta dissertação.

2.2 **Gênero e Sexualidades na Escola: Concepções em disputa e suas relações com a Educação Física Escolar**

Esta seção tem a finalidade de contextualizar os conceitos e desdobramentos de como os estudos de gênero surgiram e quais perspectivas foram ganhando destaque até a atualidade, possibilitando que conceitos relacionados a corpo,

sexualidades, identidades e estereótipos fossem fundamentadas e desenvolvidas no decorrer dos anos.

O histórico dos estudos de gênero é marcado pela emersão do movimento feminista, no qual é caracterizado pela luta por igualdade de direitos, engajado na atribuição da mulher como sujeito político e histórico, como dito por Cláudia Pedro e Olegna Guedes (2010). Tendo seu início como movimento social e político na Europa e nos Estados Unidos e, posteriormente, se espalhando por todo o mundo, como esclarecido por Ilze Zirbel (2021), costumava-se usar a metáfora de ondas do feminismo, mas essa utilização tende a uma visão que diz respeito à uma narrativa focada apenas em um grupo de mulheres brancas, de determinada classe e local geográfico, por mais que entender o conceito de onda como um ponto de destaque, é importante que não sejam invisibilizados essas lutas sem ser nesses lugares de privilégio.

Bárbara Molony e Jennifer Nelson (2017) apontam que as lutas feministas pelo mundo ao longo do tempo nos mostra que mulheres de variadas etnias e classes, de diferentes gerações, nacionalidades, orientação sexual e formas físicas estiveram em diálogo umas com as outras ao longo dos séculos, apesar de que nem sempre tenham articulado o mesmo conjunto de prioridades ou concordado entre si. A partir dessas informações, neste trabalho foram apresentados três (03) momentos em que as lutas pelos direitos das mulheres se mostraram relevantes para o desenvolvimento desta dissertação, não tirando a importância de outros momentos dentro da luta feminista e nem com o intuitito de invisibilizá-lo.

Nesse primeiro momento escolhido para ser descrito, é pautado nos valores das Revoluções Francesa e Americana, tendo duração entre o final do século XIX e início do século XX, o que culminou no Movimento Sufragista (direito de voto às mulheres). Kimberly Farias Monteiro e Leiliane Grubba (2017), descrevem esse momento como o que teve cunho conservador, problematizando as diferenças contratuais e econômicas entre os sexos, além dos direitos legais.

O segundo momento escolhido para ser descrito, já com presença no Brasil, ergueu-se durante a década de 1960, período da ditadura militar. Como dito por Carolina Siqueira e Elda Bussinguer (2020), é o momento que prevalece a inquietação da opressão feminina inscrita nos corpos na linguagem, nas relações

familiares, sociais e econômicas, mesmo após a conquista dos direitos legais, abordando a liberdade sexual .

O terceiro momento escolhido para ser descrito tem início durante a década de 1980, que se adota uma perspectiva de desconstrução, na qual busca analisar a subjetividade, a alteridade e a diversidade. Trazendo à tona, como aduz Lindalva Cruz (2007) e Márcia Adriana Aguilar e Josiane Gonçalves (2017), outras questões como o estudo das masculinidades e feminilidades e formulou o chamado estudo pós-estruturalista.

A perspectiva pós-estruturalista, como apresenta nos escritos de Fabiano Devide e colaboradores (2011), ampliou o que os estudos de gênero abrangiam até então, trazendo à tona não só a problemática sobre o lugar da mulher na sociedade, mas também questões de gênero, sexualidade, estereótipos e fluidez das performances de gênero de uma forma geral. James Deam Amaral Freitas (2011) desenvolve que a teorização desses conceitos apresenta um constante processo de continuidades e rupturas, com pesquisadores que trazem novos ideais ou reformulam termos já descritos.

Foucault (1986) contribui para os estudos de gênero quando consideramos seus escritos sobre a sexualidade humana como dispositivo de poder, onde “a sexualidade é um fator que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar, entendendo o sexo como aquilo que divide os indivíduos” (p. 243-276). A categoria gênero e sexualidade não é aquilo que o poder tem medo, mas aquilo que se usa para seu exercício.

A opressão feita aos corpos femininos é um exemplo disso. A reivindicação das mulheres por igualdade e equidade vem para mostrar a força que os corpos podem desempenhar em lugares de poder, a partir do momento que se entende como funcionam os dispositivos de discurso, chegando às mudanças sociais. Como apresentado por Margaret McLaren (2016) em seus estudos que conversam em alguns pontos com os pensamentos de Foucault, essa é uma noção de “subjetivação corporificada” (p.12), mostrando a forma desproporcional que os espaços de poder não são dados aos corpos que não brancos, de elite e masculinos.

Na década de 1980, se apresenta de forma mais expressiva um dos conflitos primários entre o movimento feminista e os estudos de gênero. Já que os estudos

feministas usavam do termo estudos de gênero para poder falar de mulheres, para mulheres e sobre mulheres, como é defendido por Joan Scott (1995), medida necessária em seu princípio para que trabalhos acadêmicos produzidos por mulheres fossem reconhecidos em esfera social. Essa dissociação segue sendo questionada, como dito por Adriano Beiras e colaboradores (2012), porém, os estudos de gênero ganharam maior identidade com esse processo.

A partir desse momento, a motivação foi tornar o conceito mais acadêmico, dando maior legitimidade ao tema, se distanciando do caráter de militância (Louro, 2017). Assim, gênero torna-se uma nova área de conhecimento na pesquisa e com ele vem visões divergentes do que pode ser entendido como gênero (De Tílio, 2014). Uma delas entende como característica inerente ao ser, correspondendo ao seu sexo biológico, sendo assim, posta uma visão dualista sobre o termo, sendo difundida principalmente pelos discursos biomédicos, caracterizando o determinismo biológico, como apresentado por Felipe da Silva, Emily de Souza e Marlon Bezerra (2019).

Uma outra visão tem como precursora Scott (1995), definindo gênero como construção social, constituído a partir dos papéis sociais direcionados ao ser pelas diferenças percebidas pelo sexo biológico. Butler (2001) apresenta contribuições para a ampliação destas concepções e argumenta que gênero é um constructo artificialmente imposto, no qual é reiterado em torno das diferenças sexuais existentes nos corpos. Assumindo assim o que a autora define como performatividade de gênero, na qual por meio da aparência atribui-se um corpo de homem ou de mulher, sendo essas atribuições atos que são renovados, revisados e consolidados com o tempo (Butler, 2008; Valente; Sordi; Lima, 2018).

A sexualidade humana é nomenclatura que dialoga com o sexo que pode ser definido com dual, representando a reprodução sexuada e também a simbolização humana da presença e ausência do que é fálico, já que esse fator é o que determina quem está no poder na sociedade (Laplanche, 2015). Sexo está intrinsecamente relacionado ao biológico, a hormônios, o que para Jean Laplanche (1992) relaciona aos estudos de Sigmund Freud, com o conceito de pulsão, resumindo ao sexo como a busca pelo alivio da tensão, condicionada à fantasia inconsciente e à história libidinal do indivíduo.

Segundo Jean Carlos Natividade e colaboradores (2014), quando se remete à sexo biológico, nota-se que: “Diz respeito ao agrupamento de pessoas em duas categorias, macho e fêmea, de acordo com suas diferenças biológicas decorrentes do 23º cromossomo” (p.24). E este argumento definiria não somente o gênero do indivíduo, mas também a sexualidade, que pode ser compreendida como uma junção do biológico, das ideologias, crenças, desejos, afetos, manifestações e práticas sexuais (Hall, 1992, p.4).

McLaren (2016, p.163) dialogando com Foucault (1988), mostra que falar sobre sexualidade é indissociável de falar da sociedade, já que o discurso da sexualidade atua sobre os corpos, primeiramente com um caráter biológico e a partir desse ponto que começam as interpretações sociais.

Estas terminologias, quando observadas em sociedade, pontua Constantina Xavier Filha (2011), apresentam respostas que nem sempre são positivas, já que contém várias idealizações do que seria o correto em cada uma delas. São nesses momentos em que estereótipos aparecem, sendo eles as atribuições feitas aos corpos de forma imprecisa, pautadas apenas no preconceito (Natividade *et al,* 2014).

Ocorre principalmente essa estigmatização, pela conformação em que se sustenta a sociedade atual. Na heteronormatividade, pressupondo que todos os indivíduos da sociedade são heterossexuais (Adrienne Rich, 2012; Lima; Belo, 2019), e no androcentrismo, criando uma hierarquia entre os sexos e os gêneros, ponto o masculino como superior, como dito por Lívia Toledo e Fernando Teixeira Filho (2010).

Essas relações poder-saber-verdade a respeito de corpo, gênero e sexualidade ficam em questão quando se fala das práticas sociais que atuam na produção e manutenção de normas regulatórias (Butler, 2001). Este projeto biopolítico faz com que o conceito de gênero funcione como um dispositivo de controle de corpos, populações e modos de vida, mesmo que os corpos busquem a indocilidade (Foucault, 2010).

A partir dessas contribuições teóricas, compreendemos que no ambiente da aula de Educação Física Escolar lidamos com os corpos a todo momento, em movimento. Esses gestos estão relacionados às identidades dos indivíduos que não são estereotipados, são fluidos, porém a interpretação que é dada às performances dos corpos são binárias, enquadrando em caixinhas como deve ser o

comportamento de um corpo feminino ou masculino na Educação Física. Jane Felipe (1995) aduz que essa visão se estende às práticas que os corpos podem ou não realizar, que são reproduzidas pelo discurso.

Abordar gênero e sexualidades como conteúdo no ambiente escolar não se trata só de militância ou inquietações pessoais, mas também se trata de ser inclusivo, de dar voz à pluralidade de corpos e identidades diversas que compõem as instituições escolares que são o reflexo da sociedade. Fazer com que o ambiente de Educação Física seja um local onde as/os estudantes se sintam livres para praticarem e expressarem seus corpos da forma que se sentirem mais confortáveis.

As identidades vinculadas aos gêneros e sexualidades no ambiente escolar tem a função de "...reproduzir o dispositivo de controle dos corpos, assim como em paradigma biopolítico de controle da vida…" (p.70), como dito por Maria Rita de Assis César (2010), esses espaços têm buscado reproduzir as padronizações sociais e não a desconstrução desse binarismo enraizado, sendo essa a função que esse estudo vem buscando despertar nas/os professoras/es que estão lecionando atualmente.

A formação docente está diretamente ligada a esse processo, tanto para a manutenção desses ideais que favorecem ao binarismo presente na sociedade, quanto para reconstruir como as/os professoras/es podem e devem abordar as temáticas aqui enunciadas, para que as aulas de Educação Física se tornem ambientes mais inclusivos e adequados para o desenvolvimento humano, como dito por Alexandra Garcia e Marcelle Tenório (2023).

Aqui foram apresentadas algumas das visões que os conceitos de gênero e sexualidades podem ser compreendidos dentro da área acadêmica. Podemos perceber que seguimos com muitas inquietações e desdobramentos sobre a temática, mostrando como a pesquisa tem uma característica de ser travessia, como dito por Kastrup (2009), e como as experiências (Larrosa, 2015) vão construindo o referencial teórico, independente do período histórico. Na próxima seção, seguiremos nos aprofundando nos conceitos que são pilares para essa dissertação, dessa vez, focando nas questões de corporeidades, que abarcam os conceitos de gênero e sexualidades e suas relações com a Educação Física escolar.

2.3 **Corporeidades na Escola: Corpos e Sujeitos na/da Educação Física**

A partir da breve apresentação das concepções de gênero e sexualidade feita anteriormente, torna-se relevante apresentar como essas nomenclaturas são expressas pela humanidade. Para isso, torna-se necessário conceituar o corpo como materialidade da espécie e local onde todas as experiências são dadas (Costa, 2011). Maria Raquel Barbosa, Paula Mena Matos e Maria Emília Costa (2011) produziram um artigo intitulado "*Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje"*, no qual apresenta uma caminhada de como o conceito de corpo foi construído até a atualidade.

O corpo na Grécia antiga pauta os ideais de beleza até a atualidade, sendo elemento de glorificação e de interesse do Estado. O corpo nu era valorizado como demonstração de saúde. A beleza do corpo estava atrelada à saúde, à capacidade atlética e à fertilidade. A moral do corpo relacionada ao sexo/sexualidade estava vinculada à liberdade dos prazeres, desde que não houvessem exageros. Nesse sentido, a poligamia e a homossexualidade eram vistas de forma natural, porém restritas aos corpos masculinos (Rosário, 2006).

Os grandes pensadores desse período histórico valorizavam que o cuidado com o corpo estava alinhado com o cuidado com a alma, dividindo seu tempo entre o culto ao próprio corpo, mas também as leituras, estudos e meditações, como dito por Foucault (1994) em seus estudos, chamando de cultura de si.

No momento histórico em que o Cristianismo esteve no poder estatal, a ideia de corpo esteve em silêncio. O corpo passa de expressão de beleza para fonte de pecado, sendo vinculado ao pecado, dando valor à dor sentida no corpo, assim como o corpo sofredor de Cristo, sendo incentivados ritos de renúncia de alimentação por longos períodos de tempo. Ao contrário da era anterior, em que buscava-se o alinhamento entre corpo e alma, durante o Cristianismo, é feito o movimento de separação entre eles, colocando alma em primeiro lugar e o corpo como consequência, silenciado e aprisionando a alma, que deveria estar o mais escondido possível (Vaz, 2006).

Durante a Idade Média, teve o alinhamento da Monarquia com a Igreja, tendo o Cristianismo ainda em posição de poder. Dessa forma, as ideias apresentadas

anteriormente prevalecem. Como o referencial do corpo crucificado se mantinha, a punição ao pecado começa a ser vista como necessária, sendo criada a Inquisição, que no início tinha a intenção de salvar a alma dos pecadores, mas com o tempo passou a utilizar da tortura e da morte na fogueira para punir as/os chamadas/os hereges. Nesse contexto, os corpos femininos eram os que mais sofriam repressões, já sendo colocados em um lugar subjugado em relação aos corpos masculinos, fazendo com que milhares de mulheres fossem mortas e reprimidas, já que acreditava-se que a sexualidade que estava inerente ao corpo feminino, culpando-as de seduzir e induzir ao erro os homens (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

Na Era Moderna, com o período renascentista, o corpo passa a ter uma visão científica, saindo da ideia teocentrista e passando para o androcentrismo. Isso faz com que o corpo seja investigado, descrito e analisado, buscando conhecimentos sobre como o corpo funciona, noções anatômicas e biomecânicas (Gaya, 2005). O corpo passa a servir a razão, retomando a ideia de corpo e alma, dessa vez com um olhar cartesiano de que eles são complementares. Com a Revolução Industrial, tem a chegada do corpo produtor, sendo aquele que precisa ter saúde para produzir, sendo visto apenas como uma máquina (Rosário, 2006).

Nos dias atuais, o corpo tem a beleza estética muito vinculada à saúde, magreza e atitude (Pelegrini, 2006), o corpo passa a ser é construído, decorado e expressado de forma individual, com um projeto que é flexível e adaptável aos desejos do indivíduo, desejos esse moldados pela indústria midiática.

Com isso, a ideia de dualidade ganha força e é estimulada a todo momento, homem e mulher, razão e emoção, masculino e feminino, corpo e alma. Essa binaridade, impede a fluidez das identidades e coloca a pluralidade em um local de busca por espaços, que discussões como esta almejam dar visibilidade.

A história do corpo humano é a história da civilização (Barbosa; Matos; Costa, 2011). Cada ambiente sociocultural atua sobre os corpos, estabelecendo seus padrões que, a partir disso, constroem as particularidades, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros. Os corpos só ganham sentido socialmente (Louro, 2018), dessa forma, alinha-se ao pensamento de Foucault (1994) de que o corpo orgânico pode se rebelar com o corpo social, principalmente quando não se adequa aos padrões que lhe são estabelecidos.

Mas que corpos são esses que estamos tendo contato na Educação Física? São corpos que pertencem a uma pluralidade, a qual se faz necessária a adequação para que todas/os elas/es se sintam incluídas/os e favorecidas/os pelas dinâmicas desenvolvidas. O poder sobre o corpo que está praticando algo é coercitivo, sexista e biologicista. Essa visão tem caráter hegemônico nesta área de conhecimento, porém, busca a desconstrução dessa visão biologicista, tirando esses corpos de um lugar de docilidade, conforme afirma Foucault (1987), buscando reivindicar e resistir, dando voz a essas performances corporais plurais que adentram o espaço escolar.

Com essa pluralidade dos corpos encontrada no meio social, por causa e consequência nas aulas de Educação Física, se torna importante refletir sobre as atribuições binárias que são dadas aos corpos. Como dissertado por Marta Friederichs e Jane Felipe (2016), a sociedade enxerga atributos obrigatórios para a normatização de gênero dos indivíduos, as feminilidades e as masculinidades são características que pautam nessa visão normativa o “ser homem” e o “ser mulher”.

Nesse sentido, a passividade, a fragilidade, a docilidade e a delicadeza, fazem parte da caracterização da feminilidade, enquanto a liderança, agressividade, autoridade e a rigidez caracteriza a masculinidade. Mesmo que desde a década de 1980 a Educação Física venha buscando desconstruir o viés cisheteronormativo presente em seus estudos e em suas utilizações em sala de aula, fazendo discussões sobre corporeidades diversas, fluidez dos aspectos ligados a gênero e sexualidades.

A abordagem desses conteúdos ainda é atravessada pela falta de contato dos docentes com esses temas durante a formação acadêmica e a falta de incentivo para uma formação continuada (Silva; Marani, 2022). Entretanto, como dito por Louro (2018), “O tema “gênero e sexualidade” geralmente nos fascina, nos provoca curiosidade e está por toda parte”, porém quando se trata de abordar essa temática como docentes, o posicionamento se altera.

Priscila Dornelles e Maria Cláudia Dal'igna (2015) aduzem que “Assumir uma postura crítica em relação à escola não significa celebrá-la como espaço livre de normas ou demonizá-la porque ela se constitui como um espaço normalizador” (Dornelles e Dal’igna, 2015, p.1585-1599). Nesse sentido, não podemos e nem devemos colocar a escola num lugar de passividade quanto às ocorrências que ali acontecem.

Nesse espaço, o poder transita a todo momento, estando por vezes nas mãos das/os alunas/os e outras nas mãos das/os professoras/es, concordando com as contribuições de McLaren (2016, p.111), conceituando que o poder, antes de tudo, é relativo. O poder não produz apenas os corpos dóceis,mas também os corpos resistentes.

A resistência desses corpos, que são subjugados nas relações de poder, também ditam o percurso desempenhado pelo ser até então dominante. Portanto, a reivindicação de direitos, voz e participação, faz com que esse poder, que antes era negativo, se torne positivo e produtivo. Dando a esses corpos o valor de significância que na maioria das vezes eles mesmos não acreditavam ter (McLaren, 2016, p. 116).

Dessa forma, construiu-se o pensamento de que o corpo não é apenas o material, o biológico, mas é também a sua relação com o espaço-tempo, seu contato com o outro. O corpo não se apresenta apenas como um conjunto de elementos orgânicos, mas também como local onde os fatos sociais, psicológicos, culturais e religiosos constituem a sua produção e expressão no mundo (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

Considerando isso, o corpo está nas relações de poder ditando-as e as recebendo também, como dito por McLaren (2016), já que para haver poder é preciso ter corpos livres. Como esses corpos são postos nos ambientes, seja da forma mais inocente, como da intencional, eles atuam como estruturas de poder, na qual o discurso, o saber e a libido interagem para a conformação da subjetividade do ser, a partir de suas experiências.

Todo esse capítulo teve a intenção de apontar como os principais conceitos que pautam essa dissertação apresentam desdobramentos, rupturas e atravessamentos que mostram como os estudos sobre corporeidades, gênero e sexualidades são potentes e precisam cada vez mais serem evidenciados no meio acadêmico para refletirem no meio social e como proposta dessa pesquisa, nas aulas de Educação Física escolar.

O Capítulo a seguir é composto pela produção de informações obtidas por meio das experiências relatadas nas conversas com as/os participantes, buscando fazer o diálogo com o estado do conhecimento e referencial teórico, composto pelos principais conceitos que estruturam essa dissertação aqui levantados.

3 **DA TEORIA À PRÁTICA: AFINIDADES E AFASTAMENTOS PRESENTES NAS FALAS DOCENTES**

Ensinar não é transferir conhecimento,mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.
Paulo Freire

O prelúdio deste capítulo se faz com uma citação de Paulo Freire[40], considerado o patrono da educação brasileira. Com essa frase, procuro evidenciar que a intenção dessa pesquisa e especificamente deste capítulo é de edificar uma possibilidade de construir e produzir conhecimento. A educação não ocorre em um fluxo unilateral e sim de maneira multidirecional e com fluidez, ou seja, o docente aprende, também, em seu processo de exercício profissional (Freire; Verenguer; Reis, 2009). Até porque o contato com os corpos plurais implica em aprender a lidar com a fluidez das corporalidades encontradas no meio escolar que, por conseguinte, representam identidades em movimento e que vivem mudanças sociais e culturais constantes (Louro, 2018).

Seguindo esse pensamento, neste capítulo, entrelaçamos as informações que foram produzidas nas conversas realizadas com as/os professoras/es de Educação Física do ensino básico com os principais referenciais teóricos, identificando aproximações e afastamentos com vista à atender o nosso objetivo central desta dissertação: “Investigar como professoras/es de Educação Física que atuam no Ensino Básico, consideram os corpos das/os alunas/os, buscando identificar as relações que estabelecem com as questões de gênero e sexualidades no cotidiano de suas aulas”

A partir daí, busca-se identificar os desdobramentos pensados nos objetivos específicos e que auxiliaram na sistematização das informações a partir deles. Assim, o capítulo organiza-se da seguinte forma: Na seção ***“3.1 A relação de saber/poder dos docentes com as concepções de Gênero e Sexualidade”***,

[40] Paulo Reglus Neves Freire foi um educador e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. É também o Patrono da Educação Brasileira.

busca-se apresentar os sentidos que as/os docentes atribuem aos conceitos de corpo, gênero, sexualidades e sobre a liberdade de desenvolvimento dessa temática em suas aulas, na seção seguinte, ***"3.2 (In)Existência de Gênero e Sexualidade na Formação em Educação Física"***, analisamos apresenta como os conteúdos/práticas experienciadas na formação das/dos docentes preparou ou não para o exercício da profissão articulando as corporeidades com as temáticas de gênero e sexualidades, identificando de que modo as concepções docentes foram construídas. Nesta última seção, ***"3.3 Prática docente como (não)perpetuadora da estigmatização das pluralidades"***, procurou-se produzir informações de como as/os professoras/es desenvolvem as concepções de gênero e sexualidades em suas aulas, utilizando os eventos esportivos Copa do Mundo de Futebol Feminino e Jogos Olímpicos de Paris 2024 para compreender os indícios de práticas não-estigmatizantes dos movimentos e gestos corporais.

Dessa forma, esse capítulo apresenta recortes das conversas realizadas com as/os participantes, que foram nomeadas/os de acordo com as/os medalhistas olímpicas/os de 2024, assim identificados/as:

- Beatriz Souza (Professora, 42 anos): Medalhista de ouro na modalidade de Judô, categoria +78kg e medalhista de bronze por equipe mista;
- Caio Bonfim (Professor, 41 anos): Medalhista de prata na modalidade de Atletismo, categoria Marcha Atlética;
- Willian Lima (Professor, 43 anos): Medalhista de prata na modalidade de Judô, categoria -66kg e medalhista de bronze por equipe mista;
- Isaquias Queiroz (Professor, 29 anos): Medalhista de prata na modalidade Canoagem Velocidade, categoria 100 metros;
- Rebeca Andrade (Professora, 28 anos): Medalhista de ouro na modalidade de Ginástica Artística, na categoria solo, medalhista de prata nas categorias salto e individual geral, medalhista de bronze na categoria por equipes;
- Rayssa Leal (Professora, 26 anos): Medalhista de bronze na modalidade de Skate Street;

- ➢ Gabriel Medina (Professor, 25 anos): Medalhista de bronze na modalidade de Surf;
- ➢ Marta da Silva (Professora, 25 anos): Medalhista de prata na modalidade de Futebol Feminino;
- ➢ Alison dos Santos (Professor, 32 anos): Medalhista de bronze na modalidade de Atletismo, na categoria 400 metros com barreiras;
- ➢ Ana Patrícia (Professora, 24 anos): Medalhista de Ouro na modalidade Vôlei de Praia.

As conversas foram realizadas em dois momentos, com a intenção de ter dois campos de informações, tendo como ponto de partida duas imagens (meme e anúncio). Com os disparadores foram desdobrados, cada conversa com a sua individualidade, os pontos que estavam no roteiro de conversação desenvolvido previamente, como defendido por Larrosa (2015), para que houvesse coerência e direcionamento nesse processo cartográfico de produção de informação (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009).

O primeiro momento das conversas teve início no dia 20 de abril de 2024 e perdurou até o dia 11 de maio de 2024. O roteiro teve as seguintes pautas para o desenvolvimento:

- ➢ Confirmação das informações passadas sobre formação e atuação profissional;
- ➢ Identificação do tempo de atuação no ensino básico e em quais anos escolares atuam;
- ➢ Saber se o/a professor/a tem liberdade curricular para desenvolver os conteúdos necessários de acordo com a demanda das/os alunas/os e quais conteúdos seriam estes;
- ➢ Saber se tiveram acesso às temáticas de gênero e sexualidades na Graduação;

- ➢ Saber como as/os professoras/es organizam as turmas para a realização das atividades propostas;
- ➢ Saber a opinião sobre a importância da formação continuada com a temática de gênero e sexualidades.

Nesta primeira rodada de conversas, ficou claro às/aos participantes que seriam contatadas/os novamente para uma segunda rodada. O segundo momento de conversação ocorreu 18 dias após a finalização da primeira conversa, tendo início no dia 29 de maio de 2024 e durou até o dia 31 de maio de 2024. Essa etapa teve como disparador a reportagem sobre o anúncio da Copa do Mundo de Futebol Feminina tendo o Brasil como país-sede em 2027.

A partir desse disparador, seguiu-se o mesmo procedimento da primeira etapa de conversação, utilizando o roteiro de conversação para guiar as pautas que seriam abordadas nas conversas. As pautas foram:

- ➢ Se as/os professoras/es tinham conhecimento de que o Brasil foi nomeado como sede da Copa do Mundo de Futebol Feminina de 2027;
- ➢ Como essas/es professoras/es pretendiam ou não levar essa informação para suas aulas;
- ➢ Se e como essas/esses professoras/es planejaram desenvolver algum conteúdo relacionado aos Jogos Olímpicos de Paris 2024;
- ➢ Se as/os professoras/es acham que esses eventos esportivos são uma oportunidade de abordar o tema de gênero e sexualidades em suas aulas.

Como se trata de um processo cartográfico para saber as experiências das/os participantes dentro do ensino básico como docentes, esses questionamentos apenas serviram como uma base para o desenrolar da conversa e não foram empregados de forma rígida, para não ferir o processo de fluidez da produção de informação (Kastrup, 2009; Larrosa, 2015).

A partir das conversas realizadas e tendo em vista os objetivos traçados para esta dissertação, nas próximas seções, apresenta-se as interpretações, impressões

e produção de informação, apresentadas nas conversas com os/as professores/as de Educação Física escolar.

3.1 A relação de saber/poder das/os docentes com as concepções de Gênero e Sexualidades

Esta seção tem como objetivo relatar e discutir sobre os conhecimentos/saberes que emergiram nas conversas com as/os professoras/es sobre os conceitos de corporeidades, gênero e sexualidades e como essas concepções se relacionam com as práticas pedagógicas no seu exercício docente. Buscou-se, também, identificar nas conversas elementos que indicassem as possibilidades de atuação pedagógica com vistas à inclusão e de combate aos preconceitos e discriminações nos cotidianos escolares relacionados ao gênero, a orientação sexual ou identidade de gênero.

Para isso, iniciou-se a conversa utilizando o meme do *"Professor de Educação Física? Como é soltar a bola e ficar olhando?"*, como forma de descontração e no intuito de adentrar no primeiro tópico, que era sobre a liberdade ou falta dela, de desenvolver qualquer conteúdo dentro de sala de aula. A intenção de iniciar a conversa falando sobre liberdade da/do docente para o planejamento e execução dos conteúdos em suas aulas se mostrou relevante no propósito de entender em quais ambientes aquelas/es docentes estão inseridas/os como instituição escolar e se esses espaços interferem de forma contundente nas suas práticas docentes (Moreira, 2012).

É importante ressaltar que dos dez (10) participantes das conversas, apenas um (01) leciona em uma instituição privada, e todas/os as/os outras/os lecionam em instituições municipais espalhadas pelo Rio de Janeiro. Esse quesito se mostrou relevante, já que o nível de autonomia dada ao docente que atua na rede privada é mais restrita por ter uma dependência maior das diretrizes que aquela instituição segue, já que seu emprego depende disso (Demo, 2007).

Já os docentes que atuam na rede municipal, por mais que tenham que seguir as diretrizes de tal instituição, todos seguem o planejamento dado pelo município, permitindo uma liberdade maior de desenvolver da forma que acharem mais necessário, já que quem está ali na sua rotina escolar não são os responsáveis diretos por suas contratações (Uirá Farias *et al*, 2019).

Quando levantei a questão da liberdade docente dentro da instituição escolar que atuam, a Marta da Silva (Professora, 25 anos) apresentou uma resposta ambígua, mostrando que não tem total liberdade de atuação docente, como dito em sua primeira resposta. É importante ressaltar que é essa a única professora que atua na rede privada, como pode-se ver no recorte abaixo:

> **Fernanda:** *"Você sente liberdade de aplicar os conteúdos que acha necessário para o desenvolvimento dos alunos na instituição que trabalha?"*
>
> **Marta da Silva:** *"Sinto sim, porém é muito "dedo", é uma palavra que não pode, um significado ou outro, então às vezes é por causa de pressão externa, é melhor manter no superficial do que adentrar mais nos temas, falar com mais profundidade, porque a razão é que na escola privada, o aluno ali não é aluno, é cliente".*
>
> **Fernanda:** *"Em que temas você sente essa trava para aprofundar o conteúdo?"*
>
> **Marta da Silva:** *"Raça é um dos que mais me incomoda não ter profundidade nesse tema, não trazer as crianças para uma reflexão…Eu como professora negra que uso cabelo crespo por muitas vezes tenho que corrigir fala dos alunos, por meio de conversa e observar como esses comentários influenciam na autoestima de meninas negras ou de cabelo cacheado/crespo."*
>
> **Fernanda:** *"E quanto a gênero e sexualidades?Você tinha essa liberdade para abordar?"*
>
> **Marta da Silva:** *"Eu estou num relacionamento onde uso aliança, os alunos da escola sempre perguntam, pedem para ver fotos, dependendo da escolaridade, para alguns, falo que tenho uma companheira, para outros eu falo que tenho uma pessoa. Evito algumas situações".*

Nesse trecho da conversa com a Professora Marta da Silva, percebe-se que há um receio de abordar temáticas que atravessam a realidade escolar, que são as questões sociais, nesse caso, assuntos relacionados à raça, gênero e sexualidades. Além disso, há um receio de que assuntos essas/es profissionais com corpos plurais como relatado por Souza (2013), estão abordando em suas aulas, já que se tem uma ideia ainda vinculada ao início do processo de construção da área de

conhecimento denominada estudos de gênero que está diretamente ligada aos aspectos de militância, já que em seu primeiro momento estava relacionado aos movimentos feministas e por essa reivindicação de direitos (Molony; Nelson, 2017). Apesar do movimento de Louro (2017) de fazer com que a temática se distancie do caráter de militância, ainda sim, vemos como no trecho da Professora Marta da Silva, que esse fato se mantém entrelaçado à prática e ao discurso docente, elucidando como as temáticas sociais, e aqui focamos nas questões de gênero e sexualidades, atravessam o fazer docente.

Na conversa com o Gabriel Medina (Professor, 25 anos), houve uma percepção diferenciada, ele relatou que tem liberdade de desenvolver os conteúdos dentro da instituição que atua, mas relatou a mesma problemática que a Professora Marta da Silva, que quando se depara com atravessamentos relacionados às questões sociais, o apoio escolar se mostra relutante. Como vemos no trecho a seguir:

> **Fernanda:** *"Você sente liberdade de aplicar os conteúdos que acha necessário para o desenvolvimento dos alunos na instituição que trabalha?"*
>
> **Gabriel Medina:** *"Eu me sentia livre para trabalhar, bem tranquilo, a direção me apoiava no que eu propunha para dar e tal. Mas os desdobramentos ali, temas, vou colocar aqui como temas transversais, que atravessam esses conteúdos e a minha disciplina, alguns eu não tinha tanta liberdade."*
>
> **Fernanda:** *"Você usou o termo de temas transversais, que temas você quer dizer quando diz isso?"*
>
> **Gabriel Medina:** *"Por exemplo, as situações de racismo. Eu estou abordando o atletismo e eu quero falar sobre as questões de racismo ou de futebol, racismo de futebol. Eu não sentia tanto esse apoio da escola porque eram temáticas que ninguém tocava, eram meio temáticas intocáveis."*
>
> **Fernanda:** *"E quanto às questões de gênero e sexualidades, você chegou a desenvolver algo? Sentiu alguma restrição?"*
>
> **Gabriel Medina:** *"Nossa…essa é outra questão, trabalhar gênero e sexualidade, eu não me sinto nem um pouco livre, eu me reconhecendo como um homossexual, eu senti em diversos momentos que eu precisava me controlar. Eu não tenho tantos trejeitos, mas assim eu preciso dar uma segurada às vezes. A maioria dos alunos são preconceituosos e na própria escola, algumas pessoas também são."*

A pluralidade das corporeidades não está só relacionada aos corpos das/os discentes, mas também dos corpos das/os docentes, nessa conversa com o Professor Gabriel Medina, fica notória como essas relações de poder transitam, assim como dito por Foucault (1987).

A partir do momento em que o docente apresenta trejeitos, como dito pelo mesmo, são atribuídos estereótipos sobre ele (Xavier Filha, 2011) e isso faz com que as/os componentes da instituição escolar como um todo, tenha desempenhado uma visão heteronormativa sobre esse docente. Dornelles (2013) em sua tese, concorda em como essa visão influencia o processo de lecionar. A fala do Professor Gabriel Medina pode indicar um certo receio da violência que pode sofrer ao performatizar uma identidade sexual desviante da heteronormatividade. Neste sentido, seu receio envolve uma condição de submissão ao poder vigente, seja nas condutas dos sujeitos que administram a escola, seja nas condutas dos próprios alunos e alunas.

Nesse aspecto, o Professor Gabriel Medina se encontra em um lugar que reforça o que Foucault (1986, p. 243-276) apresenta. A sexualidade humana contribui como um dispositivo de poder pelo fato de ser uma forma de dividir os indivíduos que nenhum sistema moderno pode dispensar. A tensão demonstrada pelo professor se torna uma representação de como as rotulações são aplicadas às corporeidades de forma estigmatizada e prejudicando o fazer docente.

É importante ressaltar que o corpo docente é amparado por lei a ter autonomia para desenvolver seus conteúdos dentro de sala de aula. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei n. 9.394/96, garante em seu Artigo 3º incisos II e III "...II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas…" (Brasil, 1996). A chamada liberdade de Cátedra permite que as/os professoras/es observem e explorem o que aquele determinado grupo discente necessita para sua formação básica, a partir de sua competência técnica adquirida em formação.

Delinear este contexto de liberdade ou ausência de liberdade no exercício da profissão, considerando como as/os professoras/es se sentem dentro das instituições em que lecionam foi importante para preparar a conversa e conduzi-la sobre as temáticas de corpo, gênero e sexualidades de forma mais aprofundada. Como indicado pelas/os professoras/es acima, esses temas fazem parte de seus cotidianos e elas/es percebem que perpassam o ambiente escolar (Mesquita *et al*, 2018).

Nas conversas, ficam indicativos de que as/os docentes atuam com certo grau de autonomia, principalmente, em relação aos conteúdos curriculares. Para adentrar

essa pauta foi levantado o questionamento sobre o que essas/es participantes compreendem sobre as terminologias ligadas à corpo, gênero e sexualidades.

Apenas um (1) professor respondeu não ter conhecimento sobre o que significam os conceitos que pautam essa dissertação, três (3) professoras/es ficaram inseguros de dizer que sabiam sobre o assunto e os outros seis (6) se mostraram confiantes sobre conhecer as nomenclaturas. Nessa pauta sobre as nomenclaturas, ficou evidente que mesmo aquelas/es que pareciam confiantes para definir os conceitos de corpo, gênero e sexualidades, se mostraram travados para falar abertamente sobre a temática.

Esse fato se relaciona com a ideia apresentada por Professor Gabriel Medina de que são “temas intocáveis”, o que na literatura tem amparo pela produção de Bianca Guizzo e Jane Felipe (2016) de que é preciso fazer o movimento de tornar esses conceitos públicos e não restritos ao privado, corroborando com essa ideia, Louro (2018), aborda em suas obras que é preciso distanciar os estudos de gênero do âmbito da militância e legitimar como área de conhecimento.

A partir de movimentos conservadores, como o “Escola Sem Partido””, professoras/es, com medo de serem “denunciadas/os”, evitavam a abordagem de gênero e sexualidade na escola. Mesmo depois de 14 anos, com várias pesquisas apontando críticas contundentes e mesmo com a declaração de inconstitucionalidade pelo STF, ficaram marcas desse receio no fazer pedagógico das/dos professoras/es em suas aulas (Marina Santos *et al*, 2021).

Dessa forma, partimos para perceber como o conceito de gênero emergiu nas conversas. As explicações das/os professoras/es expressam afinidades com os conceitos de construção social (Scott, 1995), performatividade (Butler, 2008) e inerência ao setor biológico (Silva; Souza; Bezerra, 2019), por mais que as/os participantes não tivessem conhecimento de que vertente teórica estavam reproduzindo em suas falas.

No entendimento de construção social produzida por Scott (1995), há a ideia de que são atribuidos papéis sociais aos corpos ao nascer, relacionados ao sexo biológico e a partir desse ponto, se constrói como aquele ser desempenha seu papel na sociedade. Parece prevalecer a ideia de que o conceito de gênero se relaciona ao “modo como o indivíduo se identifica”. Vinculado a uma ideia binária de masculino

e feminino, homem e mulher, azul e rosa. No trecho da conversa abaixo, é possível trazer esta reflexão:

> **Fernanda:** *"Como você entende o termo Gênero?"*
>
> **Rayssa Leal:** *"Gênero está relacionado com aquilo que a pessoa se identifica"*
>
> **Fernanda:** *"Essa identificação pode ser de que forma na sua concepção?"*
>
> **Rayssa Leal:** *"ah…relacionados aos dois campos masculino e feminino. Nas aulas, isso fica nítido, é sempre uma briga com os alunos pra falar que a ginástica é coisa de menina e o futebol é coisa de menino….O esporte não tem gênero, as roupas também não, as pessoas são livres para usarem o que quiserem"*

Rayssa Leal (Professora, 26 anos) buscou como artifício para se fazer entender suas experiências dentro do campo de Educação Física, mostrando a aproximação com a ideia de construção social. Porém, a professora demonstra uma confusão entre os conceitos de gênero, como área de conhecimento e identidade de gênero o que, apesar de mostrar no desenrolar da conversa, que no seu entendimento, há também um componente social. Também pode-se correlacionar com a ideia de performatividade (Butler, 2008), evidenciando a dificuldade de conceituar o termo.

Na conversa com a Ana Patrícia (Professora, 24 anos), há similaridades com o relato dado pela Professora Rayssa Leal , no que diz respeito a essa confusão. A Professora Ana Patrícia se aproxima a ideia de performatividade gênero, na qual por meio da aparência atribui-se um corpo de homem ou de mulher, sendo essas atribuições atos que são renovados, revisados e consolidados com o tempo (Butler, 2008):

> **Fernanda:** *"Você disse que em suas aulas busca sempre incluir seus alunos quanto a diversidade, você pode me dizer o que entende como conceito de gênero?"*
>
> **Ana Patrícia:** *"O que eu acho que sei é muito pouco, fico sem graça de estar errado…"*
>
> **Fernanda:** *"O intuito da nossa conversa é que a gente aprenda um com o outro, acima de qualquer coisa, o que você disser me ajuda a entender seus saberes sobre a temática e trocamos essas informações sobre as concepções para que não sejam passadas principalmente aos discentes informações erradas"*

> **Ana Patrícia:** *"Você tem razão, quero estar preparada para lidar com a temática de forma mais consistente….mas gênero, na minha concepção é a forma como uma pessoa se identifica, independente do sexo, da parte biológica"*

A Professora Ana Patrícia é a docente que menos tem experiência com o ambiente escolar, com 6 meses de atuação, o que parece justificar sua insegurança, que se fez presente em toda conversa, principalmente, ao relatar seus saberes sobre a temática. Apesar disso, a professora apresentou afinidade com o conceito de performatividade de gênero, pelo decorrer da conversa fluir deixando evidente como vemos no trecho "Na minha concepção é a forma como uma pessoa se identifica, indenpendente do sexo, da parte biológica", apresentando uma visão de flexibilidade quanto ao processo de entendimento de gênero ao longo da vida, independente das questões biológicas e dos papéis sociais (Valente; Sordi; Lima, 2018).

Na conversa com Rebeca Andrade (Professora, 28 anos), apresentou-se uma visão de gênero ligada apenas aos aspectos biológicos, sendo eles inerentes aos indivíduos, como característica imutável, vertente que predominou a área biomédica (Silva; Souza; Bezerra, 2019), como visto no trecho a seguir:

> **Fernanda:** *"Considerando o que temos conversado até então, como você entende o conceito de gênero?"*
>
> **Rebeca Andrade:** *"Bom, eu tenho uma opinião bem particular sobre gênero e sexualidade…..para mim, gênero é como você nasce, nasceu com sexo masculino, nasceu com sexo feminino, gênero não é uma escolha, né, você nasce com aquele gênero….biologicamente falando, né, o predeterminado é isso"*
>
> **Fernanda:** *"Seguindo esse pensamento, como você definiria uma pessoa transgênero?"*
>
> **Rebeca Andrade:** *"São aquelas pessoas que mudam o gênero durante a vida, mas biologicamente sempre vai ser um homem ou uma mulher, isso não muda"*

Essa fala, além de ser pautada nos aspectos biomédicos, desconsiderando os fatores sociais e a fluidez das performances de gênero dos indivíduos, é também pautada no binarismo e na cisgeneridade (César, 2010; Hining; Toneli, 2023) de forma compulsória, contribuindo com os estigmas e preconceitos presentes dentro e fora de sala de aula. A fala da Professora Rebeca Andrade inicia com o trecho "Eu

tenho uma opinião bem particular", já demonstra uma forma que mesma quer expressar uma opinião que acredita não ser o consenso sobre o assunto, como se fosse um aval para dizer o que entendia sobre o assunto, sem estar presa ao que é dito "politicamente correto" e sim, expressando apenas a sua opinião, fato que ficou evidente no decorrer da conversa.

As falas das/dos docentes quanto à gênero enveredaram o direcionamento que seguiram as conversas, tendo como pauta dessa vez as sexualidades. No que diz respeito ao conceito de sexualidade, as respostas foram uníssonas, remetendo ao termo as questões de afeto e atração sexual. Corroborando com o que é dito por Laplanche (2015) de que a nomenclatura que dialoga com o sexo que pode ser definido como dual, relacionado tanto à reprodução sexuada quanto à simbolização humana da presença e ausência do que é fálico, já que esse fator é o que determina quem está no poder na sociedade.

Por vezes, as/os participantes apresentaram como sinônimo os conceitos de sexualidade e orientação sexual, portanto, relacionando o termo apenas ao que compreendem como sexo. O que dialoga com a ideia de pulsão apresentada por Freud, como desenvolvimento da tríade, desejo, libido e poder, resumindo ao sexo como a busca pelo alivio da tensão, condicionada à fantasia inconsciente e à história libidinal do indivíduo (Laplanche, 2015).

Com alguns participantes, durante as conversas ficou perceptível a confusão entre as duas nomenclaturas, como se ambas tivessem o mesmo significado e entendendo sexualidade apenas como a parte libidinal e não como uma junção do biológico, das ideologias, crenças, desejos, afetos, manifestações e práticas sexuais (Hall, 1992, p.04). Como exposto a seguir:

> **Fernanda:** *"Como você entende a nomenclatura sexualidade?"*
>
> **Alison dos Santos:** *"A sexualidade acho que está ligada a com quem a pessoa se relaciona.*
>
> **Fernanda:** *"Você pode desenvolver um pouco mais sua visão sobre essa nomenclatura?*
>
> **Alison dos Santos:** *"Humm, eu entendo como uma característica mais individual de cada pessoa, aí vão tá relacionados pontos de desejos e afetos"*

As ideias expressas pelas/os professoras/es sobre gênero e sexualidades nas conversasse misturam com os conceitos de identidade de gênero e orientação sexual, o que demonstra como elas/es não apresentam domínio sobre a área temática, alguns/algumas com mais confiança de que não estão tendo falas equivocadas sobre os termos e outras/os não se importando com esse fato, se garantindo no fato de que tal assunto é individual/pessoal podendo ser expresso da forma que se sentem mais confortáveis. Porém, quando se trata o do espaço escolar, percebe-se um movimento de desvios dessas temáticas como foco, apesar delas atravessarem a rotina escolar.

Os conceitos de gênero e sexualidades estão vinculados aos corpos (Costa, 2011), que podem ser interpretados de várias formas, dependendo do período histórico e de questões socioculturais (Barbosa; Matos; Costa, 2011). Nas conversas, o conceito de corpo apareceu de forma dicotômica, sendo bem representado pelo trecho a seguir:

> **Fernanda:** *"Como você entende "Corpo"? E o que esse conceito expressa para você?"*
>
> **Isaquias Queiroz:** *"Entendo e trabalho com dois conceitos. O corpo biológico, que engloba os sistemas, músculos, ossos e articulações. E o conceito do corpo social, que é aquele que expressa suas características, suas culturas, seus gostos e suas formas de expressão dentro do contexto social"*
>
> **Fernanda:** *"Como você enxerga os corpos dentro das suas aulas? Vê diferença entre eles? Como?"*
>
> **Isaquias Queiroz:** *"Busco sempre falar e respeitar a característica de cada um, e tentar ter um olhar amplo sobre as diversidades ali presentes, pensando em um contexto de turma com 30 ou mais alunos, é um trabalho difícil, mas a gente busca através do diálogo e apresentado os conceitos fazer com que eles entendam e respeitem as suas características e as características dos outros também"*

Essa visão dicotômica de corpo biológico e corpo social parece uma nova referência ao dualismo de razão e emoção, corpo e alma, corpo e mente, presente na história do corpo desde que começou a ser estudado/conceituado (Barbosa; Matos; Costa, 2011). Entender corpo como a completude, local onde abriga sim características biológicas, mas que elas só ganham sentido no meio social (Louro, 2018), possibilita que o pensamento sobre corporeidades plurais, se torne cada vez

mais amplo e necessário, que sejam feitas pesquisas, discussões e conversações sobre essas experiências.

A Educação Física é área de conhecimento, relativamente recente, sendo apenas a partir 1980 que passou a ser vista com o referencial que temos hoje, como área temática que intersecciona fatores biológicos, fisiológicos, sociais, pedagógicos e ganhando uma perspectiva pós crítica e pós estruturalista, como ocorreu em todo processo educacional (Metzner, Rodrigues, 2011). As/os professoras/es de Educação Física participantes refletem essa confusão em instaurar um referencial de como ver e lidar com corporeidades presentes em suas aulas, evidenciando certa tensão em tentar pôr o corpo como uma única coisa, porém como dito por Costa (2011), o corpo é a junção de muitos atributos que formam a identidade do ser e se moldam ao meio social.

Na seção a seguir, prosseguimos com as conversações, agora já partindo de um maior conhecimento sobre como as/os professoras/es entendem as terminologias de corpo, gênero e sexualidades. Sendo assim, avançamos para a pauta sobre se essas/es docentes tiveram contato com esses conteúdos em suas respectivas formações acadêmicas e como isso pode ou não ter influenciado na forma que elas/eles planejam e desenvolvem suas aulas.

3.2 **(In)Existência de Gênero e Sexualidades na Formação Docente em Educação Física**

Esta seção tem como objetivo destrinchar as informações encontradas nas conversas com as/os professoras/es sobre como os conteúdos/práticas estiveram presentes durante o período de formação docente, trabalhando conceitos de corpos, gênero e sexualidades relacionados a Educação Física. Esse processo foi feito por meio da identificação de que forma estes conteúdos/práticas foram desenvolvidos durante a formação docente, relacionando as instituições e os anos de conclusão de curso dos participantes, além da inserção ou não desses conteúdos em disciplinas que tratam de inclusão e pluralidades.

Todas/os participantes desta dissertação, são formados em nível de graduação pela rede pública, sendo seis (06) egressos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), dois (02) egressos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e dois (02) egressos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Em relação à Pós-Graduação, três (03) não tem nenhuma especialização/mestrado, um (01) com especialização na Unisuam, um (01) com mestrado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), um (01) com especialização na Universidade Federal Fluminense (UFF), um (01) com mestrado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), um (01) com especialização no Dom Pedro II e dois (02) com mestrado e especialização na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Ana Beatriz Araújo e Fabiano Devide (2019), fizeram um levantamento sobre a presença de conteúdos relacionados a gênero e sexualidades nas grades curriculares dos cursos de Educação Física, em nível de Graduação, em instituições públicas do Rio de Janeiro. Foram pesquisadas as grades da: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Foram analisadas 467 ementas e foram encontradas apenas quatro (04) disciplinas com o foco na temática de gênero e sexualidades, duas (02) pela UFF, uma como disciplina obrigatória *“Estudos de Gênero na Educação Física Brasileira”* e a outra sendo disciplina optativa *“Gênero e Sexualidade na Escola”,* mas esta instituição não se encontra no escopo desta dissertação. Uma (01) disciplina obrigatória pela UFRRJ, denominada *“Núcleo de Ensino e Pesquisa I: Corpo, Cultura e Sociedade”* e uma (01) disciplina optativa pela UFRJ, denominada *“Gênero e sexualidade na Educação Física e no Esporte”.* Neste artigo, a UERJ não aparece com nenhuma disciplina que focalize a temática.

Essas disciplinas só representam 0,85% do currículo dos cursos de Licenciatura em Educação Física do Rio de Janeiro, um percentual baixíssimo em relação às demandas que tais temáticas trazem para o contexto escolar e o ato de lecionar (Araújo; Devide, 2019). A dissertação de Pereira (2009), corrobora com

essas informações de que há uma escassez de discussão sobre a temática durante a formação docente.

Quando conversamos sobre a presença dessa temática dentro da formação como docente, dois (02) participantes disseram que não viram em nenhum momento esse conteúdo, dois (02) disseram que tiveram contato por meio dos movimentos estudantis, pela experiência dos indivíduos com que conviviam na graduação, mas não movida pelo corpo docente, e seis (06) disseram que tiveram contato com o conteúdo em momentos específicos nas disciplinas, quando as/os professoras/es abordavam os temas transversais, algumas palestras ou algum tema de trabalho, sempre de forma pontual.

É importante ressaltar que, de acordo com Amaro (2020), só a partir de 2015, no Parecer CNE/CP nº 2/2015, são feitas menções às questões de gênero referentes às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores. As/os professoras/es formadas/os devem estar amparadas/os para abordar a temática de gênero e diversidade sexual com as/os alunas/os, tendo esses conteúdos presentes na formação docente. Portanto, as/os professoras/es graduadas/os antes de 2015, se justifica a ausência da discussão dessa temática durante sua formação, pelo menos de forma curricular, nesse sentido, tem-se quatro (04) docentes com mais de 9 anos de formação e seis (06) docentes com menos de 9 anos de formação.

Desse grupo de quatro (04) docentes, todas/os relataram que não tiveram contato com nenhuma disciplina relacionando a temática, como já evidenciado anteriormente, mas dois (02) docentes, relataram contato mínimo com a temática por meio de grupos de pesquisa, centros acadêmicos e produção da monografia, como podemos ver a seguir:

> **Fernanda:** *“Olá, Beatriz Souza, você pode me confirmar os dados sobre sua formação?”*
>
> **Beatriz Souza:** *“Oii, Fernanda, eu sou formada pela UFRJ em 2003 e mestra em Tecnologia Educacional nas Ciências e na Saúde pela UFRJ em 2006”*
>
> **Fernanda:** *“São 21 anos de formação, certo? Durante a sua graduação você teve contato com a temática de gênero e sexualidades?”*

> **Beatriz Souza:** *“Sim, fiz parte do grupo lazer e minorias sociais onde estudamos os estudos culturais refletindo o fenômeno do lazer. Não tive contato com disciplina, era muito da minha vontade e do meu grupo de falar sobre essas temáticas sociais”*
>
> **Fernanda:** *“O direcionamento do grupo era para gênero e sexualidades? Quais eram os focos das pesquisas?”*
>
> **Beatriz Souza:** ***“****Era minorias sociais de forma geral, cada um tinha um direcionamento, a minha monografia de graduação, por exemplo, estudei os grupos de defesa dos direitos, à época (sou velha rs) GLS, entrevistando líderes de grupos como o Grupo Gay da Bahia, refletindo se a formação de locais específicos de lazer para pessoas GLS constituíam um gueto e se isso ajudava ou atrapalhava na visão das pessoas sobre gênero e sexualidade”*

Beatriz Souza (Professora, 42 anos), se identifica como uma mulher cisgênera bissexual (Hining; Toneli, 2023; Flanders, 2017) e deixou perceptível que na época de sua graduação, tanto o contato com a temática de gênero e sexualidades, quanto as questões de minorias sociais de forma geral, eram inquietações desses corpos que pertenciam a essas minorias de alguma forma. As/os discentes que pesquisavam sobre esses temas eram porque tinham alguma afinidade com eles, de forma pessoal, estando até ligado ao caráter de militância, processo que Louro (2018) traz em suas produções com o intuito de provocar o afastamento do eu social do eu pesquisador/a.

É também percebido nesse trecho da conversa a mudança da nomenclatura do movimento LGBTQIA+ que antes era restrito a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Ao longo do tempo, a mudança da ordem das letras se deu para dar visibilidade ao segmento das lésbicas, já que a luta envolvendo mulheres aparecia em segundo lugar dentro do movimento e esse ato, buscava mudar esse fato, no decorrer dos anos, foram acrescentadas letras, hoje em dia tendo o sinal de “+” no final no intuito de englobar as demais nomenclaturas que podem ganhar notoriedade, como dito por Regina Facchini e Isadora Lins França (2009).

No grupo dos seis (06) docentes com menos de 9 anos de formação, das/os professoras/es apenas três (03) professoras/es disseram ter contato em disciplina com a temática de gênero e sexualidades, não como uma aula toda voltada para o tema, mas era tocado nesses assuntos durante a disciplina, todas/os elas/es egressas/os da UFRRJ. Como mostra o trecho a seguir:

> **Fernanda:** *“Bom dia, Gabriel Medina, tudo bem? Você pode me confirmar seus dados quanto a formação acadêmica?”*
>
> **Gabriel Medina:** *“Bom dia, Fernanda, tudo sim e você? Então, eu sou formado em Licenciatura em Educação Física pela Rural né, formei em 2021”*
>
> **Fernanda:** *“Você lembra de ter contato em algum momento da sua formação com a temática de gênero e sexualidades?*
>
> **Gabriel Medina:** *“Só no sétimo período, mas de forma muito rasa, assim, não foi um tema da aula, né, foi um professor novo que entrou na universidade, ai, ele falou muito por alto, eu sei que depois que eu me formei ele até convidou alguns palestrantes para estar falando mais no fundo sobre essa temática, mas na minha formação mesmo, né, foi muito raso ali, no sétimo período, bem basal mesmo”*
>
> **Fernanda:** *“Você lembra o nome da disciplina?”*
>
> **Gabriel Medina:** *“Se não me engano, era Ensino da Educação Física II”*

O relato dado pelo Professor Gabriel Medina retrata bem o que foi apresentado pelas/os docentes egressas/os da UFRRJ como um todo, essas/es docentes tiveram contato de forma mínima com a temática, na maioria das vezes como um atravessamento que elas/es mesmas/os como discentes propunham nas aulas, seja na hora de desenvolver uma pesquisa, apresentação de trabalhos e propostas de debates em sala de aula, corroborando com o que é dito por Campos (2021) em sua dissertação, que a universidade é um local potente quanto a discussão, mas não necessariamente dentros dos cursos, já que esses debates são provocados pelas/os próprias/os alunas/os, em sua maioria.

Nos relatos dados pelas/os professoras/es sobre o seus processos de formação, ficou evidente a escassez de trato sobre a temática de gênero e sexualidades. A partir disso, a maioria entende a falta que esse conteúdo faz hoje em sua prática profissional, porém dois (2) docentes acreditam que esse contato mínimo já é o bastante para a sua prática docente. Caio Bonfim (Professor, 41 anos) quando questionado se achava necessário uma formação continuada ou algum mecanismo para acrescentar o conhecimento sobre essa temática, foi obtida essa resposta:

> **Fernanda:** *“Caio Bonfim, você disse que na sua formação acadêmica (graduação e pós-graduação) não teve contato com a temática de corporeidades, gênero e sexualidades. Você acha que o não contato com esses conteúdos prejudicou sua atuação docente em algum momento?”*
>
> **Caio Bonfim:** *“Provavelmente, mas consigo lidar bem com as situações que aparecem nas minhas aulas, faço meu trabalho”*
>
> **Fernanda:** *“O que você acha que a formação continuada é uma possibilidade para os docentes que não tiveram esses conteúdos na graduação?”*
>
> **Caio Bonfim:** *“Deve ser….Mas aí esbarramos em um problema, qualquer formação ou curso que eu faça hoje não tenho a menor valorização por parte do estado ou da prefeitura”*
>
> **Fernanda:** *“Entendo a frustração, mas essa formação continuada impactaria talvez na sua relação com os alunos, esse seria o objetivo. Não acha que esse é um bom motivo? Ou não sente como um tema que esteja presente na sua rotina profissional?”*
>
> **Caio Bonfim:** *“Então, a questão é que eu acho que não vale a pena eu melhorar minha formação e não receber nada em troca por isso. Ter um profissional melhor é interessante para meus empregadores, logo eles deveriam me pagar por isso. Mas no caso do poder público isso não acontece, pelo contrário tenho vários colegas mais qualificados que eu e eles não são valorizados por isso”*
>
> **Fernanda:** *“E o que você acha que melhoraria essa situação?”*
>
> **Caio Bonfim:** *“Falta um plano de carreira que valorize a formação continuada do professor. Pessoalmente acho que se eu fizer uma formação e não receber nada em troca, estarei contribuindo para piorar essa situação”*

O Professor Caio Bonfim que apresentou uma resposta potente e singular, ele já havia relatado que em sua graduação e pós-graduação não teve contato nenhum com esses conteúdos e quando sugerido o processo de formação continuada como auxílio para sua prática tive contato com essas respostas retratadas acima.

Essa resposta foi um dos maiores momentos de reflexão durante esse processo de conversação, por dois motivos: O primeiro motivo foi a sinceridade do professor, mostrando assim o conforto que sentiu para compartilhar sua opinião, sem se preocupar em ter uma opinião que poderia não ser bem interpretada pelo meio acadêmico, o que de certa forma, fez com que eu tivesse maior confiança na confiança com as informações que estavam sendo obtidas, e não apenas ouvindo nas conversas falas que as/os participantes acham que eu como pesquisadora, gostaria de ouvir, mostrando que o processo de seguir as pistas da cartografia

estava fluindo de forma positiva para a produção de informações (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009).

O segundo motivo foi não encarar a formação continuada como salvadora dessa problemática, e sim como um meio para o auxílio dessa mudança. Precisa-se de reformulações nos currículos das graduações, acrescentando disciplinas que abordem sobre corpo, gênero e sexualidades, que falem sobre as diversidades dos indivíduos, da fluidez das performances de gênero e da pluralidade que adentra a sexualidade, e não termos apenas uma aula para desenvolver essa temática (Soares; Abreu; Monte, 2020).

Willian Lima (Professor, 43 anos), quando questionado sobre a importância do conhecimento dos conceitos ligados a corpo, gênero e sexualidade e o desenvolvimento em suas aulas, apresentou respostas que evidenciam que a formação continuada é uma possibilidade de trato social mais saudável entre as/os professoras/es e os conteúdos discutidos nessa dissertação. Como visto no relato a seguir:

> **Fernanda:** *"Willian Lima, com o que já conversamos até aqui, você relatou que procura sempre se atualizar para acompanhar o que as/os alunas/os estão tendo interesse e trazer isso para suas aulas. Relacionando a temática que estamos conversando, como você encara esse processo?"*
>
> **Willian Lima:** *"[...] Eu tento operar dentro do conceito do Paulo Freire, professor pesquisador, porque o teu campo de pesquisa, a sala de aula, vão surgir coisas, eventos que você vai ter que buscar resposta, buscar solução, pesquisar, se manter constantemente em leitura por conta disso"*
>
> **Fernanda:** *"Você faz esse processo de forma individual ou participa de algum projeto, cursos….?*
>
> **Willian Lima:** *"Infelizmente, sim, a universidade não forma gente direito para o campo de trabalho, mas cara, ela é incapaz de fazer isso, na minha visão. Porque a formação, que a gente tem acadêmica, ela é um recorte muito pequeno da realidade"*
>
> **Fernanda:** *"E como você acha que poderia ser uma solução para essa problemática?"*
>
> **Willian Lima:** *"Acho que tentar mudar algumas bases e a ideia do que seria essa visão mais clássica de graduação, de que lá a gente aprende tudo. Na verdade, a graduação tem que ser vista como uma introdução, um pensamento científico, para que depois, enquanto graduados, pudéssemos continuar obtendo conhecimentos em sala de aula"*

Nesta conversa, é possível perceber que a formação continuada não é apenas algo que parte de alguma instituição, também é um processo de aperfeiçoamento e conhecimento que as/os professoras/es podem buscar de acordo com as suas demandas. Porém, como apresentado por Camila Vasconcelos e Lilian Ferreira (2020), carecemos que o ato de professar seja valorizado pelo Estado, que a formação, o aprimoramento dos docentes sejam incentivados e tragam algum retorno para o profissional, além da melhora do seu rendimento em sala de aula.

Esta seção buscou produzir informações sobre como a formação das/dos professoras/es participantes contribuiu ou não para sua atuação docente, quanto aos saberes relacionados a corpo, gênero e sexualidades. Com esses desdobramentos, podemos avançar para a próxima pauta desta dissertação que é saber como essas/es professoras/es empregam esses conteúdos em suas práticas docentes.

Para isso, foram utilizados como disparadores da conversação os eventos esportivos mais populares na sociedade, são eles: Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos. A partir desses potencializadores, as conversas seguiram com os debates sobre corporeidades, gênero e sexualidades. Além disso, também buscou-se aprofundar como essas/es docentes fazem as divisões de suas/seus alunas/os em suas aulas. É nesse enredo que iniciamos as discussões na seção a seguir.

3.3 **Prática docente como (não)perpetuadora da estigmatização das pluralidades**

Para essa última seção, propõe-se apontar possíveis práticas docentes que contribuam para a (não) estigmatização de gestos, movimentos e práticas por parte do corpo discente. A forma de tratamento com as/os alunas/os durante as aulas sejam elas teóricas ou práticas com relação às terminologias de gênero e sexualidades perante aos alunos/as.

Com o desenrolar das conversas com as/os professoras/es, pode-se perceber uma certa dificuldade em ter propriedade para entender e diferenciar os conceitos relacionados a gênero e sexualidade, confundindo ideias do que seja sexualdiade e orientação sexual, por exemplo, como evidenciados nas seções anteriores. Porém, esse fator não impede que em suas atuações as/os docentes desenvolvam conteúdos ligados a essa área sem perceber que se trata da temática. Com isso, uma das pautas foi se essas/es professoras/es constroem discussões sobre essa temática durante seu tempo em sala de aula.

Também foi notória a prevalência de desenvolvimento de conteúdos ligados a área esportiva, uns de forma mais reducionista, com olhar da prática pela prática e outras/os utilizando desse fator para provocar a discussão sobre outras temáticas com suas/seus alunas/os (Santos; Nista-Piccolo, 2011). Nesse quesito, nessa seção procurou-se apresentar as informações contidas nas conversas em três (03) pontos: Como as/os professoras/es a divisão faz para dividir suas/seus alunas/os durante as aulas; Conhecimento sobre a divulgação da Copa de Mundo de Futebol Feminino em 2027; Como/se planejam abordar as Olimpíadas durante o ano letivo de 2024.

3.3.1 Práticas de organização das/os alunas/os nas aulas: Meninos de um lado, meninas de outro?

Com relação a divisão das/os alunas/os, entende-se que é necessário como forma de organização melhor a aula e fazer com que a mesma tenha um tempo útil mais produtivo tanto para o corpo docente quanto para o corpo discente. Realizar a separação das/os alunas/os, é uma boa estratégia para um melhor desenvolvimento da aula, ainda mais sabendo que a maioria das vezes as aulas de Educação Física ocorre em espaços abertos como quadras e pátios, sendo necessário um maior sistema de controle por parte das/os professoras/es (Louzada; Votre; Devide, 2007).

Todas/os as/os participantes relataram a necessidade de dividir as/os alunas/os, mas evitam fazer essa separação de forma binária, criando métodos para ser feita essa separação das/os alunas/os sem que fique de uma forma com que

meninos fiquem de um lado e meninas do outro. Alguns métodos que as/os professoras/es relataram nas conversas foi utilização da ordem alfabética, ordem de tamanho, ordem de chegada, separação aleatória por parte das/os docentes. Como pode-se evidenciar com relato a seguir:

> **Fernanda:** *"Isaquias Queiroz, como você costuma organizar suas/seus alunas/os em suas aulas?"*
>
> **Isaquias Queiroz:** *"Costumo dividir eles em grupos, tenho em média 30 alunos por turma, não tem como fazer as atividades práticas com eles todos juntos, eles se dispersam com muita facilidade. A não ser que seja um tema que os interesse muito, na maioria das vezes, pros meninos é o futebol…."*
>
> **Fernanda:** *"E como você faz essas divisões entre eles?"*
>
> **Isaquias Queiroz:** *"Peço para formarem grupos entre eles mesmos. Quando fica organizado, não interfiro não. Quando vira bagunça, aí vou separando e intercalando, mas na maioria das vezes acaba dando certo e fica tranquilo a divisão. Evito ao máximo essa separação de meninos e meninas"*
>
> **Fernanda:** *"Porque você opta que eles se separem primeiro?"*
>
> **Isaquias Queiroz:** *"Porque isso faz com que eles achem que tão tendo liberdade de onde vão ficar, mas se eu vejo que estão sendo feitas panelas, eu mesmo misturo eles"*

Pela conversa com Isaquias Queiroz (Professor, 29 anos), percebe-se que a opção prioritária é que as/os discentes se separem por critérios próprios e, caso seja necessário, depois o professor interfere. Dessa forma, faz com que as/os alunos tenham a sensação de que elas/es que escolheram o grupo que estão, as/os discentes são espertos, elas/eles percebem os métodos utilizados pelas/os professoras/es e essas/esses também devem estimular essa autonomia discente durante o período de aula.

Esses relatos dialogam com o que é exposto por Ribeiro (2012) sobre como o/a professor/a precisa ceder para que as/os alunos sintam que aquele espaço de aula também é um espaço seguro, principalmente quando se trata de Educação Física que são atribuídos tantos estigmas aos corpos e aos seus movimentos. O Professor Willian Lima, chega a relatar como os acordos feitos dentro de sala de aula envolvem um cenário de maior liberdade, sem se configurar em situação imposta. Segue o relato:

> **Fernanda:** *“Como você costuma dividir suas/seus alunas/os em suas aulas?”*
>
> **Willian Lima:** *“Tenho dois métodos, quando eu estou propondo a atividade, ai, eu separo eles, quando é atividade livre, eu deixo eles se dividirem”*
>
> **Fernanda:** *“Quando é você que propõe a divisão das/dos alunas/os, como você faz isso?”*
>
> **Willian Lima:** *“Vou variando, as vezes pela ordem alfabética, pela altura, depende da inspiração do dia rs”*
>
> **Fernanda:** *“E sobre a atividade livre, como funciona?”*
>
> **Willian Lima:** *“Eu deixo o dia livre para eles fazerem a atividade que quiserem. Ah, eu também tenho estimulado a prática de tênis de mesa, tem dado muito certo, eles gostam muito, ai no dia livre, eu monto 3 mesas de tênis de mesa, uma para as meninas e duas livres”*
>
> **Fernanda:** *“Porque você faz essa divisão entre eles para essa atividade?”*
>
> **Willian Lima:** *“Os meninos costumam ficar muito agitados e querem passar a frente das meninas, por isso coloco as 3 mesas, uma mesa para caso as garotas queiram jogar sozinhas, para poder ter essa repetição, esse desenvolvimento, para poder aprender a jogar, entre elas e as outras duas mesas são livres, não são dos meninos, são livres…”*

A experiência relatada pelo Professor Willian Lima fala sobre o incentivo à modalidade “Tênis de mesa”, que não está dentro do que conhecemos como “quadrado mágico” como dito por Silva (2023) que é o desenvolvimento de quatro (04) esportes: Futebol/Futsal; Vôlei; Basquete e Handebol. Ele monta seu planejamento, colocando os ensinamentos do Tênis de mesa de forma assídua em seus cronogramas de aula, além disso, ele também propõe um dia de aula chamado “Dia livre". Neste dia, são as/os alunas/os que escolhem as atividades que vão realizar, mas para que isso aconteça, nas aulas anteriores todos têm que cooperar na participação nas demais aulas (Oliveira; Daolio, 2014).

No “Dia livre”, o professor deixa um espaço para a prática do “Tênis de mesa”, que é a modalidade que está desenvolvendo com as/os discentes. Como relatado, ele não define espaço para meninos e meninas, mas sim um espaço seguro para as meninas exercitarem sem a repreensão dos meninos. Esse movimento, ainda que beire o binarismo, é uma alternativa encontrada pelo docente para lidar com a falta de participação das meninas, quando se trata do momento livre para escolher a atividade que querem realizar.

Outro ponto que foi recorrente nas conversas com as/os professoras/es foi que, apesar delas/es terem em seus planejamentos muitas atividades ligadas à área esportiva, há , também, espaço para atividades cooperativa , como percebemos no trecho seguir:

> **Fernanda:** *“Marta da Silva, como você costuma dividir seus alunos em aula?”*
>
> **Marta da Silva:** *“Eu peço para eles se dividirem e depois vou mesclando, se eu perceber que foram formadas panelas”*
>
> **Fernanda:** *“E como você define essas panelas?”*
>
> **Marta da Silva:** *“Quando eles já sabem qual é a atividade que vou passar, eles já vão chamando os mais fortes para ficar no seu grupo, então eu vou separando. Evito muito trabalhar a competição entre eles”*
>
> **Fernanda:** *“Que método você costuma trabalhar no lugar da competição?”*
>
> **Marta da Silva:** *“Gosto de trabalhar os jogos cooperativos, ensina eles a ajudarem uns aos outros e pensar que chegarem no objetivo juntos também vale a pena do que ter um ganhador ou perdedor”*

Na conversa com a Professora Marta da Silva nota-se a prevalência dos jogos cooperativos, ao invés de incentivar a competição. Como dito por Marcos Correia (2006), os jogos cooperativos buscam trabalhar a inclusão, solidariedade e empatia, já que atravessam valores éticos, culturais e morais. A opção de trabalhar as atividades de forma cooperativa, se mostrou como a principal forma que as/os docentes encontraram para não estimular a performance e alto rendimentos das/os alunas/os e de forma indireta favorecer a não estigmatização de um gênero como forte e potente e outro frágil e dócil (Felipe, 1995).

Os jogos cooperativos têm potência dentro do planejamento das/os docentes porque é uma forma das/os discentes experienciarem novas formas de jogar, sem a preocupação do ganhar ou perder, mas sim cooperar e ajudar uns aos outros (Oliveira, Ferreira, Alencar, 2022). Porém, os jogos esportivos ainda aparecem como predominantes nas aulas dessas/es professoras/es. Mesmo que a forma de desenvolver as aulas tenha características singulares entre as/os docentes.

A partir disso, as subseções seguintes têm como disparadores eventos esportivos de nível mundial, a intenção é saber como e se essas/es docentes trabalham esses eventos focando apenas na prática ou pontuam sobre os

atravessamentos que esses eventos apresentam. Sendo assim, a forma de investigar se as práticas ocorrem de forma estigmatizada ou não com relação aos movimentos e gestos, além da relação com os conceitos referentes às corporeidades, gênero e sexualidades.

3.3.2 Copa do Mundo Feminina de Futebol no Brasil em 2027: Protagonismo feminino em pauta

Esta subseção tem como disparador o anúncio da “Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2027”, que saiu no dia 17 de maio de 2024, noticiando que a próxima edição do evento mundial na categoria feminina, será sediada pelo Brasil. Essa informação foi passada para as/os professoras/es com a intenção de saber se elas/es já tinham conhecimento sobre esse anúncio e que repercussão teve/terá em suas aulas.

É preciso relembrar que essa pauta pertence à segunda etapa da conversação com as/os docentes que durou do dia 29 de maio de 2024 até o dia 31 de maio de 2024, período próximo à data do anúncio oficial. Dos dez (10) participantes, quatro (4) não sabiam da informação e seis (6) sabiam por meio das mídias sociais.

O Professor Caio Bonfim foi um dos participantes que relatou não saber sobre a informação e sua opinião sobre o fato divergiu dos demais participantes. O professor informou não ter a intenção de contar a suas/seus alunas/os sobre o megaevento. Segue o relato:

> **Fernanda:** *“Você sabia que o Brasil foi nomeado como sede da Copa do Mundo de Futebol Feminina de 2027?*
>
> **Caio Bonfim:** *“Não sabia, sinceramente, acho que todo o investimento público feito no esporte de alto rendimento, seja para apoiar atletas ou realizar competições, é um desperdício”*
>
> **Fernanda:** *“Porque você acha que esse evento no nosso país é um desperdício?”*

> **Caio Bonfim:** *"Penso que esse investimento deveria ser todo feito no esporte de massa promovendo atividades físicas para toda a população e consequentemente melhorando a saúde e a qualidade de vida geral. Penso ainda que o esporte de alto rendimento contribui muito para a deterioração da saúde dos atletas e acelera sua morte"*
>
> **Fernanda:** *"Já temos estudos que comprovam que a atividade em alto rendimento não é sinônimo de saúde, mas dentro do ambiente escolar você trabalha com o alto rendimento?*
>
> **Caio Bonfim:** *"Não não, eu trabalho os esportes de forma crítica….posso até colocar no meu planejamento para discutir com meus alunos sobre a Copa do Mundo, mas de forma crítica, para que eles percebam o que está por trás desse evento todo"*

A inquietação apresentada pelo Professor Caio Bonfim está relacionada com as questões políticas, isso fica evidente durante toda a conversa, mostrando seu descontentamento e, em certo modo, a desistência de tentativa de alterar a realidade escolar. Esse cansaço do sistema social que está inserido, apresentado pelo docente, mostra o descontentamento com a sua realidade profissional, esse docente tem 16 anos de experiência com o ambiente escolar esse fator é um dos contribuintes para essa visão sobre o processo educacional.

A descrença numa melhora de políticas públicas, diretrizes educacionais e os próprios atravessamentos sociais que reverberam no espaço escolar e que são experienciados pelas/os docentes, faz com a animação e empolgação dos recém formados vá se esvaindo (Alves, 2023), gerando esse envelhecimento dentro da atuação profissional que gera esse cansaço e que muitas vezes faz com que essas/es professoras/es se tornem as/os conhecidas/os "rola bola" (Nunes; Ladislau, 2020; Vieira; Mello-Carpes, 2013).

Esses fatores tendem a contribuir para que as/os professoras/es atuem de forma automática em seus planejamentos e no momento de suas aulas, fazendo com que suas práticas tendem a entrar no caráter estigmatizante e padronizado, sem buscar uma reinvenção como docentes e se atualizar nas realidades que atravessam o fazer docente.

As/os demais docentes se mostraram dispostos a elaborar formas de abordar em suas aulas sobre a Copa do Mundo de Futebol, principalmente num caráter crítico e comparativo de como as informações, os incentivos e os preparos quanto Estado, estão sendo feitos em relação à comoção nacional que foi a realização da Copa do Mundo de Futebol Masculina no ano de 2014. Segue o relato:

> **Fernanda:** *"Você ficou sabendo que a próxima Copa do Mundo de Futebol Feminino vai ser no Brasil?"*
>
> **Isaquias Queiroz:** *"Simmmm, contei pros meus alunos no mesmo dia, comemorei muito essa notícia"*
>
> **Fernanda:** *"Você pode falar um pouco mais o porquê de tanta animação?"*
>
> **Isaquias Queiroz:** *"É um grande avanço para dar visibilidade à modalidade no Brasil e motivar novas jogadoras. Mas a divulgação e visibilidade do esporte feminino no Brasil ainda deixa muito a desejar. A gente sabe que melhorou muito, já temos campeonato brasileiro feminino com mais times que antes, a seleção feminina tem sido mais valorizada pela mídia, mas ainda é muito pouco. Mas tá se caminhando"*

O incentivo que é destinado às mulheres no esporte é escasso, um processo que vem de forma muito lenta tendo uma melhora, isso se dá pelas questões históricas e sociais, as formas que os corpos femininos são vistos na sociedade ao longo dos tempos, está relacionado à submissão, à maternidade e à delicadeza (Barbosa; Matos; Costa, 2011). A presença das mulheres na prática do futebol é embasada por essas questões socioculturais, a falta de investimento, principalmente no Brasil, não era algo latente, país que é conhecido como país do futebol na categoria masculina, quando se trata da prática com mulheres não apresenta o mesmo empenho (Ribeiro, 2012).

Esse relato reflete também como os papéis de gênero são atribuídos no esporte, essa construção social com dito por Scott (1995) está ocorrendo a todo momento desde o nascimento do ser. As prerrogativas relacionadas aos gêneros feitas nas práticas esportivas/atividades físicas, com a distinção do que pode ou não ser praticado por determinadas corporeidades, reverbera como essas práticas até em níveis de megaeventos, como a Copa do Mundo Feminina de Futebol, recebem atenção midiática, investimentos o que estimulam ou não as/os espectadoras/es e as/os praticantes do desporto, nesse caso.

Nos últimos anos, nota-se um avanço quanto a debates, discussões na mídia e desenvolvimento de forma mais contundente dos principais clubes do Brasil com a categoria feminina. Portanto, a alegria apresentada pelo Professor Isaquias Queiroz é justificável, a nação será sede da maior competição de Futebol do mundo, a esperança que esse fato faça com que tenha mais investimentos e dada a relevância devida a categoria feminina da modalidade.

Outro ponto levantado foi a importância de não ficar restrito aos ícones esportivos. Sim, necessitamos valorizar a jogadora Marta[41] como grande potência e grande força dentro da nação que não tem o reconhecimento nem perto de qualquer jogador masculino que desponta dentro do Futebol. O relato dado pela Professora Beatriz Souza, evidencia esse fato:

> **Fernanda:** *"Beatriz Souza, você ficou sabendo que a Copa do Mundo Feminina de Futebol em 2027 vai ser no Brasil?"*
>
> **Beatriz Souza:** *"Não sabia, mas vou passar para meus alunos essa informação, trabalhamos esse ano sobre ícones do esporte feminino"*
>
> **Fernanda:** *"Pode me contar um pouco de como foi essa atividade?"*
>
> **Beatriz Souza:** *"O tema do bimestre era sobre mulheres no esporte, fizemos vários debates sobre a invisibilidade das mulheres no decorrer da história, fizemos pesquisas e as práticas relacionadas às atividades que essas atletas estavam relacionadas"*
> *Fernanda: "Você pode falar um pouco de como foi um desses momentos?"*
>
> **Beatriz Souza:** *"Então, quase todos queriam pesquisar a Marta, que foi a primeira atleta que veio à cabeça dos alunos. Refletimos também sobre isso. Como o futebol tem a capacidade de projetar uma atleta no Brasil. E que ela de certa forma precisou de reconhecimento internacional para ter no Brasil um respeito maior"*

As falas da Professora Beatriz Souza mostram que precisamos falar de outras meninas e mulheres que nem podem se dedicar com exclusividade à modalidade, porque a renda, o incentivo e a projeção não permitem. Precisamos utilizar esse momento para falar de várias mulheres que fizeram o possível para que hoje, mesmo que pouco, seja uma conquista ter uma Copa do Mundo de Futebol Feminina sendo realizada em nosso território nacional. A subseção a seguir, continua o processo de provocação quanto a área esportiva, tendo dessa vez como foco os Jogos Olímpicos que ocorrem esse ano, 2024, em Paris na França.

---

[41] Marta da Silva é uma futebolista brasilo-sueca que atua como ponta-esquerda ou meio-campista. Atualmente joga pelo Orlando Pride, dos Estados Unidos. Já foi escolhida como melhor futebolista do mundo por seis vezes, sendo cinco de forma consecutiva. Um recorde não apenas entre mulheres, mas também entre homens.Foi considerada pela *Revista Época* um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009.

3.3.3 Jogos Olímpicos 2024: Explorando novas possibilidades?

Nesta última subseção, teve como pauta conversas com as/os professoras/es de Educação Física escolar sobre as Olimpíadas, que aconteceram nesse ano de 2024 dos dias 26 de julho até 11 de agosto, tendo como país sede a França e sendo Paris o centro das competições. É importante ressaltar que essa etapa de conversação ocorreu antes do início dos Jogos Olímpicos de Paris 2024, já que o intuito era saber como as/os professoras/es pretendiam ou não trabalhar as atividades em suas aulas durante esse período olímpico.

O questionamento foi levantado durante as conversas por perceber que as/os participantes moldam suas aulas com temáticas esportivistas, mesmo que por meio delas busquem uma abordagem crítica (Rodrigues, 2017). Por esse fator, perguntar sobre o que elas/eles pretendem abordar durante esse período se tornou plausível.

Dos dez (10) participantes, apenas dois (2) ainda não tinham planejado o que irão abordar relacionado aos Jogos Olímpicos de Paris 2024 em suas aulas, mas pretendem elaborar. As/os demais professoras/es apresentam algumas possibilidades para introduzir a temática em suas aulas.

Quatro (4) pretendem desenvolver por meio de jogos e gincanas, dando o nome de “Dia Olímpico”, já sendo uma proposta apresentada pelos municípios abordarem a temática desta forma. Apesar disso, algumas/alguns pretendem fazer uma grande competição entre turmas nas instituições escolares, enquanto outras/os pretendem exercitar a prática dos jogos cooperativos (Souza, 2013; Alves, 2023).

Dentre as possibilidades de explorar a temática relatada pelas/os professoras/es foram apresentando um teor de criticidade ao tema e não apenas a prática pela prática. O Professor Willian Lima, pretende assistir alguns jogos com as/os alunas/os de algumas modalidades que não são tão populares, para que as/os discentes conheçam novos esportes e sejam realizadas conversas sobre os mesmos. Segue um trecho da conversa:

> **Fernanda:** *“Os Jogos Olímpicos de Paris, estão chegando, você preparou algo para trabalhar com sua turma?”*
>
> **Willian Lima:** *“Eu pretendo assistir algumas modalidades com eles. Sempre faço isso nos meus dias…E aí a gente comenta, faz alguma roda de conversa sobre os jogos, sobre as modalidades e faz um feedback sobre eles.”*
>
> **Fernanda:** *“Que modalidades você costuma trabalhar com elas/es nesse período?”*
>
> **Willian Lima:** *“Procuro diversificar o máximo possível, pegar modalidades que não são tão conhecidas por eles e como eu te falei, eu sempre mostro modalidade feminina, eu acho importante”*

O Professor Willian Lima ressaltou que pretende trabalhar modalidades nas categorias femininas, no intuito de mostrar a presença das mulheres na área esportiva. Dar maior visibilidade às modalidades femininas foi a forma que o professor encontrou de trabalhar gênero com suas/es alunas/os, indo contra o caminho padronizado de apresentar as modalidades mais conhecidas e nas categorias masculinas. Colaborando para que as relações poder-saber-verdade a respeito de corpo, gênero e sexualidade não funcione como normas reguladoras (Butler, 2001).

Acredito que esse método teve grande relevância nesta edição das Olimpíadas, já que todas as três (03) medalhas de ouro que o Brasil conquistou nos jogos, foram na categoria feminina (Judô, Ginástica Artística e Vôlei de Praia). A Professora Beatriz Souza também almeja colocar as modalidades femininas em destaque nesse momento de debate sobre os jogos olímpicos, pretende aprofundar os debates sobre a presenças das mulheres nas Olimpíadas, como foi, de forma cronológica, que as mulheres galgaram o lugar de atletas em nível olímpico e relata o desafio que é lecionar em uma instituição dentro de uma comunidade, com vulnerabilidade social (Ferreira Neto, 2020).

Além disso, como é difícil manter as/os alunas/os com interesse na parte teórica da aula e não quererem ir direto para a prática, que é preciso utilizar de métodos para reter a atenção delas/delas, e uma dessas formas é abordar sobre modalidades que estão em alta e não são tão familiares para as/os alunas/os. Segue a conversa:

> **Fernanda:** *"Você tem algo planejado para o período do Jogos Olímpicos que estão chegando?"*
>
> **Beatriz Souza:** *"Sim, já trabalhamos a presença das mulheres no esporte em outro bimestre e no próximo eu pretendo falar da participação das mulheres nos jogos olímpicos desde o período clássico até a participação atual, dentre outros aspectos"*
>
> **Fernanda:** *"Pode falar um pouco mais de como foi esse processo e como acredita que seja em relação aos jogos olímpicos?"*
>
> **Beatriz Souza:** *"Confesso que é desafiador, porque eles querem ir logo para a prática. Aquietar o corpo e refletir é uma construção, e precisa ser regular até eles se acostumarem. Trabalho com crianças de muita vulnerabilidade e com referências familiares também bem intensas. Então é gota a gota, mas acredito que vamos conseguir "*

A fala da Professora Beatriz Souza faz relação de como a presença dos corpos femininos foram lutando para ganhar espaço dentro das práticas corporais. Fazer o recorte de como foi/tem sido esse processo de busca por direitos e espaço social e político dos corpos femininos, é importante refletir de como se tem hoje os avanços, divulgações e investimentos para as categorias femininas nas práticas esportivas, como um reflexo da configuração social (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

Já o Alison dos Santos (Professor, 32 anos), pretende apresentar em suas aulas os cinco (05) valores olímpicos, por meio de jogos e gincanas, mas sempre focando em fundamentar cada um dos valores olímpicos, são eles: Coragem, Diversidade, Respeito, Excelência e Amizade. A partir disso, fazer um atravessamento sobre a realidade escolar e o espaço social em que estão, dando assim a possibilidade de trabalhar o senso crítico das/os alunas/os. Ou seja, desempenhando com uma abordagem crítica a temática, como mostra o relato:

> **Fernanda:** *"Você pretende abordar os Jogos Olímpicos no seu ano letivo, já que temos Olimpíadas em Paris esse ano?"*
>
> **Alison dos Santos:** *"Sim, já está no meu planejamento"*
>
> **Fernanda:** *"Pode me contar como pretende fazer isso?"*
>
> **Alison dos Santos:** *"Eu pretendo abordar através dos valores olímpicos e minha escola escolheu 5 para serem trabalhados: Coragem, diversidade, respeito, excelência e amizade. Aí eu vou trazer o valor associado a uma modalidade, de preferência uma que eles ainda não tenham vivenciado"*

Os valores apresentados pelo Professor Alison dos Santos, estão relacionados ao desenvolvimento de conceitos da prática cooperativa (Correia, 2006), que se assemelha à ideia de valores olímpicos, como dito por Ana Gabriela Medeiros e colaboradores (2020). Que apesar de se tratar de um grande evento esportivo, também é um momento de confraternização/encontro entre as nações, trazendo com esse "espírito olímpico", um clima amistoso entre as nações por mais que se trate de um evento competitivo.

Os cinco (05) valores olímpicos apresentados pelo Professor Alison dos Santos: Coragem, diversidade, respeito, excelência e amizade, são valores que estão relacionados ao que se almeja que seja desenvolvido um ensino associado à área de gênero, sexualidades e corporeidade. Esse processo faz com que o professor não entre no padrão estipulado de fazer docente, já que como dito por Foucault (2010) essas/es docentes estejam num caráter de indocilidade com relação ao projeto político de controle dos corpos, populações e modos de vida, já que buscar se colocar no lugar das/os discentes, para melhor desenvolvimento do fazer docente.

Apenas a Professora Ana Patrícia, apresentou um planejamento abordando os Jogos Paralímpicos. Esse ponto chama atenção, pois mesmo que muitas/os professoras/es desempenhem um trabalho com a abordagem crítica, dentro desse grupo de participantes, apenas uma remeteu ao público que possui alguma deficiência, seja física, mental ou cognitiva. Segue o relato:

> **Fernanda:** *"Ana Patrícia, esse ano temos Olimpíadas, você pretende abordar esses conteúdos em suas aulas?"*
>
> **Ana Patrícia:** *"Então, o meu foco vai ser trabalhar as Paraolimpíadas, é muito relevante trabalhar as Olímpiadas, mas quero ir além e mostrar para eles os jogos paralímpicos que não tem a mesma repercussão midiática e o mesmo incentivo que as Olimpíadas"*
>
> **Fernanda:** *"E como você pretende fazer isso?"*
>
> **Ana Patrícia:** *"Eu já comecei a despertar a curiosidade deles quando disse que não existe a modalidade futebol para cegos na categoria feminina, eles ficaram espantados. Procuro em minhas aulas sempre fazer esse diálogo com as práticas inclusivas, já é um movimento que eles entendem que eu vou fazer durante as aulas"*

As Paralimpíadas aconteceram do dia 28 de agosto até 8 de setembro de 2024, em Paris, na França. Destaca-se a importância em dar foco a esse evento e

não apenas às Olimpíadas. E com essa fala da professora, pode-se ver as possibilidades de abordar gênero e sexualidade dentro da temática jogos olímpicos/ paralímpicos, que podem ser desempenhadas de forma que atravesse o conteúdo, e não necessariamente seja o foco da aula.

Nesta seção, procurou-se mostrar como as/os professoras/es fazem para variar nas formas de distribuição das/os alunas/os sem ser pautada no binarismo (César, 2010). A maioria estava ciente da Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2027, sediada no Brasil, e depois de todas/os estarem cientes, demonstraram intenções de desenvolver criticamente essa temática em suas aulas.

Com relação às Olimpíadas de Paris 2024, as/os professores se mostraram também, em sua maioria, dispostos a abordar, de alguma forma, sobre os Jogos Olímpicos deste ano, possibilitando o desenvolvimento dos assuntos sobre corporeidades, gênero e sexualidades, já que são atravessamentos presentes nas práticas de forma crítica. Com isso, é possível averiguar como as práticas docentes vem buscando contribuir para a (não) estigmatização de gestos, movimentos e práticas do corpo discente, apesar das dificuldades encontradas no cotidiano para que isso aconteça.

CONSIDERAÇÕES SEM FIM…

O que é ensinado em escolas e universidades não representa
educação, mas são meios para obtê-la.
Ralph Waldo Emerson

Inicio minhas considerações com a citação de Ralph Waldo Emerson[42], com o intuito de ressaltar que não são só nos espaços acadêmicos que a educação vai existir, a educação está presente em todos os lugares. Abordar as corporeidades é falar sobre o dia a dia, é falar sobre as experiências dos indivíduos, é um processo singular e particular que para ser desenvolvido é necessário desconstruir esses estigmas enraizados socialmente (Rich, 2012; Lima; Belo, 2019).

Essa dissertação teve como principal questionamento a seguinte pergunta: ***Como professora(e)s de Educação Física, que atuam na Escola Básica, consideram os corpos e suas relações com as questões de gênero e sexualidades nas aulas?*** Dessa forma, constituiu o objetivo central desta pesquisa que pretendeu ***"****Investigar como professoras/es de Educação Física que atuam no Ensino Básico, consideram os corpos das/os alunas/os, buscando identificar as relações que estabelecem com as questões de gênero e sexualidades no cotidiano de suas aulas***".**

Considerando ser essa a inquietação central, pode-se dizer que nesta dissertação as/os professoras/es participantes não consideram como forma primordial desenvolver as questões de gênero e sexualidade em suas aulas. Abordar gênero e sexualidades não é fugir do conteúdo de sala de aula, visto que essa temática atravessa todos os espaços, as instituições escolares, a formação docente. São apenas algumas das circunstâncias onde o peso do não falar se torna sufocante, principalmente para aquelas/es que não são corpos dóceis, como dito por Michael Foucault (1987).

Um/uma professor/a que se recusa a se atualizar ao contexto social, está se privando do ato de aprender com aquelas/es que a/o cerca, se privando de

[42] Foi um escritor, ensaísta e filósofo norte americano. Foi um dos fundadores do movimento chamado Transcendentalismo. O Transcendentalismo é, para Emerson, um esforço de introspecção metódica para se chegar além do "eu" superficial ao "eu" profundo, o espírito universal comum a toda a espécie humana.

experienciar que o ato de lecionar pode de fato fazer a diferença de forma positiva na vida daquelas/es que a/o encontra e para si própria/o (Louro, 2018; Garcia; Tenório, 2023).

No que diz respeito aos sentidos que as/os docentes atribuem aos corpos no desenvolvimento das aulas de Educação Física, consideram essas relações corporais no escopo da generificação e da sexualidade nestes corpos. Pode-se dizer que as/os professores participantes apresentam grande dificuldade em diferenciar os conceitos de gênero e identidade de gênero, como também sexualidade e orientação sexual, indicando que parece haver uma ausência de formação mais teórica sobre o assunto.

O uso das terminologias são vistas com peso para alguns, ao mesmo tempo é motivação para outros. Um ponto de destaque é a desistência de tentativa apresentada por um dos professores em relação a crer numa possível melhora no sistema político e educacional nacional.

Essa insatisfação que acompanha um professor, que tem 16 anos de experiência com a docência, mostra o quão cansativo é essa batalha diária de dar voz aos indivíduos e suas pluralidades. Buscando fazer o movimento de tornar esses conceitos públicos e não restritos ao privado (Guizzo; Felipe, 2016). Até que ponto nós professoras/es conseguimos caminhar sozinhas/os dentro das instituições sem ferir o nosso físico e psicológico? Fazendo com que a melhor opção seja a desistência e acomodação?

Essas questões recaem sobre como os conteúdos/práticas nas aulas articulam as corporeidades, gênero e sexualidades, identificando se esses conceitos foram desenvolvidos durante a formação dessas/es docentes. É notório que precisamos de reformulações nos currículos das graduações, acrescentando disciplinas que abordem de forma consistente sobre corporeidades, gênero e sexualidades, que falem sobre as diversidades dos indivíduos, da fluidez das performances de gênero e da pluralidade que adentra a sexualidade, e não ter apenas um momento pontual para a conscientização, uma aula temática, uma palestra, um seminário. É preciso tornar esses constructos pertencentes ao processo educacional e não adjacente (Araújo; Devide, 2019).

As conversas realizadas com as/os professoras/es elucidam essas inquietações, a maioria não tem noção concreta do que se trata abordar gênero e

sexualidade na Educação Física. E isso tanto se torna uma verdade que quando foram relatadas suas experiências, elas/es mesmas/os não perceberam que estavam falando sobre gênero e sexualidade.

Os estudos cada vez mais estão avançando com o intuito de serem mais inclusivos e não estereotipados, mas essa guerra é de longa data e ainda hoje é muito pouco o que se tem em relação ao que se almeja. O respeito, desconstrução e liberdade com relação às pluralidades relacionadas às corporeidades envolvendo gênero e sexualidade precisam sim ser pauta na formação docente e na formação continuada, mesmo que essa não seja a solução, é um caminho possível (Pereira, 2009; Ribeiro, 2012).

O incentivo à educação deve ser feito não apenas com as/aos discentes durante sua formação, nem só para as/ professoras/es depois de formados, mas é também preciso esse processo de formação continuada para quem vive na comunidade escolar, desde os zeladores, professores, coordenadores, até os cargos de direção (Campos, 2021). A solução para as inquietações apresentadas nesta dissertação não é a formação continuada, mas a mesma aparece como uma possibilidade, um caminho para que esse cenário tenha significativas modificações positivas.

Uma de nossas inquietações diziam respeito a identificar como as concepções de gênero e sexualidades são evidenciadas nas aulas e quais indícios de práticas não-estigmatizantes dos movimentos e gestos corporais foram encontrados. Nesse aspecto, utilizamos de três (03) pontos, como as/os professoras/es fazem ou não a divisão das/os alunas/os em suas aulas, se tiveram ou não acesso ao anúncio da Copa do Mundo Feminina de Futebol em 2027, sediada no Brasil e como as/os professoras/es pretendiam ou não abordar a temática dos Jogos Olímpicos de 2024 em Paris, na França.

A imagem da Educação Física é tida como um espaço onde os seres podem ser quem são sem serem julgados ou discriminados é essencial para o desenvolvimento crítico das/os alunas/os (Carvalho, 2017). Reinventar as formas que são feitas as divisões das/os alunas/os durante as aulas, retirando da binaridade esse papel, é um começo que se apresentou estar sendo utilizado na realidade escolar, mas só isso não basta.

Os conteúdos desenvolvidos em sala de aula precisam ir de acordo com o que aquela comunidade escolar permite, para que as/os alunas/os fiquem conectados nas aulas sem que levante um alerta naquele ambiente, porque sempre tem algum fator que vai gerar resistência do corpo discente (Foucault, 1987). Ao mesmo tempo, esse processo faz com que as/os alunas/os se sintam mais confortáveis para compartilharmos suas experiências e se sentirem livres para expressarem seus corpos, se movimento sem o medo de sofrerem preconceitos dentro daquele ambiente (Mc Laren, 2016).

Buscar formas possíveis de trazer o interesse das/os discentes para a aula, sem ceder ao famoso “rola bola”, como a relação que tem com a mídias sociais, que mesmo com uma abordagem rasa sobre a temática, pode ser utilizada como material para manter o interesse das/os discentes. Assim, poderão desconstruir a imagem que os espaços institucionais aos quais frequentam, de forma presencial e virtual, somatizam, como forma padronizada e estigmatizada.

Não há como formular considerações finais e sim fazer considerações sem fim. Cada pessoa envolvida no processo desta dissertação, desde os familiares, as/os professoras/es participantes, o grupo de pesquisa, o orientador, as/os docentes as/os quais tive contato durante o mestrado, participou desse processo formativo. Me fazendo refletir, aprender e ensinar, me fazendo ter acesso às experiências tão únicas, que apenas o processo cartográfico me permitiria fluir na escrita dessa produção (Kastrup, 2009; Larrosa, 2015).

Nesta dissertação, não busco a solução para todas as carências presentes nessa área de conhecimento, envolvendo a Educação Física, busco caminhos possíveis para uma melhora no quadro social e educacional que nos encontramos. É preciso que esse processo ganhe cada vez mais força, para que corpos plurais consigam almejar e chegar a lugares sem o temor da violência, da ignorância e do preconceito.

É preciso reinventar, revisitar, recriar as ditas padronizações, é preciso desconstruir esses estigmas. A resistência como “poder da vida, poder vital que vai além das espécies, dos meios e dos caminhos” (Deleuze, 1995, p.100) e ao resistir é como se provocassem novas formas de existir (Pereira, 2020).

É PRECISO SER RESISTÊNCIA! SEJAMOS RESISTÊNCIA!

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Márcia Adriana Brasil; GONÇALVES, Josiane Peres. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. **Revista Conhecimento Online**, [S.l.], v. 1, p. 36-44, 2017. Disponível em: https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/download/460/1852/3950. Acesso em 18 jan. 2025.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 131-149.

ALVES, Mateus Gomes de Loureiro. **Um olhar para as questões de gênero nas aulas de educação física a partir das experiências de uma professora.** 2023. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas:** sobre redes de saberes. Petrópolis: DP&A, 2008. p. 39-48.

AMARO, Ivan. Avaliar ou examinar a escola? Performatividade, regulação e intensificação do trabalho docente. **Impulso**, Piracicaba, v. 24, n. 61, p. 109-127, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277921026_Avaliar_ou_Examinar_a_Escola_Performatividade_Regulacao_e_Intensificacao_do_Trabalho_Docente. Acesso em 18 jan. 2025.

AMARO, Ivan. Gêneros, sexualidades e formação de professorxs no século XXI: entre apagamentos, práticas e enfrentamentos. In: AMARO, Ivan (Org.). **Discussões interdisciplinares no campo da formação docente II.** Vol II. Curitiba: Artemis, 2020. p. 1-15

AMARO, Ivan. Tecnologias digitais e formação de professoras: superando desafios, construindo potencialidades. In: AMARO, Ivan; SOARES, Maria da Conceição Silva (Orgs.). **Tecnologias digitais nas escolas:** outras possibilidades para o conhecimento. Rio de Janeiro: De Petrus et Alii; Brasília, DF: CAPES, 2016. p. 89-111.

ANTES, Gilberto; JACONDINO, Eduardo Nunes. O pós-estruturalismo e o debate sobre a fabricação dos sujeitos: a genealogia de michel foucault. **Alamedas**, *[S. l.]*, v. 8, n. 1, p. 99–114, 2020. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/23981. Acesso em 18 jan 2025.

ARAUJO, Ana Beatriz Carvalho de; DEVIDE, Fabiano Pries. “Gênero” e “sexualidade” na formação em educação física: uma análise dos cursos de licenciatura das instituições de ensino superior públicas do Rio de Janeiro. **Arquivos em Movimento**, v. 15, n. 1, p. 25-41, 2019. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/21840. Acesso em 18 jan. 2025.

ARAUJO, Gabriela Gomes; SILVA, Andréa Costa da. Gênero e sexualidade na licenciatura em Educação Física (EEFD/UFRJ): reflexões a partir do projeto político pedagógico. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 4, n.2, p. 36-59, 2019. Disponível em: https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/2244/1537. Acesso em 18 jan. 2025.

ARRUDA JUNIOR, Luis Carlos. **A construção de competências técnicas e a qualidade do leite nas propriedades de alunos do Instituto Federal Catarinense - Campus Concórdia**. 2012. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2012.

AUGUSTO, Cyndel Nunes. **Encontros no cu do mundo:** alianças entre os estudos feministas, queer (decolonial) e a Educação Física cultural. 2022. 167p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. 2022.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & sociedade**, [S.l.], v. 23, p. 24-34, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psoc/a/WstTrSKFNy7tzvSyMpqfWjz/abstract/?lang=pt. Acesso em 18 jan. 2025.

BARROS, Aline da Fonseca. **Gênero, sexualidades e corporeidade:** problematizações do corpo dentro do sistema socioeducativo do Rio de Janeiro. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2020.

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Pista 3: Cartografar é acompanhar processos.In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.52-75.

BEIRAS, Adriano; NUERNBERG, Adriano Henrique; ADRIÃO, Karla Galvão. Estudos de gênero na Psicologia Brasileira–perspectivas e atuações da terceira geração. **Athenea Digital: Revista de pensamiento e investigación social**, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 203-216, 2012. Disponível em: https://atheneadigital.net/article/view/v12-n3-beiras-nuernberg-galvao. Acesso em: 18 jan. 2025.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363. Acesso em: 18 jan. 2025.

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades:** limites da democracia no Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BITTENCOURT, Blenda Domingues. **Infância, trabalho e socialização em Itapuranga-GO:** agricultura familiar em contexto de mudanças. 2013. 163f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio). Programa de Pós-Graduação em Agronegócio, Escola de Agronomia, Universidade Federal de Goiás. 2013.

BORGES, Kátia Ariana. **Validação do World Health Organization Disability Assessment Schedule (WHODAS 2.0) para pessoas com obesidade mórbida.** 2017. 117f. Dissertação (Mestrado em Atenção à Saúde). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Atenção à Saúde. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. 2017.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, [S.l.], v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: https://ges.face.ufmg.br/index.php/gestaoesociedade/article/view/1220. Acesso em: 18 jan. 2025.

BRACHT, Valter. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, [S.l.], n. 2, p. 23-28, 20 dez. 1996. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139640. Acesso em: 18 jan. 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno nº 9/2001.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: CNE, 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer Conselho Pleno (CP) nº 5/2005.** Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Brasília: CNE, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer Conselho Pleno (CP) nº 2 de 9 de junho de 2015.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica. Brasilia: CNE, 2015.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial:** Brasília, 20 dez. 1961.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial:** 23 dez 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: Educação é a Base. Brasília: MEC, 2017.

BRITO, Leandro Teofilo; LEITE, Miriam. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Práxis Educativa (Brasil)**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8812. Acesso em: 18 jan. 2025.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAMPOS, Laís Silva. **Gênero na formação docente da UFRRJ e na Educação Física escolar do Ensino Médio:** um debate sobre discriminações. 2021. 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2021.

CARVALHO, Keila Cristina Rocha. **Trajetórias formativas, gênero e subjetividade:** representações sociais de professoras da Educação Infantil. 2023. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação: Formação de Formadores) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de Formadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

CARVALHO, Rosa Malena de Araújo. A cultura corporal como concepção que organiza a educação física e caracteriza o escolar. **Teias,** [S.l.], v. 18, n. 49, 2017. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/tei/v18n49/1518-5370-tei-18-49-0254.pdf. Acesso em 18 jan. 2021.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Sexualidade e gênero: ensaios educacionais contemporâneos. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18684/9805. Acesso em 18 jan. 2025.

CIABOTTI, Valéria. **Elaboração de livro paradidático para o Ensino de Probabilidade:** o trilhar de uma proposta para os anos finais do Ensino Fundamental. 2016. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016.

CINTRA, Amanda Mendes Silva; MESQUITA, Luana Pinho de; MATUMOTO, Silva; FORTUNA, Cinira Magali. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S.l.], v. 29, n.1, p. 45-53, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/fractal/a/qCG7P8pMVLPWhR75szJNr7d/abstract/?lang=pt. Acesso em 18 jan. 2025.

COELHO, Cleide Domingues. **Diagnóstico e controle das coccidioses causadas por espécies do gênero Isospora Schneider, 1881 (Apicomplexa : Eimeriidae) em pássaros mantidos em regime de quarentena.** 2012. 190 f. Tese (Doutorado em Ciências Veterinárias) - Instituto de Veterinária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2012.

CONNELL, Raewyn. Masculinidade corporativa e o contexto global: um estudo de caso de dinâmica conservadora de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 40, p. 323-344, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/vqxmDytcLnvgnjnDj6q8Vwr/abstract/?lang=pt. Acesso em 19 jan. 2025.

CORADINI, Fábio dos Santos. **Currículo Ciberqueer:** Autorias LGBTQIA+ na cibercultura. 2022. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2022.

CORREIA, Marcos Miranda. Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Curitiba, v. 27, n. 2, p.149-164, 2006. Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/99. Acesso em 19 jan. 2025.

COSTA, Sandy Lima; OLIVEIRA, Wenderson Silva; DE FARIAS, Isabel Maria Sabino. Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?. **Teoria e Prática da Educação**, v. 24, n. 3, p. 221-225, 2021. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/download/59742/751375153267/. Acesso em 19 jan. 2025.

COSTA, Vani Maria Melo. Corpo e história. **Revista Ecos**, Cáceres, MT, v. 10, n. 1, p.245-258, 2011. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/777. Acesso em 19 jan. 2025.

CRUZ, Lindalva Alvez. Crítica epistemológica do feminismo. In: Jornada Internacional de Políticas Públicas, 3, 2007, São Luís, MA. **Anais da III Jornada Internacional de Políticas Públicas.** Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, 2007. Disponível em: http://www.joinpp2013.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoD/57ef1026f04c70177699LINDALVA%20ALVES_CRUZ.pdf. Acesso em 20 jan. 2025.

DAOLIO, Jocimar. Educação física escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**, [S.l.], n. 2, p. 40-42, dez. 1996. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139646. Acesso em 20 jan. 2025.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34,1992.

DEVIDE, Fabiano Pries; OSBORNE, Renata; SILVA, Elza Rosa; FERRREIRA, Renato Callado, CLAIR, Emerson Saint; NERY, Luiz Carlos Pessoa. Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, Mar, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/motriz/a/vdH5QcysDZcqrTk4hNZsqYJ/?format=pdf&lang=pt Acesso em 20 jan. 2025.

DIAS, Cláudia Augusto. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade**, [S. l.], v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330. Acesso em: 20 jan. 2025.

DIAS, Cristiana Kaipper. **O papel da escola no processo de construção de gênero em pessoas trans.** 2023. 300f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2023.

DIAS, Elionai Ribeiro Almeida. **O corpo no curso de licenciatura em educação física da UFRRJ:** formação e transformação a partir de uma perspectiva decolonial. 2022. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2022.

DINIZ-PEREIRA, Julio Emílio. **Formação de professores:** pesquisas, representações e poder. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DORNELLES, Priscila Gomes. **A (hetero)normalização dos corpos em práticas pedagógicas da educação física escolar.** 2013. 193f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DORNELLES, Priscila Gomes; DAL'IGNA, Maria Cláudia. Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. **Educação e Pesquisa**, [S.l.], v. 41, p. 1585-1599, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/LS9qxc4wwJNWDYg83zPLdBN/abstract/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana. Uma análise generificada sobre o projeto gênero e diversidade na escola. **Cad. Pesqui.,** São Paulo, v. 49, n.173, p.226-243, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/C33hrCS8zqpzJCmxCdK3tvQ/. Acesso em 20 jan. 2025.

EDFISICAUNIBH. Seminário de Memes. **Curso de Educação Física do UNIBH**, Destaque Internacional, 19 abr. 2016. Disponível em: https://unibheducacaofisica.wordpress.com/2016/04/19/seminario-de-memes/

ESCÓSSIA, Liliana da; TEDESCO, S. Pista 5: O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. p. 92-108.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n. 3, p. 54-81, 2009. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/41/245. Acesso em 20 jan. 2025.

FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Psicol. Esc. Educ.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 35-42, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/DTxHk78xxwXWq6gcH7RKjQG/abstract/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

FARIAS, Uirá de Siqueira, NOGUEIRA, Valdilene Aline; SOUSA, Cláudio Aparecido de; MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física escolar no ensino fundamental: o planejamento participativo na organização didático-pedagógica. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 58, p.1-24, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e55270. Acesso em: 20 jan. 2025.

FERREIRA NETO, Rubem Barboza. Infraestrutura escolar e Educação Física: tensões e conflitos. **Estudos em avaliação educacional**, São Paulo, v. 31, n. 76, p. 231-256, 2020. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/6547. Acesso em: 20 jan. 2025.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação & sociedade**, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002. Disponível em https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/abstract/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

FIGUEIREDO, Zenólia C. Campos. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 89-111, 2007. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2827. Acesso em: 20 jan. 2025.

FIORINI, Leticia Glocer. Identidades e sexualidades em transformação. **Revista de Psicanálise da SPPA**, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 509-521, 2018. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/05/995093/08_identidades_leticia-fiorini_v25_n3_2018.pdf. Acesso em 20 jan. 2025.

FLANDERS, Corey E. Under the bisexual umbrella: diversity of identity and experience. **Journal of Bisexuality**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 1-6. 2017. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/15299716.2017.1297145?needAccess=true. Acesso em 20 jan. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. Vol. I. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Sexualidade e solidão**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Elisabete dos Santos; VERENGUER, Rita de Cássia Garcia; REIS, Marise Cisneiros da Costa. Educação Física: pensando a profissão e a preparação profissional. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1345. Acesso em: 20 jan. 2025.

FREITAS, James Deam Amaral. Continuidade e ruptura nos estudos de gênero – historiografia de um conceito DOI 10.5216/o.v11i1.14529. **OPSIS**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 15–30, 2011. Disponível em: https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/Opsis/article/view/14529. Acesso em: 18 jan. 2025.

FRIEDERICHS, Marta; SOUZA, Jane Felipe de. O corpo feminino: ficções para ser e estar nas telas do cinema. **Revista Textura - ULBRA**, Canoas, v. 18, n. 38, p. 195-214, 2016. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2211/1946. Acesso em 20 jan. 2025.

FURLAN, Reinaldo; BOCCHI, Josiane Cristina. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia,** Natal, v. 8, n. 3, p. 445-450, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/RmBNRmVhDydstrCX9wB6j3B/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

GANEM, Bruno Rodrigues. **Resistindo para (re)existir:** identidades trans por entre experiências e memórias com a escola. 2020. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2020.

GARCIA, Alexandra; TENORIO, Marcelle. Formação docente: Ensaios de (re) existência com os currículos. **Formação em Movimento**, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 193-212, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufrrj.br/index.php/formov/article/download/694/686/2016. Acesso em 20 jan. 2025.

GASTALDO, Denise. Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 09-14

GAYA, Adroaldo. Será o corpo humano obsoleto? **Sociologias,** Porto Alegre, v.7, n. 13, p. 324-337, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/soc/a/8QFwsbrJrwGhp8CRyJGDMZx/abstract/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

GUIMARÃES, Marcella Pereira Barbosa. **O corpo e a escola:** o ensino para além de um corpo biológico. 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) - Instituto de Educação - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu. 2021.

GUIZZO, Bianca Salazar; FELIPE, Jane. Gênero e sexualidade em políticas contemporâneas: entrelaces com a educação. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 2, p. 475-490, 2016. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149251/001003982.pdf?sequence=1. Acesso em 20 jan. 2025.

HALL, Stuart. A questão da identidade cultural. In HALL, Stuart; HELD, David; MCGREW, Tony (Orgs.) **Modernity and its futures**. Cambridge: Polity/Open University, 1992.

HINING, Ana Paula Silva; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Cisgeneridade: um operador analítico no transfeminismo brasileiro. **Rev. Estud. Fem.**, v. 31, n.1, p. 1-15, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/BtLpSzcvY7BJx7t4nz6vSvC/. Acesso em 20 jan. 2025.

JACOBY, Lara Félix; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e questões de gênero: motivos para a escolha de modalidades esportivas por estudantes do ensino médio de uma escola militar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-19, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2020e67164 Acesso em: 20 jan. 2025.

KASTRUP, Virgínia. Pista 2: O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.52-75.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Pista 4: Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.76-91.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n.2, p. 263-280, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/fractal/a/nBpkNsJc6DrmsTtMxfRCZWK/abstract/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos para a psicanálise.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

LAPLANCHE, Jean. O gênero, o sexo e o sexual. In: LAPLANCHE, Jean. **Sexual:** a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006. Porto Alegre, RS: Dublinense, 2015. p. 154-189.

LARROSA, Jorge. **Tremores:** escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LIMA, José Antonio de Oliveira. **Movimento Corporal** – A práxis da corporalidade. 1994. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Filosofia e História da Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1994.

LIMA, Rossano Cabral. Distanciamento e isolamento social pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/physis/a/nyq3wrt8qpWFsSNpbgYXLWG/. Acesso em 20 jan. 2025.

LIMA, Vinícius Moreira; BELO, Fábio Roberto Rodrigues. Gênero, sexualidade e o sexual: O sujeito entre Butler, Foucault e Laplanche. **Psicologia em Estudo**, [S.l.], v. 24, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/GqrtdTDmhmTDPb73Vs3VSgM/. Acesso em 20 jan. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Formação Docente – **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, *[S. l.]*, v. 3, n. 4, p. 62–70, 2018. Disponível em: https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpfp/article/view/31. Acesso em: 20 jan. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71722. Acesso em: 20 jan. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 16.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LOUZADA, Mauro; VOTRE, Sebastião; DEVIDE, Fabiano. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Curitiba, v. 28, n. 2, pp. 55-68, 2007. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338529005.pdf. Acesso em 20 jan. 2025.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Corpo e formação de professores de educação física. **Interface**, Botucatu, v. 13, n.28, p. 99-110, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/icse/a/QKtYfspSKpsdmhwZbzHdyGQ/abstract/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, [S.l.], v. 26, n.2, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/pywfVLVSDYNnH8nzJV3MmQk/abstract/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

MARCONDES, Renato. Roda de conversa como metodologia de ensino sobre gênero: um relato de experiência. In: Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre, 11., 2020. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**. [S.l.]: Universidade, EAD e Software Livre, 2020. p.1-6. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/17032/1125613384 Acesso em 20 jan. 2025.

MATEUS, Samuel. A Experiência e a Vivência–proposta de uma teoria modular da comunicação. In: **E-Compós**[S. l.], v. 17, n. 2, 2014. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1029. Acesso em: 20 jan. 2025.

MCLAREN, Margaret A. **Foucault, Feminismo e Subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

MELO, Andréa Silene Alves Ferreira. **“ENTRE FLORES NO JARDIM”** - Histórias de vida e formação: uma análise sobre gênero e sexualidade entre egressos/as do curso de Ciências Biológicas da UEFS. 199 fl. 2018. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Formação de Professores) – Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, Feira de Santana, 2018.

METZNER, Andreia Cristina; RODRIGUES, Wallace Anderson. Educação física escolar brasileira: do Brasil império até os dias atuais. **Revista Fafibe Digital**, [S.l.], n. 4, 2011. Disponível em: https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/16/30032011212850.pdf. Acesso em 20 jan. 2025.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de F. Rodrigues. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In.: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de F. Rodrigues (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

MOLONY, Barbara & NELSON, Jennifer. **Women’s Activism and “Second Wave” Feminism.** London/New York: Bloomsbury, 2017.

MONTEIRO, Kimberly Farias; GRUBBA, Leilane Serratine. A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de suffragettes às sufragistas. **Direito e Desenvolvimento**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 261-278, 7 dez. 2017. Disponível em: https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/563. Acesso em: 20 jan. 2025.

MOREIRA, Antonio Flavio. Em busca da autonomia docente nas práticas curriculares. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 27, p. 27-46, 2012. Disponível em https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/24250/17229. Acesso em 20 jan. 2025.

MOURA, Fernanda Neiva. Representações de Gênero no Ambiente Escolar: **Um Foco nas Aulas de Educação Física** - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019.

NASCIMENTO, Lainara de Santana; BARCELLOS, Izabela Mendonça Moreira. **A Desvalorização da mulher no esporte: questões de gênero** - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019.

NATIVIDADE, Jean Carlos; LASKOSKI, Lorena Maria; BARROS, Mônica Colognese; HUTZ, Claudio Simon. As diferenças sexuais podem fundamentar estereótipos de gênero? Deixem jovens de baixa escolaridade responderem. **Psicologia e Saber Social**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 22-40, 2014. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-788793. Acesso em 20 jan. 2025.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. Contribuições dos estudos culturais para o currículo da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n.3, p. 671-685, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbce/a/txfFFxXgpdwTV8WnDM4Ssht/. Acesso em 20 jan. 2025.

NUNES, Lucas Rafael Moreira; LADISLAU, Carlos Rogério. Resumo-cegueira pedagógica e o estatuto de normalidade do “rola-bola” na educação física escolar. **RENEF**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 52, 2020. Disponível em: https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/563. Acesso em: 20 jan. 2025.

OLIVEIRA, Aylla Alexa; FERREIRA, Taysa de Souza; ALENCAR, Gildiney Penaves de. Contribuições dos jogos cooperativos na Educação Física escolar. Uma revisão integrativa. **Lecturas: Educación física y deportes**, v. 27, n. 290, p. 146-157, 2022. Disponível em: https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/2801. Acesso em 20 jan. 2025.

OLIVEIRA, Erika Euzébio. **Investigação das crenças de estudantes sobre a educação em sexualidade no ensino integrado do IFMG-SJE**. 2019. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) - Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2019.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de; DAOLIO, Jocimar. Na" periferia" da quadra: educação física, cultura e sociabilidade na escola. **Pro-Posições**, [S.l.], v. 25, n.2, p. 237-254, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/KTfXL5n8C48zRXBXymhs8MK/abstract/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, [S.l.], v. 23, n.3, p. 159-178, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pp/a/6YjGVFn6qZpqdGcPVtWFbWn/. Acesso em 20 jan. 2025.

PAIVA, Laís Regina da Silva. **Gestação juvenil, falando de um lugar:** uma escola pública de Araçatuba/SP. 167f. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação Sociologia em Rede Nacional. Universidade Estadual Paulista. Marília, 2020.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Contribuições dos Estudos Culturais para o currículo. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 10, n. 55, p. 53-61, jan./fev. 2004.

PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo:** Trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. Belo Horizonte: Ed Mazza, 2014.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Pista 1: A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.17-31.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Pista 8: Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.150-171.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Pista 6: Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.109-130.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. In: Simpósio sobre Estudos de Gênero, 1., 2010. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010, p. 1-10. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/1.ClaudiaBraganca.pdf. Acesso em 20 jan. 2025.

PELEGRINI, Thiago. Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. [versão online]. **Revista Urutágua**, Maringá, n.8, 2006. Disponível em: http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.htm. Acesso em 20 jan. 2025.

PEREIRA, Ernane Alexandre. **Docências TRANS em evidência:** entre TRANSições, TRANSfobias e práticas pedagógicas TRANSformadoras. 2020.153 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duique de Caxias, 2020.

PEREIRA, Fabio Alves dos Santos. **Currículo, educação física e diversidade de gênero**. 2009. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação - Currículo) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2009.

PEREIRA, Maria Elisabete; ROHDEN, Fabíola; BRANDT, Maria Elisa; ARAÚJO, Leila; OHANA, Graça; BARRETO, Andreia; KACOWICZ, Roberta (Org.). **Gênero e diversidade na escola:** formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996. Disponível em: https://www2.historia.uff.br/tempo/wp-content/uploads/2024/11/artg2-3.pdf. Acesso em 20 jan. 2025.

PRADO, Vagner Matias; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Gêneros, sexualidades e educação física escolar: um início de conversa. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.2, p. 402-413, 2010. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n2p402/2994. Acesso em 20 jan. 2025.

REIS, Fernanda. **A educação sexual no portal do professor-MEC:** Estudo analítico-descritivo das temáticas referentes à sexualidade no espaço da aula. 2016. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras/Unesp. Araraquara, 2016.

RIBEIRO, Gabriela Chicuta. **Corpo, gênero e sexualidade na educação física escolar.** Uma cartografia das práticas discursivas em escolas do Paraná. 2012. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol: por uma história política da paixão nacional. **História: Questões & Debates**, [S.l.], v. 57, n. 2, 2012. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30570. Acesso em: 20 jan. 2025.

RIBEIRO, Márden De Pádua. Teorias críticas e pós-críticas: pelo encontro em detrimento do radicalismo. **Movimento-revista de educação**, n. 5, 2016.Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32619/18754. Acesso em 20 jan. 2025.

RIBEIRO, Tiago; SAMPAIO, Carmen Sanches; DE SOUZA, Rafael. Investigar narrativamente a formação docente: no encontro com o outro, experiências. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 135-153, 2016. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9271. Acesso em: 20 jan. 2025.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S.l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309. Acesso em: 20 jan. 2025.

RODRIGUES, Josenilda Paula da Silva. **Educação Física escolar:** uma abordagem crítica de educação. 2017. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2017.

ROHDEN, Fabíola. Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, [S.l.], v. 39, n. 136, p. 157-174, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/XvTZcNdBGZtFyMgF46Pr5rF/abstract/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

ROMANOWSKI, Joana Paulin.; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da Arte” em Educação. **Diálogo Educ**., Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/24176. Acesso em 20 jan. 2025.

ROSA, Ana Cristina Batista de Souza. **Cartas para Rebeca:** reflexões docentes sobre as violências contra meninas e mulheres em uma escola policial militar. 2020. 156f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPB. João Pessoa, 2020.

RUANI, Ruann Moutinho, COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro, AMARO, Ivan. A conversa online como procedimento metodológico na pesquisa com masculinidades dissidentes na cibercultura: notas teórico-metodológicas. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v.8, n2, p.205–218, 2020. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/7697. Acesso em 20 jan. 2025.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 21-40.

SAMPAIO, João Márcio Fialho. **A produção do conhecimento sobre o Círculo de Cultura de Paulo Freire e sua repercussão para a Educação Física Escolar.** 2024. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

SANTANA, João Rogério Menezes de. **Sexualidade e gênero:** percepções de estudantes e professoras do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Itabaiana. 2013. 161f. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática/UFS. São Cristóvão, 2013.

SANTIAGO, Izis Thelma Araújo. A geografia física crítica como estratégia pedagógica para a inclusão escolar. 2021.154f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Bahia .Salvador, 2021.

SANTOS, Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega dos; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 01, p. 65-78, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbefe/a/VcFNgDb4tycgh97FjxnxTpQ/abstract/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

SANTOS, Marina et al. Escola sem Partido e as discussões de gênero e sexualidade: impactos curriculares. **Linhas Críticas**, [S.l.], v. 27, 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/35543. Acesso em: 20 jan. 2025.

SANTOS, Rosemary; CARVALHO, Felipe da Silva; MADDALENA, Tânia Lúcia. Conversas ubíquas via whatsapp: ambiências formativas multirreferenciais. In: PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; CHAGAS, Alexandre. **Whatsapp e educação:** entre mensagens, imagens e sons. EDUFBA, 2017. p.193-214.

SARAIVA, Illyushin Zaak; OLIVEIRA, Nadja Simone Menezes Nery; MOREJON, Camilo Freddy Mendoza. Impactos das Políticas de Quarentena da Pandemia Covid-19, Sars-Cov-2, sobre a CT&I Brasileira: prospectando cenários pós-crise epidêmica. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 378-396, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/download/36066/20939/130962. Acesso em 20 jan. 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721. Acesso em: 22 jan. 2025.

SEFFNER, Fernando. Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, [S.l.], v. 19, p. 561-572, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/smr98Jk4VyMbxxd5GBPsy5G/abstract/?lang=pt. Acesso em 20 jan. 2025.

SELEÇÃO FEMININA DE FUTEBOL. **2027 É no Brasil! É oficial: O Brasil irá sediar a Copa do Mundo Feminina FIFA 2027! Que honra! Vamos juntos nessa!** [S.l.], 17 de maio de 2024. INstagram: selecaofemininadefutebol. Disponível em: https://www.instagram.com/selecaofemininadefutebol/p/C7DvffEO9v-/ Acesso em 19 jan. 2025.

SEPULVEDA, Denize; SEPULVEDA, José Antonio. Por uma história de práticas homoeróticas na casa de São José/Instituto Ferreira Viana (1888-1923). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [S.l.], v. 17, n. 47, p. 314-339, 2019. Disponível em: https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/5404. Acesso em: 20 jan. 2025.

SERPA, Andréa. Conversas com a possibilidade de pesquisa com o cotidiano. In: RIBEIRO, Tiago, SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Aiyu, 2018. p. 93-118.

SIBILIA, Paula. O universo doméstico na era da extimidade: Nas artes, nas mídias e na internet. **Revista Eco-Pós**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 133-147, 2015. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2025. Acesso em: 20 jan. 2025.

SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; BRITO, Leandro Teofilo de. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões. **Áskesis**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 26-38, 2018. Disponível em: https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/308/pdf. Acesso em 20 jan. 2025.

SILVA, Ana Cecília; SILVA, Carolina; BONFIM, Juliano; LIMA, Lívia Barbosa; MESQUITA, Marcos Ribeiro. Juventudes, gênero e sexualidade: a ação política dos movimentos sociais. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, RS, v. 8, n. 2, p. 93 - 117, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2018000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 jan. 2025.

SILVA, Anne Patricia Pimentel Nascimento da; SOUZA, Roberta Teixeira de; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, 2020. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-25822020000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 jan. 2025.

SILVA, Cibele Maria Pereira da. **A Educação Física e seu alcance social no contexto do Ensino Médio**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

SILVA, Felipe Cazeiro da; SOUZA, Emilly Mel Fernandes de; BEZERRA, Marlos Alves. (Trans)tornando a norma cisgênera e seus derivados. **Rev. Estud. Fem**., Florianópolis, v. 27, n. 2, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1806-9584-2019v27n254397. Acesso em: 21 jan. 2025.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, n. 28, p.169-195, 2009. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43108. Acesso em 21 jan. 2025.

SILVA, Gabriella Gonçalves Mendes; MARANI, Vitor Hugo. Gênero, sexualidade e educação física: reflexões acerca do currículo em universidades federais brasileiras. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 15, n. 3, 2022.Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/download/62174/37769/199977. Acesso em 21 jan. 2025.

SILVA, Natalya Maria Marinho da. **Relações de gênero e sexualidade nas aulas de educação física:** uma revisão de escopo sobre as concepções e práticas docentes. 2024. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024.

SILVA, Patrick dos Santos. **A construção da homossexualidade nos espaços escolares: vivências e descobertas**. 2022. 101f. Dissertação (Mestrado em Magister Scientiae) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2022.

SILVA, Ronald Lima da. **Novos panoramas para o ensino religioso:** Uma análise do modelo das Ciências da Religião para o Ensino Religioso nas escolas públicas, tendo em vista os aspectos da transdisciplinaridade, transreligiosidade e pluralismo religioso. 2017.

SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa; DOS SANTOS, Raquel Amorim. O currículo pós-crítico: uma experiência na escola de ensino fundamental em Vitória/ES. **Nova Revista Amazônica**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 195-209, 2020. Disponível em: https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/9382. Acesso em 21 jan. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVEIRA, Viviane Teixeira. **Produzindo narrativas, (en)gendrando currículo:** subjetivação de professoras e a invenção da ESEF/Pelotas-RS. 2008. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, 2008.

SILVESTRIN, Julia Mara Pegoraro. **Perform (atividade) na escola:** reflexões sobre gênero na Educação Física. 2013. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) − Universidade Federal de Santa Catarina. Faculdade de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis. 2013.

SIMÕES, Júlio Assis; CARRARA, Sérgio. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 42, p. 75-98, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420075. Acesso em: 21 jan. 2025.

SIQUEIRA, Carolina Bastos de; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher. **Revista Thesis Juris**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 145–166, 2020. Disponível em: https://periodicos.uninove.br/thesisjuris/article/view/14977. Acesso em: 21 jan. 2025.

SOARES, Marta Genú; ABREU, Meriane Conceição Paiva; MONTE, Emerson Duarte. Formação de professores e as normativas curriculares em educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 42, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbce/a/hRPfVDZp8KfwGfP4rtC5hMx/. Acesso em 21 jan. 2025.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em revista**, Curitiba, v. 35, p. 287-305, 2019. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/35313/ZileneSoares_SimoneMonteiro_IOC_2019.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em 21 jan. 2025.

SOUZA, Denis Mauro Rodrigues. **Professores de educação física em questão–corpo, relações de gênero e sexualidades.** 2013. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2013.

SOUZA, Jane Felipe de. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil. **Geledés**, [S.l.], 1995. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2016/09/SexualidadeInfantil.pdf. Acesso em 20 jan. 2025.

TÍLIO, Rafael de. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Revista Gênero**, Niterói, v. 14, n. 2, p.125-148, 2014. Disponível em: https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31193/18282. Acesso em 20 jan 2025.

TOLEDO, Livia Gonsalves; TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 729-749, 2010. Disponível em: http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a06.pdf. Acesso em 22 jan. 2025.

VALENTE, Márcio Bruno Barra; SORDI, Bárbara Araújo; LIMA, Maria Lúcia Chaves. Performances ou ideologia de gênero? Uma aproximação ao pensamento de Judith Butler. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 51, p. 1-20, 2018. Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/12187/8066. Acesso em 22 jan. 2025.

VAZ, Paulo. Corpo e risco [versão online]. Disponível em: https://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/pvaz5.pdf. Acesso em 12 jan. 2025.

VIANA, Bruna. **Estamos preparando Licenciados/as da área de Ciências da Natureza para falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica?** Uma investigação a partir do Ensino de Ciências. 2021. 86p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

VIEIRA, Aline dos Santos; MELLO-CARPES, Pâmela Billig. Processo de envelhecimento: percepções de docentes da rede básica de educação do município de Uruguaiana-RS. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 04, p. 705-712, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbgg/a/4GKTJJwR5QDx75GjhdRgHCk/?lang=pt. Acesso em 22 jan. 2025.

VIGANO, Samira de Moraes Maia. **Sujeitos jovens e adultos LGBT:** diálogos sobre gênero, sexualidade e escolarização. 2019. 384f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 591-603, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/z5kp7sqRvrtmYJ4kgrCc8pt/. Acesso em 22 jan. 2025.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021. Disponível em: https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/03/Ondas-do-Feminismo.pdf. Acesso em 2025.

APÊNDICE A - Modelo de Termo de Consentimento de Livre Esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado(a) , conduzida Fernanda Neiva Moura. Este estudo tem por objetivo investigar as percepções de professoras/es de Educação Física que atuam no Ensino Básico, sobre os corpos da(o)s aluna(o)s, buscando identificar que relações estabelecem com as questões de gênero e sexualidades no cotidiano de suas aulas.

Você foi selecionado(a) por se enquadrar nos critérios estabelecidos para essa pesquisa: Ser professora/or atuante na rede de ensino básico do Rio de Janeiro, com pelo menos 1 ano de experiência com sala de aula. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Essa pesquisa não fornece qualquer tipo de remuneração aos participantes e nem com despesas eventuais para a realização das conversas.Será garantido o anonimato do participante durante toda a descrição da conversa, garantindo os direitos legais do indivíduo e respeitando os princípios éticos da instituição vinculada Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Sua participação nesta pesquisa consistirá em preencher o formulário disponibilizado de forma online, com questões prévias sobre formação acadêmica/profissional, posteriormente, entraremos em contato para a realização de uma conversa em formato online, sendo feito o registro por meio de gravação de áudio e vídeo para posterior análise da pesquisadora, sobre a temática de corpos plurais, gênero e sexualidades na Educação Física escolar, relacionando com suas experiências em sala de aula.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

A pesquisadora responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável/ coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: Fernanda Neiva Moura, Professora de Educação Física (UFRRJ), Mestranda em Educação, Cultura e Comunicação (FEBF/UERJ), e-mail: Fernandaneivaef@gmail.com - Telefone: (021) 98061-3960.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br - Telefone: (021) 2334-2180.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, _____ de_____de_____.

Assinatura do(a) participante:

_____

Assinatura da pesquisadora:

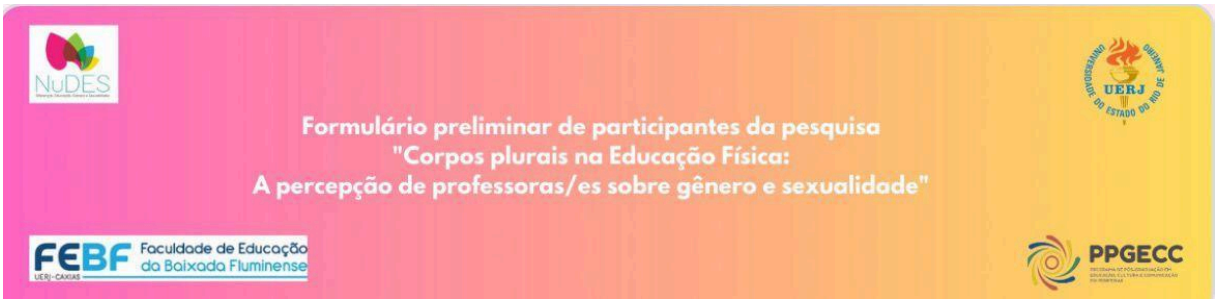
_____

Rubrica do(a) participante

Rubrica da pesquisadora

_____ _____

APÊNDICE B - Formulário de participação da pesquisa



A presente pesquisa de Mestrado, com título provisório: **"CORPOS PLURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS/ES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE",** de autoria de Fernanda Neiva e sob orientação do Prof. Dr. Ivan Amaro, vem sendo produzida no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa tem por objetivo geral investigar as percepções das professoras e professores de Educação Física que atuam no Ensino Básico, considerando os corpos e suas relações com as questões de gênero e sexualidade em suas aulas e os atravessamentos no cotidiano das/os discentes.

Este formulário tem a finalidade de produzir dados para posterior análise. Assim, buscam-se informações preliminares sobre a caracterização das/dos participantes, bem como informações acerca de sua formação e atuação profissional no campo da Educação Física escolar. Ao final, convidaremos às/aos que assim desejarem para realização de conversas para aprofundarmos as informações a partir de suas experiências com a presença dos corpos plurais na escola e suas relações com a temática de gênero e sexualidade na Educação Física escolar.

O formulário, portanto, é voltado apenas para PROFESSORAS e PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE ATUAM EM ESCOLAS DE ENSINO BÁSICO - ENSINO FUNDAMENTAL E/OU ENSINO MÉDIO - PÚBLICAS E/OU PRIVADAS.

Informamos que ao preencherem o formulário, vocês autorizam, automaticamente, o uso dos dados para a pesquisa, resguardando-se a identidade de cada participante, conforme rezam os preceitos da ética na pesquisa. Informamos, ainda, que a participação na pesquisa não envolve qualquer relação remuneratória.

Contamos com a colaboração de todas, todos e todes! E, agradecemos imensamente!

1. Nome
2. Email para contato
3. Telefone
4. Idade
5. Identidade de gênero
6. Sexualidade
7. Qual a sua formação na graduação? (Contendo ano de conclusão e instituição)
8. Você tem alguma formação em nível de Pós-Graduação? Especialização, Mestrado, Doutorado?
9. Se sim, qual curso e instituição?
10. Local de atuação (Instituição pública? Privada? Em que localidade? Em qual nível de escolaridade?)
11. “Aceita ser contatada/o posteriormente para participar de uma Conversa sobre as experiências das/os professoras/es de Educação Física envolvendo Gênero e Sexualidades no ambiente escolar?’’

APÊNDICE C - Tabela de Teses consultadas

TABELA 2 - TESES

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
1	2013 **Tese**	Programa de Pós-Graduação em Educação/ UFRGS	**A (hetero)normalização dos corpos em práticas pedagógicas da educação física escolar** **Palavras-chave:** Educação Física escolar; Gênero; Sexualidade; Heteronormatividade; Regionalidade; Teoria Queer; Pós-estruturalismo.	Priscila Gomes **Dornelles**
2	2020 **Tese**	Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPB	**Cartas para Rebeca: reflexões docentes sobre as violências contra meninas e mulheres em uma escola policial militar** **Palavras-chave:** Gênero; Violência contra a mulher; Currículo; Cultura escolar; Práticas pedagógicas	Ana Cristina Batista de Souza **Rosa**
3	**2019** Tese	Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC	**Sujeitos jovens e adultos LGBT: diálogos sobre gênero, sexualidade e escolarização** **Palavras-chave:** Educação; Gênero; Sexualidade; Escolarização	Samira de Moraes Maia **Vigano**
4	**2018** Tese	Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências/ UFBA	**"ENTRE FLORES NO JARDIM" - Histórias de vida e formação: uma análise sobre gênero e sexualidade entre egressos/as do curso de Ciências Biológicas da UEFS** **Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Ciências Biológicas. Abordagem (auto)biográfica. Narrativas.	Andréa Silene Alves Ferreira **Melo**

Continua

Conclusão

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
5	**2023** Tese	Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFBA	**O papel da escola no processo de construção de gênero em pessoas trans** **Palavras-chave:** Escola. Transgeneridade. Teoria Queer. Teoria do Self Dialógico. Psicologia Semiótico-Cultural.	Cristiana Kaipper **Dias**
6	**2012** Tese	Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias/UFRRJ	**Diagnóstico e controle das coccidioses causadas por espécies do gênero Isospora Schneider, 1881 (Apicomplexa : Eimeriidae) em pássaros mantidos em regime de quarentena** **Palavras-chave:** coccidiosis;anticoccidial drugs;periodicity;Isospora	Cleide Domingues **Coelho**

APÊNDICE D - Tabela de dissertações consultadas

TABELA 3 - DISSERTAÇÕES

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
1	**2024** Dissertação	Programa de Pós Graduação em Educação Física/UFRN	**Relações de gênero e sexualidade nas aulas de educação física: uma revisão de escopo sobre as concepções e práticas docentes** **Palavras-chave:** Educação física - escolar; Sexualidade; Gênero; Práticas pedagógicas	Natalya Maria Marinho da **Silva**
2	**2012** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPR	**Corpo, gênero e sexualidade na educação física escolar : uma cartografia das práticas discursivas em escolas do Paraná** **Palavras-chave:** Educação física – Estudo e ensino; Corpo; Gênero; Sexualidade	Gabriela Chicuta **Ribeiro**
3	**2013** Dissertação	Programa de Pós-graduação em Educação/ UFJF	**Professores de educação física em questão – corpo, relações de gênero e sexualidades** **Palavras-chave:** Educação Física; Estágio; Formação de professores; Subjetividades; Gênero; Sexualidades	Denis Mauro Rodrigues de **Souza**

Continua

Continuação

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
4	**2009** Dissertação	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo/PUC-SP	**Currículo, Educação Física e diversidade de gênero** **Palavras-chaves:** Currículo; Gênero;Equidade	Fabio Alves dos Santos **Pereira**
5	**2021** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRRJ	**Gênero na formação docente da UFRRJ e na Educação Física escolar do Ensino Médio: um debate sobre discriminações** **Palavras-chave:** Gênero; Educação Física; Ensino Médio; Formação docente	Laís Silva **Campos**
6	**2014** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação Física/UFSC	**Perform(atividade) na escola: reflexões sobre gênero na educação física** **Palavras-chave:** performatividade de gênero. teoria queer. Educação Física escolar.	Julia Mara Pegoraro **Silvestrin**
7	**2020** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRRJ	**Gênero, sexualidades e corporeidade: problematizações do corpo dentro do sistema socioeducativo do Rio de Janeiro** **Palavras-chave:** Gênero; Sexualidades; Corporeidade; Socioeducação	Aline da Fonseca **Barros**

Continua

Continuação

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
8	**2013** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática/UFS	**Sexualidade e gênero : percepções de estudantes e professoras do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Itabaiana** **Palavras-chave:** Educação - Itabaiana (SE); Educação sexual; Ensino fundamental; Pedagogia crítica	João Rogério Menezes de **Santana**
9	**2019** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola/UFRRJ	**Investigação das crenças de estudantes sobre a educação em sexualidade no ensino integrado do IFMG-SJE** **Palavras-chave:** Educação; Sexualidade; Adolescência; Gênero; Diversidade sexual	Erika Euzébio **Oliveira**
10	**2023** Dissertação	Programa de Pós-graduação em Educação/UFF	Um olhar para as questões de gênero nas aulas de educação física a partir das experiências de uma professora **Palavras-chave:** Narrativa; Gênero; Currículo Cultural; Educação Física	Mateus Gomes de Loureiro **Alves**
11	**2021** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFBA	**A geografia física crítica como estratégia pedagógica para a inclusão escolar** **Palavras-chave:** Geografia - Estudo e ensino; Educação para Equidade; Geografia Escolar e Neurociência; Professores de geografia - Formação; Igualdade na educação; Educação	Izis Thelma Araújo **Santiago**

Continua

Continuação

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
12	**2016** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras/Unesp-Araraquara	A educação sexual no portal do professor-MEC: Estudo analítico-descritivo das temáticas referentes à sexualidade no espaço da aula **Palavras-chave:** Sexualidade; Educação Sexual; Escola; Tecnologias de Informação e Comunicação; Portal do Professor	Fernanda **Reis**
13	**2021** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática/UFP	**Estamos preparando Licenciados/as da área de Ciências da Natureza para falar sobre Diversidade Sexual e de Gênero na Educação Básica? Uma investigação a partir do Ensino de Ciências.** **Palavras-chave:** Licenciatura. Diversidade. Sexualidade. Gênero. Ciência.	Bruna Peres **Viana**
14	**2020** Dissertação	Programa de Pós-graduação Sociologia em Rede Nacional/Unesp	Gestação juvenil, falando de um lugar: uma escola pública de Araçatuba/SP **Palavras-chave:** Gravidez juvenil , Educação em sexualidade, Ensino de sociologia	Laís Regina da Silva **Paiva**
15	**2024** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação Física/UFRN	**A produção do conhecimento sobre o Círculo de Cultura de Paulo Freire e sua repercussão para a Educação Física Escolar** **Palavras-chave:** Educação física - escola;Paulo Freire;Círculo de cultura;Revisão integrativa;Estudos pedagógicos;Teoria	João Márcio Fialho **Sampaio**

Continua

Continuação

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
16	**2023** Dissertação	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de Formadores/ PUC-SP	**Trajetórias formativas, gênero e subjetividade: representações sociais de professoras da Educação Infantil** **Palavras-chave:** Gênero; Representações Sociais; Educação infantil	Keila Cristina Rocha **Carvalho**
17	**2022** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação/USP	**Encontros no cu do mundo: alianças entre os estudos feministas, queer (decolonial) e a Educação Física cultural** **Palavras-chave:** Currículo cultural Decolonial; Educação Física; Gênero; Queer	Cyndel Nunes **Augusto**
18	**2022** Dissertação	Programa de PósGraduação em Educação/UFV	A construção da homossexualidade nos espaços escolares: vivências e descobertas **Palavras-chave:** Homossexualidade e educação. Ambiente escolar. Homofobia nas escolas. Educação básica	Patrick dos Santos **Silva**
19	**2008** Dissertação	Programa de PósGraduação em Educação/UFPN	**PRODUZINDO NARRATIVAS, (EN)GENDRANDO CURRÍCULO: subjetivação de professoras e a invenção da ESEF/Pelotas-RS** **Palavras-chave:** Formação de professoras. Relações de gênero. Currículo da Educação Física.	Viviane Teixeira **Silveira**

Continua

Continuação

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
20	**2022** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola/UFRRJ	**O corpo no curso de licenciatura em educação física da UFRRJ: formação e transformação a partir de uma perspectiva decolonial** **Palavras-chave:**Corpo; Licenciatura em Educação Física; Pedagogia Decolonial; Matriz curricular; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Elionai Ribeiro Almeida **Dias**
21	**2021** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática/UFRRJ	**O corpo e a escola: o ensino para além de um corpo biológico** **Palavras-chave:** Conhecimentos Prévios;Ensino e Aprendizagem em Ciências;Alfabetização científica;Corpo Humano	Marcella Pereira Barbosa **Guimarães**
22	**2017** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião/UMESP	NOVOS PANORAMAS PARA O ENSINO RELIGIOSO: Uma análise do modelo das Ciências da Religião para o Ensino Religioso nas escolas públicas, tendo em vista os aspectos da transdisciplinaridades, transreligiosidade e pluralismo religioso **Palavras-chave:** Ensino religioso, transdisciplinaridades, transreligiosidade, ethos, Pluralismo religioso	Ronald Lima da **Silva**

Continua

Continuação

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
23	**2017** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião/UMESP	NOVOS PANORAMAS PARA O ENSINO RELIGIOSO: Uma análise do modelo das Ciências da Religião para o Ensino Religioso nas escolas públicas, tendo em vista os aspectos da transdisciplinaridades, transreligiosidade e pluralismo religioso **Palavras-chave:** Ensino religioso, transdisciplinaridades, transreligiosidade, ethos, Pluralismo religioso	Ronald Lima da **Silva**
24	**2012** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola/UFRRJ	**A construção de competências técnicas e a qualidade do leite nas propriedades de alunos do Instituto Federal Catarinense - Campus Concórdia** **Palavras-chave:** Educação Agrícola;Composição do Leite;Bovinocultura	Luís Carlos **Arruda Júnior**
25	**2016** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação/UFTM	**Elaboração de livro paradidático para o Ensino de Probabilidade: o trilhar de uma proposta para os anos finais do Ensino Fundamental** **Palavras-chave:** Livro Paradidático. Ensino de Probabilidade. Ensino Fundamental. Teoria Antropológica do Didático.	Valéria **Ciabotti**

Continua

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
26	**2022** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRRJ	**Currículo Ciberqueer: autorías LGBTQIA+ na cibercultura** **Palavras-chave:** Currículo Queer;Ciberqueer;Pesquisa-formação na cibercultura;Cibercultura;LGBTQIA+;Transexuais/Travestis;Oficinas pedagógicas	Fábio dos Santos **Coradini**
27	**2013** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Agronegócio da Escola de Agronomia/UFG	Infância, trabalho e socialização em Itapuranga-GO: agricultura familiar em contexto de mudanças **Palavras-chave:** agricultura familiar, políticas públicas, Programa Bolsa Família.	Blenda Domingues **Bittencourt**
28	**2017** Dissertação	Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Atenção à Saúde/ UFTM	**Validação do World Health Organization Disability Assessment Schedule (WHODAS 2.0) para pessoas com obesidade mórbida** **Palavras-chave:** Estudos de Validação, Condições de Saúde, Obesidade Mórbida.	Kátia Ariana **Borges**

APÊNDICE E - Tabela do Estado de conhecimento

TABELA 4 - ESTADO DO CONHECIMENTO FINAL

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
1	**2023** Dissertação	Programa de Pós-graduação em Educação/UFF	**Um olhar para as questões de gênero nas aulas de educação física a partir das experiências de uma professora** **Palavras-chave:** Narrativa; Gênero; Currículo Cultural; Educação Física	Mateus Gomes de Loureiro **Alves**
2	**2021** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRRJ	**Gênero na formação docente da UFRRJ e na Educação Física escolar do Ensino Médio: um debate sobre discriminações** **Palavras-chave:** Gênero; Educação Física; Ensino Médio; Formação docente	Laís Silva **Campos**
3	**2013** Tese	Programa de Pós-Graduação em Educação/ UFRGS	**A (hetero)normalização dos corpos em práticas pedagógicas da educação física escolar** **Palavras-chave:** Educação Física escolar; Gênero; Sexualidade; Heteronormatividade; Regionalidade; Teoria Queer; Pós-estruturalismo.	Priscila Gomes **Dornelles**

Continua

Conclusão

Nº	Ano/Modelo	Programa/IES	Título/Palavras-chave	Autoria
4	**2013** Dissertação	Programa de Pós-graduação em Educação/ UFJF	**Professores de educação física em questão – corpo, relações de gênero e sexualidades** **Palavras-chave:** Educação Física; Estágio; Formação de professores; Subjetividades; Gênero; Sexualidades.	Denis Mauro Rodrigues de **Souza**
5	**2012** Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPR	**Corpo, gênero e sexualidade na educação física escolar : uma cartografia das práticas discursivas em escolas do Paraná** **Palavras-chave:** Educação física – Estudo e ensino; Corpo; Gênero; Sexualidade	Gabriela Chicuta **Ribeiro**
6	**2009** Dissertação	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo/PUC-SP	**Currículo, Educação Física e diversidade de gênero** **Palavras-chaves:** Currículo; Gênero;Equidade	Fabio Alves dos Santos **Pereira**